



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ELISEU TEIXEIRA LOPES

**A pedagogia catequética segundo o “*De catechizandis rudibus*” de Santo Agostinho**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Doutor Isidro Pereira Lamelas

Lisboa  
2012



«Tendo presente que a caridade deve ser o fim de tudo quanto explicas, fá-lo de modo que a pessoa a quem tu diriges, ao escutar-te creia, crendo espere e esperando ame». *De Catechizandis Rudibus*, 4, 8.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

### De carácter geral

Cap.	Capítulo
Cf.	Conferir, confrontar
Col.	Coluna
Dir.	Director, dirigido
Ed.	Edição ou editor
Séc.	Século
Ss.	Seguintes
T.	Tomo
Trad.	Tradução
Vol.	Volume

### Bíblicas

1 Cor	Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios
1 Jo	Primeira carta de São João
1 Pe	Primeira carta de São Pedro
1Tm	Primeira carta de São Paulo a Timóteo
2 Cor	Segunda Epístola de São Paulo aos Coríntios
2 Pe	Segunda carta de São Pedro

Act	Livro dos Actos dos Apóstolos
Col	Epístola de São Paulo aos Colossenses
Dt	Livro do Deuterónimo
Ex	Livro do Êxodo
Fl	Epístola de São Paulo aos Filipenses
Gal	Epístola de São Paulo aos Gálatas
Gen	Livro dos Géneses
Heb	Carta aos Hebreus
Jo	Evangelho Segundo São João
Js	Livro dos Juízes
Lc	Evangelho Segundo São Lucas
Mt	Evangelho Segundo São Mateus
Prov	Livro dos Provérbios
Rom	Epístola de São Paulo aos Romanos

### **Periódicos e coleções**

AAS	Acta Apostólica Sedis
AHI	Augustinian Historical Institute
AL	Augustinus Lexicon
AM	Augustinus Magister
BA	Bibliothèque Augustinienne
BAC	Biblioteca de Autores Cristianos

CCL	Corpus Christianorum Latinorum
CSEL	Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum
DACL	Dictionnaire d'archéologie Chrétienne et de Liturgie
DCFT	Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia
DELL	Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine
DLFAC	Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens
EB	Études Bibliques
ETA	Estudio Teológico Agustiano
Ins. Patr. Augt.	Instituto Patristicum «Augustinianum»
LV	Lumen Vitae
NDC	Nuevo Diccionario de Catequética
PL	Patrologiae cursus completus, series latina,
RB	Revue Bénédictine
Rech. Augt.	Recherches Augustiniennes
Rev. Étud. August.	Revue des Études Augustiniennes
RSR	Recherches de Science religieuse
SC	Sources Chrétiennes

### **Fontes**

Acad.	CÍCERO, <i>Academia</i>
Ad Fort.	SÃO CIPRIANO, <i>Ad Fortunatum</i>
Adv. Haer.	IRENEU, <i>Adversus Haeresis</i>

Adv. Marc.	TERTULIANO, <i>Adversus Marcionem</i>
Comm. In Dan.	HIPÓLITO, <i>Coméntario ao Livro de Daniel</i>
DCR	AGOSTINHO, <i>De Catechizandis Rudibus</i>
Epist.	<i>Epístola</i>
Expos. Euang. sec. Lucam	AMBRÓSIO, <i>Exposição ao Evangelho Segundo São Lucas</i>
Georg.	VIRGÍLIO, <i>As Geórgicas</i>
Inst. Orat.	QUINTILIANO, <i>Instituto Oratoria</i>
Metam.	OVÍDEO, <i>Metamorphoses</i>
Rerum rust.	VARÃO, <i>Rerum Rusticarum</i>
Rhet. ad Her.	CÍCERO, <i>Rhetorica ad Herennium</i>

## INTRODUÇÃO

*A pedagogia catequética segundo o «De Catechizandis rudibus» de santo Agostinho*, é o tema que nos propomos tratar no nosso estudo de investigação. O trabalho tem como objetivo refletir sobre a maneira como santo Agostinho, conhecido pela sua arte e pedagogia de ensinar e pela sua eloquência do discurso, aborda a questão da catequese e da instrução na fé.

Digamos que, no contexto da Nova-Evangelização em que a Igreja hoje se situa, o texto que nos inspirou e nos levou a escolher este tema é a passagem do *Evangelho de São Mateus* que diz: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 19-20).

Ora, para responder a este desafio, a Igreja seguiu vários caminhos e ensaiou diferentes métodos ao longo da história, conforme as circunstâncias e desafios que foi encontrando, e procurou consciencializar-se de que todos devem fazer parte desta tarefa evangelizadora, sobretudo os missionários e aqueles que desempenham um papel importante no seio da Igreja, com o intuito de levar a Boa-Nova a todos os homens.

Um destes caminhos que a Igreja vem traçando ao longo dos tempos para levar este mandado evangélico a todos os homens tem sido a catequese, como forma privilegiada de transmissão da fé. No exercício continuado desta comunicação da fé, os pastores da Igreja procuraram ter em conta os tempos, os

lugares e as culturas, nas suas expressões mais significativas, nos seus valores e riquezas específicas, para depois ajudar estas mesmas culturas a fazer surgir da sua própria tradição viva, expressões de vida, de celebração e de pensamento cristão<sup>1</sup>.

Digamos que é também motivados por este pensamento da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, a que acabamos de fazer referência, que pensámos estudar um modelo da Igreja antiga a pensar na catequese da Igreja de hoje.

Afinal a questão da Nova-Evangelização hoje tão debatida e valorizada não é assim tão “nova”, uma vez que, como já adiantámos, nasce do mandato original de Cristo.

Daí fazer sentido escolher santo Agostinho que, entre os Padres da Igreja, ocupa um lugar de relevo, tanto como pastor como enquanto teólogo da Igreja e pensador que reflete sobre a experiência concreta da Igreja. Ora uma das experiências mais ricas que sempre foi devidamente reconhecida como essencial na Igreja é a catequese. Agostinho foi um grande pastor e catequista. Mas foi também dos primeiros a teorizar sobre o *modo* de exercer e viver esta experiência.

Fica assim justificada a nossa opção de estudar o *De catechizandis rudibus*, como uma proposta exemplar para uma renovação da catequese na Igreja.

Tendo pois, como fonte principal a obra agostiniana “Sobre a catequese dos principiantes” (*De catechizandis rudibus*), pretendemos ter em consideração o

---

<sup>1</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, Roma, 1979, n.º 53.

caminho proposto pelo nosso autor durante o percurso de ensino da catequese elementar. O nosso trabalho será dividido em quatro capítulos, que se complementam mutuamente.

Assim sendo, achamos por bem, no primeiro capítulo, fazer uma breve referência à dimensão da catequese, toda ela, como um canal transmissor da fé cristã. Pretenderemos abordar o tema da catequese, não tanto como realidade histórica e eclesial no seu todo, mas enquanto forma privilegiada de transmitir a fé. Mesmo assim, parece-nos fundamental fazer uma contextualização da catequese no âmbito histórico e eclesial em que o nosso autor se situa. Para tal é bom perceber as gêneses da catequese cristã, as suas raízes bíblicas e eclesiais, e também a renovação e a revalorização que esta teve com o avançar dos tempos, sobretudo com os movimentos catequéticos até chegar ao Concílio Vaticano II, onde ela teve uma renovação não só de conteúdo como também de pedagogia. Abordaremos também a questão do catecumenato no tempo de Agostinho e procuraremos mostrar, em última análise, a dimensão pastoral e a sensibilidade de pastor e catequista presente no bispo de Hipona. Naturalmente, não podíamos deixar de fazer uma referência, ainda que breve, sobre a maneira carinhosa e apaixonada como ele instruía e ensinava, revelando uma enorme pedagogia da fé. Partindo sempre do modelo e do exemplo de Cristo Bom Pastor, Agostinho revelava ser também ele um bom pastor e um bom mestre de todos aqueles que buscavam receber a instrução cristã.

No segundo capítulo, estudaremos a catequese do Hiponense com base na sua obra. Por isso, faremos uma contextualização do texto e, como manual de

instrução catequética que é, procuraremos fazer uma divisão abrangente do documento, centrando-se sobretudo nos dois modelos de catequese: um longo e outro breve, que o nosso autor propõe ao diácono cartaginês, Deográtias. Procuraremos também elucidar-nos sobre os destinatários da catequese agostiniana, a partir da própria expressão “rudes”, como Agostinho designa os iniciantes na fé. É importante dizer que os candidatos à evangelização eram chamados de “rudes” (não cultivados), mesmo se instruídos em matérias da ciência, caso fossem ignorantes no que ao conhecimento de Cristo e à essência do viver cristão dizia respeito. A delimitação semântica destes destinatários (rudes) é, de fato, de capital importância na determinação do método e conteúdo catequético.

No terceiro capítulo, iremos refletir sobre a teoria catequética apresentada pelo nosso autor. É o capítulo central, que visa sublinhar os traços mais importantes da pedagogia de santo Agostinho segundo o modelo da catequese que ele propõe a Deográtias. Com perspicácia e com um profundo conhecimento de causa, o nosso autor faz um elenco das dificuldades que o catequista pode encontrar no decorrer da catequese. Dificuldades estas que têm a ver com a narração e a exposição teológica dos conteúdos, mas também com a maneira de atuar em muitas circunstâncias. Para todos os problemas e desafios o santo Hiponense apresenta os “remédios” e as diretrizes a seguir, pois ele sabe que o amor de Deus tudo supera. O “remédio” por excelência é a *hilaritas*, que faz com que o catequista desempenhe a sua função sempre com alegria, procurando levar a fé, com caridade, como resposta às necessidades mais profundas do homem e

fazer com que a mensagem da Boa- Nova chegue a todos como benção de Deus, como gozo e alegria que devem ser completos, pois Deus ama aquele que dá com alegria.

No último capítulo, abordaremos os conteúdos da catequese delienados por Agostinho. Depois de, no capítulo terceiro, termos apresentado a teoria à volta da narração e da exortação, vamos, finalmente, rematar e preencher, por assim dizer, estas teorias com os conteúdos da fé que o nosso autor mais salienta. As *mirabilia Dei* ao longo da história da salvação preenchem, naturalmente, toda a exposição da catequese, que deve apontar para a Pessoa de Cristo, o *Christum Narrare*, prova do amor de Deus pelos homens. Contudo, a catequese deve terminar com as exortações e admoestações que levam os candidatos a entrarem na Igreja e a cumprir os mandamentos de Deus, que se resume no amor a Deus e ao próximo. Enfim, todo o conteúdo e o objetivo da catequese deve a fazer com que o homem creia, espere e ame a Deus.

Advertimos, finalmente que, ao elaborarmos este trabalho, não pretendemos fazer um estudo exaustivo sobre a pedagogia catequética de santo Agostinho nem tomamos o texto como retrato único e definitivo da catequese da Igreja do seu tempo e muito menos do nosso tempo. Somos conscientes deste e de outros limites do nosso trabalho. Mas mesmo assim quisemos arriscar a experiência deste “regresso às fontes” sempre inspiradoras da nossa fé e edificação eclesial.

# CAPÍTULO I

## A Catequese e a transmissão da fé

Com este capítulo, pretendemos apresentar e situar alguns aspetos explicativos sobre a dimensão da catequese e a sua importância na transmissão da fé nos primeiros séculos da Igreja.

Mais do que fazer uma descrição completa e um percurso histórico da catequese, pretendemos, antes de mais, contextualizar, uma vez que estamos a estudar a pedagogia catequética segundo o DCR, ou seja, a catequese segundo o bispo Hiponense no contexto do catecumenato da catequese do seu tempo.

E, uma vez que estamos a tratar da pedagogia e do método catequético de santo Agostinho, não poderíamos deixar de fazer referência, como é natural, à sua experiência pastoral; ele que foi e continua sendo um modelo de catequista e de pastor de almas.

### 1.1 A renovação da catequese pelo regresso às fontes.

A catequese constitui, sem dúvida alguma, uma das «tarefas prioritárias»<sup>2</sup> da Igreja na sua missão de transmitir a fé. Na verdade, todas as ações realizadas pela Igreja<sup>3</sup> são portadoras de catequese, na medida em que cooperam, de diversas formas, no aprofundamento da fé daqueles que são instruídos através da ação

---

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, Roma, 1979, n.ºs 1 e 15.

<sup>3</sup> Ao falarmos das ações realizadas pela Igreja estamos a pensar nos diversos âmbitos da ação pastoral, como por exemplo: a ação profética, litúrgica, caritativa, etc..

evangelizadora. É neste sentido que o Papa João Paulo II nos dizia que «toda a atividade da Igreja tem uma dimensão catequética»<sup>4</sup>, ou seja, tem uma capacidade para educar e formar na fé os cristãos.

Apelando à raiz etimológica, a palavra catequese procede do grego «*katêchein*»<sup>5</sup> e significa «fazer ressoar» e proclamar desde o alto, como sucede quando uma pessoa quer fazer-se cristão e se lhe recorda os nomes de Deus ou de Cristo. Literalmente significa «ensinar» e «instruir» alguém mediante as palavras orais, diferente do ensinamento escrito. A catequese é, neste sentido, o anúncio da mensagem da salvação de modo a provocar uma adesão de fé viva e dinâmica.

Contudo, existe hoje uma tendência cada vez maior para designar como catequese todas as atividades da Igreja que favorecem a sua expansão entre os povos, a sua renovação e auto-realização<sup>6</sup>, isto é, todo o sector da evangelização e da missão.

De fato, à luz dos clássicos sectores da ação missionária da Igreja, exercida de maneira especial pelo ministério da Palavra<sup>7</sup>, a catequese constitui o meio mais adequado para a iniciação e instrução dos cristãos. Isto porque ela é uma arte que «ilumina e robustece na fé, nutre os homens com a vida segundo o espírito de

---

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, Roma, 1979, n° 49<sup>a</sup>.

<sup>5</sup> LIDDELL-SCOTT, *A greek English Lexicon*, Vol. 1, Col. 1, Oxford, 1968, 926-927.

<sup>6</sup> Cf. G. BIEMER. «Catequese» in DCFT, Paulus, São Paulo, 1993, Col. 1, 72.

<sup>7</sup> No ministério da Palavra encontramos três grandes sectores: anúncio kerigmático; a homilia e a catequese. Embora não seguindo uma sequência linear e natural, a Igreja realiza todos estes atos de uma forma coordenada e organizada. A catequese sucede, por assim dizer, o anúncio kerigmático, pois todo aquele que tem um primeiro encontro com Cristo e com a sua palavra é chamado a aprofundá-lo através da catequese. Para distinguir estes três conceitos propõem-se: cf. J. DANIÉLOU, *¿Que es la Catequesis?*, Celam-Claf, Marova, Madrid, 1968, 61.

Cristo»<sup>8</sup>. Efetivamente, a catequese é um ensino, um aprofundamento da fé na Pessoa de Jesus Cristo.

Neste sentido, assiste-se cada vez mais, hoje em dia, uma constante renovação da catequese. Aliás, com o «movimento catequético»<sup>9</sup>, que antecedeu o Concílio Vaticano II, houve uma viragem importante e decisiva na história da catequese. Graças ao regresso às fontes foi possível uma verdadeira reforma do catecumenato, da iniciação cristã e da catequese como itinerário de adesão à fé.

Neste sentido, o Concílio Vaticano II veio irradiar e consolidar algumas linhas de orientação e de renovação no que se refere ao itinerário catequético atual. Apesar de não dedicar nenhum documento específico à catequese, podemos dizer que esta sai do Concílio enriquecida com novos conteúdos e preparada para se encarregar das tarefas da renovação eclesial que o Concílio tanto preconizou. Isto porque, com efeito, «uma das finalidades do Concílio Vaticano II foi uma renovação pedagógica da fé para os homens do nosso tempo»<sup>10</sup>.

Assim sendo, a catequese é entendida atualmente como uma forma de evangelização<sup>11</sup> dos cristãos. De facto a catequese não é uma mera educação ou transmissão da doutrina cristã, mas é sobretudo uma iniciação à vida cristã direcionada a todas as idades, a todos os homens e a todas as culturas. Tem uma função evangelizadora e é também um dos instrumentos da inculturação.

---

<sup>8</sup> Concílio Vaticano II, Declaração *Gravissimum Educationis*, n° 4.

<sup>9</sup> É o movimento surgido no seio da Igreja Católica nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX e que coincide com diversos outros movimentos de renovação, motivados pelas novas orientações de pensamento; pelas renovações pedagógicas promovidas pelas ciências de educação; os estudos teológicos; mudança de contexto sócio-cultural, etc. cf. C. FLORISTÁN, *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca, 2009, 398ss.

<sup>10</sup> JOÃO XXIII, *Discurso de abertura do Concílio Vaticano II*, Roma, 11 de Outubro de 1962.

<sup>11</sup> Cf. PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 7ª ed., Braga, 1990, n°s 17, 22, 44, 47; *Catechesi Tradendae*, n° 18.

Digamos que, no seu novo desabrochar, a catequese atual, através de catecismos, apresenta uma pluralidade de formas, métodos, instrumentos, incitativas e experiências. Ocupa cada vez mais um lugar central na vida da comunidade eclesial, sobretudo através da Liturgia. Ela assume, neste âmbito, uma perspectiva também missionária, porque quer chegar a todos os homens de hoje, nas suas situações concretas, para oferecer-lhes a possibilidade de libertação plena em Cristo Jesus<sup>12</sup>.

## 1.2 A Catequese na Igreja Antiga

A catequese como transmissão da fé foi, naturalmente, a principal preocupação das comunidades cristãs desde os seus inícios. Digamos que ela nasce da fidelidade à palavra de Cristo ressuscitado dirigida aos seus discípulos: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado»<sup>13</sup>. Este apelo de Jesus faz com que a catequese seja uma realidade co-natural à Igreja, isto é, «uma experiência tão antiga como a Igreja»<sup>14</sup> e que é feita por aqueles que podem já testemunhar a doutrina de Jesus.

Este compromisso foi de tal modo assumido que logo na primeira comunidade cristã de Jerusalém, os discípulos «eram assíduos no ensino [*didaché*]

---

<sup>12</sup> Cf. III CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Semana Internacional de catequese de Medellín*, Medellín, 1986, nº 8.

<sup>13</sup> Mt 28, 19-20.

<sup>14</sup> Com este título inicia o segundo capítulo da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*.

dos Apóstolos»<sup>15</sup>. A mesma atitude se verificou nas posteriores comunidades pós-apostólicas, nas quais encontramos os *didaskaloi*<sup>16</sup>, que são os doutores e os catequistas que instruíam e aprofundavam os homens na fé.

Nos dois itens que se seguem vamos tentar perceber a origem e a fundamentação bíblica da catequese, bem como a distinção entre a catequese e o primeiro anúncio, ou seja, as primeiras tentativas de explicação da fé cristã.

### 1.2.1 Fundamentação Bíblica

Na realidade, o sentido original do que designámos hoje por catequese<sup>17</sup> – *katêchein* em grego – tem uma origem profana. Significa «falar desde cima» e era uma prática comum usada pelos poetas e atores durante os espetáculos de circo.

Na Bíblia encontramos o verbo *katêchein*<sup>18</sup> que, no grego bíblico, significa: «fazer ecoar» aos ouvidos algo vindo de cima, fazer eco da palavra de outrem que está acima; informar e comunicar uma notícia, isto é, dar uma instrução cristã (cf. Act. 18, 25; Rom 2, 18; Gal 6, 6). Trata-se, pois, de um ensino que é preferentemente oral e auditivo.

Segundo esta aceção, aparecem já no Antigo Testamento algumas referências que, de uma forma mais ou menos explícita, tentam sublinhar o conteúdo da fé de Israel e a sua transmissão de geração em geração (cf. Dt 6, 4-9).

---

<sup>15</sup> Act 2, 42.

<sup>16</sup> Cf. E. ALBERICH, *La catequesis en la Iglesia*, Madrid, 1991, 47; 87.

<sup>17</sup> Cf. V. M. PEDROSA ARÉS; R. L. RECALDE, «Catequesis. El término catequesis y su realidad teológico-pastoral en la historia» in NDC, San Pablo, Madrid, 1999, Vol. 1, Col. 2, 296; G. BIEMER. «Catequese» in DCFT, Paulus, São Paulo, 1993, 69-70.

<sup>18</sup> Cf. P. M. BEERNAERT, «Le verbe grec «katêchein» dans le N.T», in LV 44, Bruxelles, 1989, 377-387; A. EXELER, *Essencia y mission de la catequesis*, Barcelona, 1968, 172-181.

Isto porque a transmissão da fé tinha um papel importante no seio do povo (cf. Ex 12, 25-27; 13, 14; Js 4, 20ss).

O livro de *Deuterónimo*, por exemplo, apresenta-nos umas fórmulas breves de aprendizagem, o Credo histórico, orientadas por textos e normas dirigidos a todo o povo de Israel, como sinal da Aliança com Javé. A recitação constante dos textos (cf. Dt 6, 7-9) exercia uma função pedagógica e meditativa, em que o povo penetrava no sentido do texto bíblico e compreendia melhor a exigência da Aliança que Deus outrora fizera com os seus antepassados. Isto era muito patente sobretudo no período pós-exílico (cf. Prov 1-9), em que o povo era instruído no caminho da Sabedoria.

Uma vez que a preocupação dos Apóstolos era a de anunciar – fazer ressoar a Boa-Nova da salvação em conformidade com a Escritura –, encontramos, com efeito, no Novo Testamento, abundantes referências e ocorrências que nos indicam o processo catequético da transmissão da fé. E é neste sentido que o termo “catequese”<sup>19</sup> se relaciona com a transmissão e receção da palavra do Evangelho.

Assim, nos *Actos dos Apóstolos* (cf. Act. 18, 25), a catequese refere-se sobretudo ao anúncio da morte e ressurreição de Cristo. Da mesma forma, na *Carta aos Hebreus* (cf. Heb 6, 1-3), o termo significa um “ensinamento religioso”, que se recebe na instrução da fé, e, na *Epístola aos Romanos*, o termo refere-se à “instrução da lei” (cf. Rom 2, 18). Na *primeira Epístola aos Coríntios* (cf. 1 Cor 14, 19), o verbo *katechein* –“instruir os outros” – é usado no contexto cristão,

---

<sup>19</sup> Cf. J. DANIELOU, *La catechesi nei primi secoli*, Leumann, Torino, 1969, 60-62.

querendo significar um ensinamento rudimentar em oposição a outros ensinamentos que escapam à inteligência humana. Em Gal 6, 6, encontramos uma percepção de catequese que se tem conservado, por assim dizer, na Igreja, a saber: que o discípulo se submeta e entre em comunhão com o seu mestre que lhe ensina a Palavra.

Assim, uma vez que a catequese consiste em fazer “eco” ou ressonância da palavra de Deus, podemos dizer que no g nese da catequese cristã está antes de mais a Escritura Sagrada, que cont m o essencial da fé e que serve para iluminar e instruir na verdade da fé em Cristo Jesus.

### **1.2.2. Rela o entre o «primeiro anúncio» e a Catequese**

Antes da catequese, propriamente dita, os primeiros passos da transmissão da fé deram-se através do primeiro anúncio, ou seja, através do kerígma<sup>20</sup>. Aliás, devemos ter em considera o que, por impulso do renovamento catequético nos anos 50, começou a falar-se de «evangeliza o», distinguindo-a da catequese e de outras modalidades pastorais. Falou-se, portanto, de evangeliza o como atividade da Igreja que se identificava com o primeiro anúncio do Evangelho, e a catequese como a forma o sistemática dos crentes já evangelizados.

Daí convém relacionar e distinguir o primeiro anúncio da catequese.

Ora, podemos dizer que o kerígma   o primeiríssimo anúncio da Boa-Nova da salva o. O exemplo claro do que   o kerígma ou primeiro anúncio   o que nos

---

<sup>20</sup> Cf. J. DANIELLOU, *La catechesi nei primi secoli*, Leumann, Torino, 1969, 7-11.

é relatado no Livro dos *Actos dos Apóstolos*, no discurso do Apóstolo São Pedro à multidão, que se centra no essencial acerca de Cristo e diz que, depois de pregado na cruz, Cristo ressuscitou e está vivo (cf. Act 2, 22-36).

Sendo assim, o kerígma é a proclamação oficial, enquanto que a catequese coloca-se num segundo momento, por detrás do anúncio da palavra de Deus. Se o primeiro anúncio revela-nos o acontecimento da fé que é Jesus Cristo, a catequese tem por missão transmitir os conteúdos deste acontecimento da fé.

Assim, comparando ao kerígma, a catequese é mais completa, porque o primeiro anúncio «visa favorecer e tornar possíveis os primeiros passos da fé»<sup>21</sup>, enquanto que a catequese, em oposição ao kerígma, assume um significado específico, que é um ensinamento primeiro da comunidade cristã. Este ensinamento tem por missão edificar e formar na fé os que já receberam o primeiro anúncio<sup>22</sup>.

Embora estas duas vertentes estejam sempre ligadas, por assim dizer, no ato da transmissão da fé, podemos, no entanto, dizer que o primeiro anúncio precede a iniciação cristã, e a catequese, por sua vez, faz amadurecer e fortalecer a fé recebida. O primeiro anúncio faz nascer a fé em Cristo. Daí a prioridade do primeiro anúncio ser entendida antes de mais na base de todo o edifício da fé, que é Jesus Cristo<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> A. FOSSION, *La conversion missionnaire de la catéchèse. Proposition de la foi et première annonce*, LV, Bruxelles, 2009, 124.

<sup>22</sup> G. WOOD, *Didaché, Kerigma and Evangelization: New Testament Essays*, Manchester, 1959, 306-314.

<sup>23</sup> Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Questa è la nostra fede. Nota pastorale sul primo annuncio*, Paoline, Milão, 2005, nº6.

Segundo o pastoralista, Luca Bressan, o tema do primeiro anúncio cristão pode colocar-se em duas grandes vertentes: como dispositivo eclesial e como atividade evangelizadora concreta. Como dispositivo eclesial ele começa por definir o primeiro anúncio nos seguintes termos:

«Mais que uma prática por si só, mais que um segundo elemento, com “primeiro anúncio”, pretendo indicar um princípio organizativo, um estilo, uma espécie de elemento paradigmático que descreve e define o comportamento que a instituição eclesial assume em situações de fronteira, de encontro com as realidades, pessoas e situações externas aos seus circuitos habituais»<sup>24</sup>.

O autor faz referência a uma posição global que a Igreja como instituição deve assumir, sobretudo nesta situação de pós-cristandade, para conectar de novo, de modo atrativo e credível com os homens e mulheres do nosso tempo. Por isso fala de um dispositivo amplo e de um estilo que devem ter as intervenções das plataformas eclesiais e dos agentes de pastoral, especialmente ao entrar em contato com os não crentes e com os que habitualmente não frequentam os âmbitos de Igreja.

Por outro lado, como prática evangelizadora concreta, o primeiro anúncio é entendido como àquela atividade ou conjunto de atividades que têm por objetivo propor a mensagem nuclear do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo, àqueles que, tendo-o conhecido se afastaram d’Ele, e àqueles que crendo já não o conhecem suficientemente e vivem uma fé cristã rotineira, com a intenção

---

<sup>24</sup> L. BRESSAN, «Quali esperienze di annuncio proporre?», in *Notiziario dell’Ufficio Catechistico Nazionale*, n° 1, Abril, 2001, 61.

de suscitar em todos eles um interesse por Jesus Cristo capaz de levar a uma primeira adesão ou a uma revitalização da fé n'Ele.

Em suma, podemos dizer que o primeiro anúncio ou o kerígma, sendo uma intervenção oral breve e incisiva que é dirigida à vontade do interlocutor, com a intenção de o mover, vem despertar o interesse no recetor. Para tal, deverá ser uma palavra inaugural que contém a novidade, a Boa-Nova da salvação. E aquele que é o protagonista do primeiro anúncio deve tentar despertar no destinatário o desejo de receber a fé cristã.

### **1.3 A catequese pré-agostiniana**

É difícil, em poucas linhas, dar uma ideia da assombrosa riqueza dos documentos catequéticos que nos chegaram da época patrística. Digamos que a seguir à época Apostólica, encontrámos o “eco” da fé da Igreja traçado nos seus dados essenciais e assente sobretudo no anúncio da paixão, morte e ressurreição de Jesus – o kerígma.

Sabemos que os Apóstolos e seus sucessores deram continuidade ao mandato de Cristo e realizaram esta missão de transmitir o Evangelho a todos os homens, e que na comunidade pós-Apostólica apareceram muitos conceitos para designar a realização concreta do mistério da palavra.

É neste sentido que assistimos, no período patrístico, ao fato de muitos santos padres emitirem ricas instruções e tratados sobre a catequese<sup>25</sup> e se empenharam na explicação da verdadeira fé e na ilustração dos mistérios cristãos. Isto porque, logo a seguir à comunidade Apostólica, nos primeiros séculos do cristianismo, perfilava-se em toda a parte um ardor enorme de transmitir o Evangelho, recebido outrora da boca dos Apóstolos e dos seus sucessores.

Vamos, então, mostrar, a título de exemplo e de uma forma sintética, alguns exemplos dos primeiros passos da catequese, no período compreendido entre a era pós-Apostólica e o catecumenato, propriamente dito.

Ora, de entre os escritos mais antigos, transmissores da primitiva estrutura catequética, sobressai a *Didaché* (ano 70), isto é, a «*Doutrina dos Doze Apóstolos*»<sup>26</sup>. É um manual de *instrução moral* (as duas vias), que, entre muitos outros aspetos, salienta o carácter da iniciação ao Batismo e à Eucaristia. A *Didaché* foi considerada na antiguidade como um manual útil para o ensino dos catecúmenos. Pode afirmar-se com exatidão que esta obra constituía um complemento do kerigma e que pertencia à categoria das instruções particulares em que as exortações se faziam com as disposições disciplinares e organizativas. A catequese na *Didaché* desenvolve-se seguindo as “duas vias”: o caminho da luz e o das trevas – o de Cristo e o de Satanás.

O mesmo esquema (de dois caminhos) reaparecerá no *Pseudobarnabé* – (ano 100?), de procedência sírio-alexandrina. A primeira parte fala da catequese sacramentária, fundada sobre o cumprimento da profecia, e a segunda parte é uma

---

<sup>25</sup> Para um estudo aprofundado sobre a catequese primitiva na época patrística; cf. J. DANIÉLOU, *La catechesi nei primi secoli*, Leumann, Torino, 1969, 18-28.

<sup>26</sup> Cf. J.P. AUDET, *La Didaché, Instructions des Apôtres*, EB, J. Gabalda Éditeurs, Paris, 1958.

catequese moral, paralela à *Didaché*. Este manual oferece-nos um exemplo significativo da utilização do Antigo Testamento na catequese e fala de Cristo através da tradição oral, referindo a existência de *Testimonia*<sup>27</sup>; na *Doutrina dos Apóstolos* (séc. III) encontramos três obras diferentes: o “*Testamento*” do Senhor, que faz referência aos encontros de Jesus, depois da ressurreição, com os Apóstolos; a *Doutrina dos Apóstolos*, que é uma catequese dogmática e, por fim, a descrição da vida futura, ou o Apocalipse.

Clemente Romano (95/98), propõe, na sua *Carta aos Coríntios*, uma catequese eclesiológica centrada na harmonia da Igreja Católica. Esta obra compreende muitos símbolos e formas para expor a imagem da Igreja Universal e peregrina, e a sua concretização na Igreja Particular.

Inácio de Antioquia (anos 100-120), nas suas cartas, descreve uma doutrina cristológica e eclesiológica, contra o docetismo, e propõe uma autêntica *catequese sobre o martírio* como iniciação e preparação ao combate da fé.

É nesta linha que, a partir do séc. II, os cristãos começaram a sentir a necessidade de transmitir a fé também aos de fora, isto é, aos pagãos e aqueles que se encontravam longe da Igreja. E assim surgem as apologias, que constituem a primeira tentativa de uma catequese culta, em diálogo e confronto com a cultura pagã. Apareceram também muitas figuras importantes que com as suas obras deram um grande contributo em prol do desenvolvimento da catequese da sua época. Produziram-se obras que instruíam as comunidades cristãs e que defendia o cristianismo das outras culturas e pensamentos da época.

---

<sup>27</sup> Cf. J. DANIÉLOU, *La catechesi nei primi secoli*, Leumann, Torino, 1969, 19-20.

Estava assim preparado o terreno para o surgimento de centros ou “escolas” de ensino catequético<sup>28</sup>, nas distintas e principais Igrejas do Oriente e do Ocidente.

Assim, em Roma, por exemplo, o filósofo São Justino (165), depois da sua conversão, funda uma escola com a finalidade de expor a fé cristã aos crentes e pagãos. Nos seus escritos (as *Apologias* e o *Diálogo com Trifão*) oferece-nos uma exposição dos principais conteúdos da fé cristã (a unidade de Deus, a existência do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o dogma da criação, o nascimento, morte e ressurreição do Senhor e a salvação eterna). Ele assinala as etapas da iniciação cristã (encontro, instrução e recepção eclesial plena).

Mais tarde, em Alexandria, surge uma escola catequética – *didaskaleion*<sup>29</sup>, dirigida por grandes mestres e fundada por Orígenes (253-254), Atenágoras, Panteno e Clemente, com o seu livro o *Pedagogo*. A catequese alexandrina destinava-se essencialmente a preparar e formar os catequistas e mestres da fé através da exegese bíblica e refutação das heresias. Clemente considera o catecumenato como o tempo de conversão e formação moral.

No mundo latino, os primeiros passos da catequese surgem na Igreja de Cartago, com Tertuliano (160-240) e sobretudo com Cipriano (200-258). Do primeiro temos o manual o *Tratado sobre o Batismo*<sup>30</sup>, que fala particularmente sobre a catequese sacramental e incide sobre o sacramento do Batismo. São Cipriano, por sua vez, ajuda-nos a fixar uma terminologia em que destaca o uso de

---

<sup>28</sup> Cf. A. BOLIN- F.GASPARINI- G.ROCHA, *A catequese na vida Igreja. Notas de história*, Paulinas, Lisboa, 1996, 21-22.

<sup>29</sup> Cf. B. POUDERON, *D'Athènes á Alexandrie*, Quebec, Lovaina, Paris, 1997, 1-70.

<sup>30</sup> Cf. TERTULIANO, *Traité du Baptême*, Texto latino com tradução e anotação de R. F. REFOULÉ, SC, Le Cerf, Paris, 1952.

termos catequéticos como *catechumeni, audientes e doctores audientum*<sup>31</sup>. Dirigindo-se aos neo-batizados, escreveu uma catequese sobre o «Pai Nosso»<sup>32</sup>. Os seus escritos têm uma intenção catequética. Estes dois procuraram formar uma escola de vida cristã.

Na Igreja sírio-palestiniense, em Antioquia, aparece, muito mais tarde, nos finais do séc. III e inícios do séc. IV, uma grande escola catequética, da qual emana o tratado *Didascália dos Apóstolos*, um documento canónico-litúrgico em que se salientam os direitos e os deveres do bispo na comunidade cristã. Este documento reflete também o intenso processo de iniciação cristã.

Em suma, podemos dizer que a partir destes primeiros esboços e tentativa de reflexão sobre a catequese – no qual desenvolveram-se muitas obras e tratados importantes de cariz catequético – estava o caminho aberto para a iniciação do catecumenato. Ou seja, a partir das ditas “escolas” e tratados catequéticos, de que já fizemos referência, houve uma instituição e passagem para a prática do catecumenato, propriamente dito. Aliás, estas escolas serviram de trampolim para o aparecimento e desenvolvimento do catecumenato.

---

<sup>31</sup> E. ROMERO POSE, «Catequese en la época patristica», in NDC, San Pablo, Madrid, 1999, Vol. 1, Col. 2, 336.

<sup>32</sup> SÃO CIPRIANO, *De oratione Dominica*, 5, 9 PL 3, 1545.

## 1.4 O catecumenato: origem e desenvolvimento

Efetivamente, no séc. IV assistimos ao período áureo da história da catequese.

Para lá das citadas escolas catequéticas, os autores cristãos mais antigos informam-nos da existência, na época patrística, de um longo processo de preparação para o Batismo nas comunidades cristãs. De fato, se desde muito cedo sabemos existirem formas de preparação catequética mais ou menos organizadas, com a preparação do Batismo, sobretudo a partir do séc. IV, devido às adesões maciças ao cristianismo, sentiu-se a necessidade de reorganizar a disciplina catecumenal e toda a catequese da iniciação.

Embora o termo catequese fosse preferentemente usado nessa época para designar «uma instrução fundamental dada aos candidatos ao Batismo»<sup>33</sup>, as primeiras alusões ao catecumenato<sup>34</sup> remontam a São Justino, no séc. II (165), segundo o qual os candidatos ao Batismo recebiam um ensino oral e uma iniciação moral, como caminho que conduz ao Batismo e à Eucaristia. Em Justino o catecumenato provém do judaísmo que significa «*proseliti*»<sup>35</sup>. Todavia é com Hipólito de Roma<sup>36</sup> (séc. III) que o catecumenato ganha um significado específico e exclusivo, isto é, passa a ser um ato instituído.

Hipólito de Roma, na *Traditio Apostolica*, faz uma estruturação do catecumenato que consistia numa preparação remota, mediante uma primeira

---

<sup>33</sup> Clemente de Roma (séc. II), Apud, V. M. PEDROSA ARÉS; R. L. RECALDE, «La catequesis en la historia de la Iglesia», in NDC, San Pablo, Madrid, 1999, Vol. 1, Col. 2, 297.

<sup>34</sup> P. DE PUNIET, «Catéchuménat» in DA CL II, Paris, 1953, 2579-2621.

<sup>35</sup> JUSTINO, *Diálogo com Trifão*, 23, 3.

<sup>36</sup> Cf. B. BOTTE, *Hippolyte de Rome. La Tradition Apostolique*, Paris, 1946.

admissão em que se verificavam as motivações, estado de vida e profissão do candidato; a preparação próxima incluía um novo exame de admissão que servia para conhecer melhor a conduta de vida dos candidatos e, durante uma semana, numa preparação imediata, se lhe expunha as celebrações litúrgicas-batismais aos quais os catecúmenos se preparavam com oração, jejuns e restantes ritos diários<sup>37</sup>. Esta preparação tinha uma duração mais ou menos de três anos.

Neste sentido, o catecumenato compreende três grandes etapas claramente distintas<sup>38</sup>: na primeira etapa, como preparação remota ao Batismo, apresentavam-se os grandes fatos e maravilhas de Deus na história da salvação até o hoje da Igreja – a catequese Bíblica; na segunda etapa fazia-se o comentário da palavra de um texto doutrinal bastante pragmático, chamado *símbolo* e também oração dominical – a catequese doutrinal; na terceira etapa encerrava-se com a administração dos sacramentos da iniciação que conduz o neófito a entrar no mistério vivificante dos sacramentos, dentro da comunidade cristã – é a catequese mistagógica<sup>39</sup>.

Em suma, podemos dizer que o catecumenato é um caminho de conversão e formação catequética «que visa modificar a vida de quem pede o Batismo; integra-o progressivamente na liturgia cristã; familiariza-o com a Sagrada Escritura; leva-o a descobrir a centralidade de Jesus Cristo»<sup>40</sup>. Isto quer dizer que

---

<sup>37</sup> Cf. G. DHO; L. CSONKA; G.C. NEGRI, *Metodologia de la catequesis*, Sígueme, Salamanca, 1966, 86.

<sup>38</sup> Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, Ed. Secretariado nacional da catequese, 88-89, 107; 129; C. FLORISTÁN, *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca, 2009, 428-430.

<sup>39</sup> Cf J. DANIELOU-R. DU CHARLAT, *La catéchèse aux premiers siècles*, Fayard-Mame, Paris, 1968, 44-64; 89-90; 125-130; 249-260.

<sup>40</sup> A. BOLIN; F.GASPARINI; G.ROCHA, *A catequese na vida Igreja. Notas de história*, Paulinas, Lisboa, 1996, 46.

o catecumenato está constituído por dois elementos essenciais: a catequese e a liturgia, que culminam no Batismo e Eucaristia, introduzindo, assim, o crente na Igreja.

Neste sentido, podemos dizer que o catecumenato alcançou no séc. IV um patamar importante na vida da Igreja, isto devido a uma afluência cada vez maior de pessoas que queriam ser batizadas e também, como consequência disto, devido ao aparecimento de um conjunto de tratados catequéticos, redigidos por pastores e ilustres figuras catequéticas durante essa época.

Não nos podemos alongar muito neste tema, mas, de todos estes tratados catequéticos podemos enumerar os seguintes: *as Catequeses* de Cirílo de Jerusalém; *as Homilias Catequéticas* de Teodoro Mopsuéstia; os *Tratados Sobre os Sacramentos e Sobre os Mistérios* de Santo Ambrósio de Milão; *as Catequeses Batismais* de João Crisóstomo; o *Discurso Catequético* de São Gregório Niceno; o *De Catechizandis rudibus* de S. Agostinho<sup>41</sup>, ...etc..

Efetivamente, todos estes autores e os seus respectivos tratados permitem-nos obter, de certa forma, o acesso à tradição catequética da época patrística, que ficou conhecida por catecumenato. No entanto, dentre estes autores queremos destacar santo Agostinho e a catequese do seu tempo. A referida obra de Agostinho é, contudo, um caso à parte, como iremos mostrar.

---

<sup>41</sup> Cf. J. DANIÉLOU, *¿Que es la Catequesis?*, Celam- Claf, Marova, Madrid, 1968, 62-66.

### 1.4.1 O catecumenato e a catequese no tempo de Santo Agostinho

No tempo em que santo Agostinho viveu a pregação e a catequese começa a organizar-se em formas cada vez mais estruturadas, através de homílias e de pregações exortativas aos catecúmenos e aos fiéis.

No séc. IV, o catecumenato estrutura-se, conforme os destinatários, em dois graus diferentes<sup>42</sup>: os *auditores* eram os que se inscreviam para a receção do catecumenato e que recebiam uma primeira formação catequética, nomeadamente escutando as palavras e as pregações dos pastores; os *competentes*, no Ocidente, os *electi*, em Roma e os *fortizomenoi*, no Oriente, eram os que, depois de receberem a instrução inicial e os rudimentos cristãos, formavam parte dos que, prévia uma catequese especial, se preparavam durante quarenta dias para a receção ao Batismo, na Vigília Pascal. Entre os sermões de santo Agostinho encontramos vários que vão dirigidos expressamente «*ad competentes*». Por exemplo, o sermão 56 leva por título «*De oratione Dominica ad competentes*».

Outra divisão era feita entre os *Christianus* e os *fidelis*. Os *Christiani*<sup>43</sup> eram os catecúmenos que tinham recebido a signação da cruz, o *sacramentum salis*, e o rito da unção (esta era a ordem seguida em África, pois em Roma o rito da unção era seguido do rito de exorcismo, em que o candidato iniciava o catecumenato); os *fidelis*, por sua vez, eram os que já tinham sido batizados.

---

<sup>42</sup> Cf. V. GROSSI, *La catechesi battesimale agli initio del V secolo*, Ins. Patr. Augt., Roma, 1993, 13-15.

<sup>43</sup> Cf. E. LAMIRANDE, «La signification de *Christianus* dans la théologie de S. Augustin et la tradition chrétienne», in *Rev. Étud. August.* IX, Paris, 1963, 221-234.

Em Cartago, precisamente por influência do bispo Hiponense, encontramos um longo período de formação Batismal e uma organização muito articulada do catecumenato<sup>44</sup>, que era uma prática já há muito institucionalizada e estável. Encontramos uma indicação geral sobre o catecumenato que é válida também para as outras comunidades cristãs da época, pois a sua preparação tem uma base comum e uma estrutura fundamentalmente igual, isto porque os catecúmenos tinham uma instrução muito aprofundada e se lhes exigia o melhor empenho de vida conforme os princípios cristãos.

No tempo de santo Agostinho o objetivo da catequese, que ainda vigora hoje na Igreja, era o de formar os catecúmenos em ordem ao Batismo. Neste contexto, assistimos nesse período ao desenvolvimento de novas formas de pregação, anúncio e catequese: homilias, tratados catequéticos, instruções ocasionais, catequeses pré-batismais, batismos e mistagogias, e até manuais teóricos sobre a catequese. Neste caso, temos o exemplo do manual da metodologia catequética de Agostinho, o *De catechizandis rudibus*, que, a propósito, trata dos catecúmenos. As pautas da catequese agostiniana querem aproximar-se do sentido religioso e propõe ir mais além das explicações racionais, apontando um caminho da fé e da vivência moral, ou seja, como viver o compromisso cristão. Em toda a sua intenção catequética aparece a intenção

---

<sup>44</sup> O testemunho mais explícito é-nos oferecido por Tertuliano nas suas obras: *Apologeticum, De praescriptione haereticorum, De baptismo, De oratione*; cf. J. QUASTEN, *Patrologia* 1, 530-617. Nas obras de Orígenes: *adversus Celsum, Homilias*; cf. J. QUASTEN, *Patrologia* 1, 338-397. Para uma orientação geral sobre o catecumenato seguido nas catequeses de santo Agostinho, cf. I. RODRÍGUEZ, «El catecumenado en la disciplina de Africa según san Agustín», in *Contribución española a una misionología Agustiniana*, Burgos, 1955, 160-174.

pedagógica e pastoral. Contudo, deve dizer-se que esta obra não clarifica todos os problemas inerentes à organização do catecumenato.

No tempo de Agostinho, a palavra catequese recebe um significado mais preciso, ou seja, passa a ser como que uma premissa e um caminho em ordem à preparação Batismal<sup>45</sup>. A catequese é então dirigida, em primeiro lugar, aos catecúmenos que aderiam à fé cristã e se preparavam para os sacramentos da iniciação que os introduzirão na Igreja. Também há uma segunda catequese, por assim dizer, já bastante estruturada, dirigida aos neófitos, nas chamadas catequese mistagógicas. Chamavam-se assim porque versavam sobre os mistérios celebrados e recebidos. Os neo-batizados eram assim introduzidos na vivência e compreensão dos sacramentos da Igreja.

Assim sendo, no contexto rico e desenvolvido do catecumenato, não é de estranhar que o bispo de Hipona tivesse uma preocupação e dedicação especial pela catequese. Ele procurou contribuir para o aprofundamento da catequese e dos seus conteúdos. Nas suas pregações e sermões ele revela-se como um grande modelo de catequista e de eloquência viva e incisiva sobre os ensinamentos cristãos.

No seu tratado *De Doctrina Christiana*, sobre a pregação e, sobretudo, no *De Catechizandis rudibus* (em que nos centraremos a partir do segundo capítulo, nomeadamente as intuições pedagógicas e os conteúdos e teorias da fé) temos uma descrição nítida do que é a catequese e do que é ser catequista para ele.

---

<sup>45</sup> Cf. G. DHO; L. CSONKA; G.C. NEGRI, *Metodologia de la catequesis*, Sígueme, Salamanca, 1966, 85.

Neste sentido, e para entendermos melhor a catequese de santo Agostinho, abordaremos de seguida algumas características deste autor, que salientam a dedicação e o esmero que ele teve no ato catequético, isto é, vamos falar de santo Agostinho como catequista, pastor, pregador....

#### **1.4.2 Santo Agostinho, pastor e catequista**

A dimensão pastoral de santo Agostinho foi muito bem apresentada por F. VAN DER MEER<sup>46</sup>, retratando a disposição interior do santo Hiponense que o conduzia a uma atividade de cariz pedagógico e pastoral, como pastor de almas.

Nascido por volta do ano 354, em Tagaste da Numídia (atual Argélia), e depois de ter recebido o Batismo pelas mãos de Ambrósio (em 386)<sup>47</sup>, Agostinho começou de imediato a sua missão de pastor. Ordenado sacerdote em 391, volta a Hipona e ali exerceu o ministério da palavra. Em 395-396 é ordenado bispo auxiliar de Hipona e no ano seguinte exerceu o seu ministério pastoral como bispo titular da mesma diocese.

Para compreender a profundidade e o zelo pastoral de santo Agostinho possuímos um número elevado de escritos e sermões que nos fazem, de certa forma, penetrar no coração de pastor do bispo de Hipona.

Ora, como pastor que é, Agostinho aproveitava toda a oportunidade para dar a conhecer Cristo e a sua Igreja; é um místico e um profundo teólogo, protagonista de vários concílios celebrados na Igreja de então, sobretudo em norte

---

<sup>46</sup> Cf. F. VAN DER MEER, *San Agustín, Pastor de almas*, Biblioteca Herder, Barcelona, Vol. 65, 1965.

<sup>47</sup> Cf. AUGUSTINUS, *Confissões*, IX, 5-6, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2000.

de África. Agostinho tinha a clara consciência de que aquele que preside a uma Igreja há-de ser um humilde servidor, à semelhança de Cristo, o verdadeiro e o Bom Pastor<sup>48</sup>. Um pastor que cuida das suas ovelhas e as defende dos erros e dos falsos pastores, à semelhança de Cristo, o verdadeiro Pastor, que não buscou nem honras nem autoridade.

Tendo sempre presente este princípio, Agostinho não se cansou de servir os outros, de amar os seus fiéis com a consciência de ser um representante indigno da dignidade episcopal<sup>49</sup>. Ele considerava a cura pastoral da sua Igreja como o seu primeiro dever. Como servo dos servos de Deus sentiu-se no dever de encaminhar os homens para o Mestre, Jesus Cristo. Revela-se um pastor que cuida do seu rebanho e que não quer perder nenhum dos que lhe é confiado, pois queria salvar a todos<sup>50</sup>.

Sem esquecer a responsabilidade pelo seu rebanho, Agostinho revela a humildade que deve caracterizar um pastor. Isto ficou claro nas suas emotivas palavras, aquando da sua consagração episcopal:

«Hoje, pela generosa misericórdia de Deus, é consagrado para vós um Bispo [...]. O que sou para vós me atemoriza, mas aquilo que sou convosco me consola, porque para vós eu sou bispo, mas convosco sou cristão. O primeiro título é de um cargo recebido, o segundo, de uma graça. Aquele designa o perigo, ao passo que este, a salvação»<sup>51</sup>.

---

<sup>48</sup> Cf. POSSÍDIO, *Vita Sancti Augustini* 2,11, in PL 32, ed. Crítica e trad. italiana a cuidado de M. Pellegrino, Alba, 1955.

<sup>49</sup> Cf. AUGUSTINUS, *Sermão Guelferbitano 32: De ordinatione episcopi*, 1-4; 29, 4, CCL 41, 397-398.

<sup>50</sup> Cf. AUGUSTINUS, *Sermones* 17, 2, CCL 41, 237: «*propositis múnus impositum. Votum pii Pastoris*».

<sup>51</sup> AUGUSTINUS, *Sermones* 340, 1, PL 38, 1483.

Como pastor não se limitou a servir somente a Igreja de Hipona, onde desempenhava a função de bispo, mas através das suas cartas e obras exegéticas, teológicas e pastorais comunicava com todo o mundo cristão e não só, isto porque para ele «todo o mundo pede algo: uns pedem o Batismo, outros a reconciliação, outros a penitência, e todos buscam conselhos»<sup>52</sup>. Isto mostra-nos que ele era, sem dúvida, um pastor universal.

Enfim, podemos dizer que para o teólogo e bispo Hiponense a dimensão pastoral tinha um significado a partir de uma conexão mística e profunda entre Cristo e os fiéis, entre a cabeça e os membros, o pastor e o rebanho. Um exemplo concreto disto foi o que ele exibiu no seu tratado *De catechizandis Rudibus*, onde ele mostra-nos que o amor do pastor deve ser projetado para Cristo e para os irmãos.

Outrossim santo Agostinho não duvidava que o bispo devia ser um educador exemplar. É partindo desta convicção que ele foi, no seu múnus de governar e de ensinar, um grande catequista. Um educador distinto dos cristãos na fé. Porque, de fato, o objetivo inequívoco do nosso autor foi formar pessoas com os valores cristãos e evangélicos.

Com os seus conhecimentos práticos, ele soube encontrar uma pedagogia eficaz no procedimento da catequese<sup>53</sup>. Ensinar e aprender foi a atividade da sua vida. Aprende para ensinar e ensina para aprender, isto porque ele desejava mais

---

<sup>52</sup> Cf. F. VAN DER MEER, *San Agustín, Pastor de almas*, Biblioteca Herder, Barcelona, Vol. 65, 1965, 339.

<sup>53</sup> Cf. I. PEREIRA LAMELAS, *Santo Agostinho. A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, Coimbra, 2012, 9-13; 55-65.

ouvir o Mestre do que ser ouvido como mestre<sup>54</sup>. Ele é um mestre que se considerava discípulo e desejava que todos fossem discípulos da verdade, que é Cristo. Para Agostinho o catequista é um mero «instrumento»<sup>55</sup> nas mãos de Deus, pois este serve-se do ministério do catequista para comunicar o seu amor e misericórdia. Na verdade, o ofício do mestre e do catequista é transmitir a ciência e a sabedoria de Deus.

Os dois pontos que se seguem expõem mais alongadamente a dimensão catequética e pastoral do santo Hiponense.

#### **a) Santo Agostinho, o pregador**

Não podemos falar de santo Agostinho como pastor e catequista sem nos referirmos ao seu gosto pela pregação. Mesmo possuindo muitas obras que deixam transparecer o seu pensamento e o seu zelo pastoral, os seus sermões revelam-nos a sua preferência pela pregação e proclamação oral dos ensinamentos da fé. Durante quase quarenta anos ele assumiu a tarefa de pregador e exercia-o com grande alegria e entusiasmo, na certeza de que a Palavra proclamada não era dele, mas sim de Deus<sup>56</sup>.

Agostinho era um orador nato que, desde a sua cátedra, encantava a todos com a sua eloquência. Daí que ele vem sendo considerado metaforicamente por

---

<sup>54</sup> Cf. AUGUSTINUS, *Epistolae* 52, 3, CCL 31 (B), 220.

<sup>55</sup> Em conexão com a teologia Paulina (cf. 1 Cor 3, 8-9), o catequista é o servidor do Evangelho e colaborador de Deus. «*Saepe adest misericórdia dei per ministerium catechizantis, ut sermone commotus iam fieri velit, quod decreverat fingere*». AUGUSTINUS, *De Catechizandis rudibus*, 5, 9, CCL 46, 129; cf. também 7, 11 e 15, 23.

<sup>56</sup> Cf. I. PEREIRA LAMELAS, *Santo Agostinho. A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, Coimbra, 2012, 29-35.

muitos como um «deus da eloquência»<sup>57</sup>, isto porque, nos seus escritos encontramos uma proposta de educação cristã que conduz à maneira de viver e de pensar sobre a vida. A sua eloquência fazia parte da *eloquência Christiana*<sup>58</sup>, onde a sabedoria cristã substituiu a dos filósofos pagãos, pois a sua pregação não tinha em vista seduzir os seus ouvintes, mas sim conduzi-los à Verdade.

Neste sentido, podemos dizer que a pregação em Agostinho não se restringia apenas à persuasão retórica, como é natural, mas representava um estilo de vida, propriamente dito, pese embora ele reconhecesse que esta fosse importante e útil para o pregador durante a sua exposição catequética<sup>59</sup>. Por isso, sem seguir uma ordem lógica nas argumentações e na retórica, Agostinho pregava sob o impulso da caridade e do coração. A sua intenção era demonstrar, explicar e esmiuçar com argumentos todos os pontos do tema da pregação. Ele procurava nas suas pregações «*intimare*»<sup>60</sup> aqueles que o escutavam, despertando ao máximo a sua atenção.

Nas grandes solenidades, nos sermões *ad populum*, Agostinho tratava de proferir os sermões de maneira simples e profunda, deixando deslumbrados os seus ouvintes. Ele falava *ex pastore*, ou seja, da abundância do seu coração e sempre em contacto vivo com os ouvintes. Ele não ocultava aos seus ouvintes as

---

<sup>57</sup> O maniqueo Secundino apelidou-o deste título numa carta; cf. SECUNDINI MANICHAELI, *Epistolae 3, Maur.*, t. 8, 520-521, Apud F. VAN DER MEER, *San Agustín, Pastor de almas*, Biblioteca Herder, Barcelona, Vol. 65, 1965, 528.

<sup>58</sup> Cf. E. GILSON, *A filosofia na Idade Média*, São Paulo, Brasil, 2001, 210.

<sup>59</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De Catechizandis rudibus*, 2, 3, CCL 46, 122: «*Melioris enim avidus sum, quo saepe fruor interius, antequam eum explicare verbis sonantibus coepero*».

<sup>60</sup> VAN DER MEER, *San Agustín, Pastor de almas*, Biblioteca Herder, Barcelona, Vol. 65, 1965, 538.

convicções e profundidade da sua fé e dos seus pensamentos. Dava o melhor que tinha e nunca se cansava de repetir e salientar as suas ideias principais.

A sua pregação emanava sempre da Sagrada Escritura. Como podemos perceber na sua obra *De Doctrina Christiana*<sup>61</sup>, um pregador é aquele que ensina e expõe a narração da Sagrada Escritura. Para tal, o bispo Hiponense atribui à Sagrada Escritura um triplo sentido: etiológico; analógico e alegórico. O pregador deve ter em conta tudo isto, a fim de poder pregar em consonância com a verdade contida nos textos sagrados.

E porque a matéria da pregação, por assim dizer, é sempre elevada, o Hiponense reconhece que para pregar é necessário também ter em conta algumas técnicas ou procedimentos. Ele diz que é preciso explicar, edificar e converter durante o ato da pregação. Ele fez isto muitas vezes e preferia acomodar-se, procurando identificar os condicionalismos dos seus fiéis na escuta da Palavra de Deus que ele mesmo transmitia.

Assim sendo, a pregação exige da parte do pregador uma certa pedagogia. Santo Agostinho, modelo de catequista, teve esta pedagogia.

### **b) Santo Agostinho, o pedagogo**

Na prática e na teoria que elaborou a partir da sua experiência, isto é, pela forma como pregava e conduzia os fiéis ao conhecimento da verdade e a abraçar a

---

<sup>61</sup> J. OROZ RETA, «El “*De Doctrina Christiana*” o la retórica Cristiana», in *Estudios clásicos* XXII, 1956, 452-459. Trata-se de um manual de exegese com uma introdução sobre a instrução bíblica dos cristãos. É destinada aos pregadores e parte do suposto que todo o pregador deve conhecer bem a Escritura Sagrada.

fé, santo Agostinho é muitas vezes apelidado como o grande pedagogo. A sua experiência de educador e catequista fez com que ele seja merecedor deste título.

Neste ponto, vamos apenas dar uma pincelada sobre a sua disposição interior e profundidade que ele apresentava durante a educação na fé.

Podemos encontrar a teoria da pedagogia pastoral de Agostinho no vasto campo das suas obras. No entanto, é sobretudo no *De Magistro*, *De Doctrina Christiana* e no *De Catechizandis rudibus* que encontramos os grandes traços da sua ação e teoria pedagógica. Encontramos um esforço verdadeiramente pedagógico por parte do mestre, ao incutir no seu discípulo o desejo de aprender e ao fazê-lo crescer e interessar-se por aquilo que lhe está a ser ensinado<sup>62</sup>.

A nós, interessa-nos mais a terceira obra, que, como veremos nos capítulos seguintes, traduz um exemplo memorável da pedagogia catequética do Hiponense para todos os tempos. No DCR encontramos valiosos exemplos e observações sábias sobre a maneira de proceder no ato catequético.

Para já, convém realçar que o aspeto pedagógico mais saliente nessa obra é a capacidade do mestre e catequista em suscitar no catequizando e no recetor o desejo de aprender e aderir ao bem que se lhe propõe, que é Jesus Cristo (o Batismo). Neste sentido, a pessoa que ensina, o catequista, deve conhecer as palavras certas, o que mais elas significam para comunicar e, por meio da palavra, ensinar e orientar o catequizando, de acordo com as suas circunstâncias. Ou seja, deve haver uma troca de informações e a um diálogo. Para tal, Agostinho insiste

---

<sup>62</sup> Cf. A. LOMBARDI, *S. Agostino educatore*, Roma, 1977, 57-74.

muito na pedagogia dialógica<sup>63</sup>, ou seja, num diálogo franco entre o mestre e o discípulo.

Porque se trata de um aprofundamento gradual da fé, a catequese deve ser entendida, precisamente, como uma caminhada pedagógica, guardando fidelidade a Deus, mas também ao homem, no respeito pela sua situação vital e existencial. Deve ter como objetivo principal ajudar o catequizando na vivência coerente entre a fé e a vida. Agostinho, no DCR, insiste muito nestes aspetos.

Como é óbvio, para entendermos melhor a profundidade e a dimensão pedagógica, pastoral e catequética de santo Agostinho teríamos que nos circunscrever a todos os seus livros e tratados, porém achamos que estes dois pontos serviram-nos de introdução que nos ajudarão a perceber mais a frente a pedagogia que ele usou no DCR e os conteúdos da fé dali procedentes.

---

<sup>63</sup> Este método de diálogo e de conversação é muito frequente no DCR, sobretudo quando se trata de averiguar as intenções dos candidatos e a busca de remédios para ultrapassar as dificuldades; cf., por exemplo, AUGUSTINUS, *De Catechizandis rudibus*, 13, 18, CCL 46, 142: «*Quaerendum etiam de illo, utrum haec aliquando iam audierit, et fortassis eum tamquam nota et pervulgata non moveant*».

## CAPÍTULO 2

### *O De catechizandis rudibus*

Depois de situarmos a catequese no período do catecumenato e no contexto agostiniano, vamos, agora, apresentar o documento em si, ou seja, o manual catequético de santo Agostinho, o *De catequizandis rudibus*.

O DCR, a Catequese aos iniciantes na fé, é um texto clássico da catequese que nos oferece a oportunidade de percebermos melhor a ação catequética na vida da Igreja nos seus primeiros séculos. É época em que os bispos e pastores da Igreja consideraram o ensino da Palavra e os tratados catequéticos como parte essencial do seu ministério. Reflete a força e a arte de catequizar aqueles que queriam ingressar no catecumenato, tendo em vista o Batismo.

Neste capítulo pretendemos, antes de mais, enquadrar o texto no contexto em que surgiu e depois apontar os seus destinatários. Efetivamente, o *De catechizandis rudibus* é sem dúvida um manual de metodologia e prática catequética, que se encontra dividida em duas partes, tendo dois modelos de catequese.

#### **2.1 Texto e contexto**

No seu livro, *Retractationes*, onde o Hiponense faz uma resenha das suas obras, Agostinho refere-se ao DCR nestes termos: «*Est etiam unus de*

*catechizandis rudibus hoc ipso titulo praenotatus*»<sup>64</sup>. Este livro começa com estas palavras: «*Petisti me, frater Deogracias...*»<sup>65</sup>.

Seguindo a lista cronológica das obras do *Retractationes* (cap. 9), o DCR é datado por volta do ano 400, fixando a sua redação no ano 399. De fato, a maioria dos autores inferem que a obra agostiniana foi escrita por volta do ano 399/400, tendo em conta as alusões feitas às polémicas anti-maniqueias<sup>66</sup>. Todavia, alguns autores, como o beneditino Dom de Bruyne<sup>67</sup>, defendem o contrário, constatando que o DCR terá sido escrito por Agostinho alguns anos depois da *Acta contra Felicem Manichaeum*, por volta do ano 404/405.

No contacto e experiência pastoral com o povo que lhe era confiado, santo Agostinho apercebeu-se da necessidade de investir na catequese, assim como das dificuldades que os catequistas demonstravam na exposição e transmissão da fé. Em resposta, resolveu então escrever o tratado DCR. Fê-lo a pedido de um diácono de Cartago, Deográtias<sup>68</sup>, encarregue de ensinar e de instruir na doutrina cristã os “rudes” na fé.

O motivo concreto, porém, que está na origem desta obra foi a consulta do diácono Deográtias a Agostinho.

---

<sup>64</sup> AUGUSTINUS, *Retractationum*, CSEL 36, 146; P. KNÖLL, CSEL 36, 2, 1902.

<sup>65</sup> AUGUSTINUS, *Retractationum*, CSEL 36, 146.

<sup>66</sup> Cf. VAN DER LOF, «The date of the “De catechizandis rudibus”», in *Vigiliae Christianae*, Amsterdão, XVI, 1962, 198-204.

<sup>67</sup> Cf. D. DE BRUYNE, «L’Itala de saint Augustin», in RB 30, 1913, 294-314, Apud *Obras completas de saint Agustin XXXIX*, Introdução de JOSÉ OROZ RETA, BAC, Madrid, 1988, 430-431.

<sup>68</sup> Suponha-se que Deográtias seja o mesmo ao qual, no ano 406, Agostinho dirige a carta 102 – *Deogratias, Augustinus. Sex quaestiones contra paganos expositae* – que retrata as relações com os pagãos de Cartago. Cf. AUGUSTINUS, *Epistolae* 102, CCL 31 (B), 8-33. F. BARBADO VIEJO, *Obras de San Agustin*, Cartas, BAC, Madrid, t. VIII, 1951, 698-736.

Ora, o que foi que Deográtias pediu e perguntou a Agostinho? Efetivamente, ele queria que o Hiponense lhe enviasse «algo escrito que lhe pudesse ser útil sobre a catequese aos iniciantes»<sup>69</sup>.

Deográtias manifestava as suas dificuldades e pedia a Agostinho alguns conselhos para que as suas catequese, direcionada aos “rudes”, pudessem ser mais atrativas aos ouvintes e mais eficazes.

À sua inquietação Agostinho responde com uma análise das múltiplas causas das dificuldades no exercício da catequese, apresentando aquilo que deve nortear o ensino catequético.

Para melhor entendermos a resposta de Agostinho convém, pois, ter presentes as dificuldades expressas por Deográtias:

- a) Dificuldade quando tem que expor adequadamente as verdades cristãs;
- b) Não saber como começar nem terminar a exposição catequética;
- c) Durante uma exposição longa, o diácono Deográtias sentia-se insatisfeito e aborrecido (este era um problema tanto para ele como também para o seu auditório).

Estas eram as três dificuldades<sup>70</sup> iniciais que Deográtias encontrou e a razão pela qual se dirigiu a Agostinho, pedindo-lhe pareceres e alguns princípios para que a catequese que ele ministrava aos iniciantes fosse mais eficaz e profícua. Assim, Agostinho inicia a sua obra dizendo:

---

<sup>69</sup> J. OROZ RETA, *Obras completas de San Agustin XXXIX, La catequesis de los principiantes*, BAC, Madrid, 1988, 448.

<sup>70</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1,1 CCL 46, 121: «De tribus Deogratias difficultatibus».

*«Petisti me, frater Deogracias, ut aliquid ad te de catechizandis rudibus, quod tibi usui esset, scriberem. Dixisti enim, quod saepe apud Carthaginem, ubi diaconus es, ad te adducuntur qui fide christiana primitus imbuendi sunt, eo quod existimeris habere catechizandi uberem facultatem, et doctrina fidei et suavitate sermonis: te autem pene semper angustias pati, idipsum quod credendo christiani sumus, quo pacto commode intimandum sit; unde exordienda, quo usque sit perducenda narratio; utrum exhortationem aliquam terminata narratione adhibere debeamus, an praecepta sola, quibus obseruandis cui loquimur nouerit christianam uitam professionem que retineri. Saepe autem tibi accidisse confessus atque conquestus es, ut in sermone longo et tepido tibi ipse vilesceres essesque fastidio, nedum illi quem loquendo imbuebas, et ceteris qui audientes aderant; eaque te necessitate fuisse compulsus, ut ea me quam tibi debeo caritate compelleres, ne gravarer inter occupationes meas tibi de hac re aliquid scribere»<sup>71</sup>.*

Podemos, pois, dizer que o grande problema do diácono Deográtias não era saber o que ensinar, mas sim como expor as verdades da fé. A partir da resposta de santo Agostinho, percebemos que ao diácono faltava o método de ensinar. Ele não sabia por onde começar ou acabar a sua exposição; não sabia se terminava com uma admoção ou a enunciar os mandamentos; e por fim, não sabia o que fazer perante o cansaço e aridez que muitas vezes o assolavam. Isto fazia com que muitas vezes não somente ele como também os outros a quem ele pregava se sentissem insatisfeitos e aborrecidos com a sua instrução.

Perante este cenário, santo Agostinho apresenta-nos no DCR um esboço de manual, por assim dizer, da catequese.

Neste sentido, na quase totalidade da obra, a finalidade do autor é, sem dúvida, apresentar um caminho pedagógico de diálogo e conversação com os que desejavam converter-se e tornar-se cristãos, examinando as suas intenções e todas

---

<sup>71</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1, 1, CCL 46, 121.

as circunstâncias pessoais que haviam induzido os candidatos a solicitar o ingresso entre os catecúmenos.

## **2.2 Título e destinatários do *De catechizandis rudibus***

Ao responder a Deográtias com a obra catequética *De catechizandis rudibus*, santo Agostinho mostra-nos quem eram os destinatários que tinha em mente e quem são os “*rudis*” aos quais se dirige.

Lendo a obra, percebemos que o diácono Deográtias, mais do que uma exposição catequética, pediu ao bispo de Hipona que lhe enviasse alguns preceitos e normas, para que o seu discurso aos principiantes e àqueles que iriam receber a sua primeira instrução cristã fosse mais útil. Neste sentido podemos dizer que o primeiro destinatário do DCR é, sem dúvida, o diácono Deográtias, que precisava daqueles conselhos e admoestações pedagógicas e práticas para poder desempenhar bem a sua função de catequista na Igreja de Cartago. Neste sentido, podemos dizer que na pessoa do diácono Deográtias estão representados todos os demais catequistas e todos aqueles que, na Igreja, têm a missão de instruir aqueles que querem tornar-se cristãos e aprofundar a fé, mas que muitas vezes experimentam as mesmas dificuldades e obstáculos ao longo da exposição catequética.

Pelo título da obra, percebemos também que os destinatários, ou melhor, a razão da catequese do diácono Deográtias, escrita por Agostinho, vai endereçado aos “*rudes*”, – *rudis catechizandus* – isto é, àqueles que estavam na fase inicial da

aprendizagem da fé, necessitados de conhecer a doutrina cristã, precisando por isso de serem catequizados. Aliás, é o próprio Agostinho que designa todos aqueles que iam ter com o diácono para serem instruídos de “*rudis*” e explica esta palavra quando diz que eles precisam de ser iniciados na fé cristã.

Deve dizer-se antes de mais que o termo “*rudis*”<sup>72</sup> foi empregue muitas vezes, por vários autores pagãos<sup>73</sup>, com o significado comum de qualquer coisa que não é trabalhada, algo que é bruto, selvagem e que precisa de ser trabalhado e polido. Alguns destes autores aplicavam-no especificamente à terra, pedra, mármore, etc.. A partir daí o termo “*rudis*” começa a ser também aplicado a alguém que não é instruído e que desconhece ou ignora alguma matéria e disciplina clássica<sup>74</sup>, ou seja a pessoa ignorante e inculta. Todavia os autores cristãos aplicam este título a pessoas mais novas e inexperientes, que desconhecem as verdades inerentes à fé. Tal é o caso de Tertuliano que qualifica são Paulo, no início da sua conversão, como «*adhuc in gratia rudis*»<sup>75</sup>.

Ora, é deste epíteto que santo Agostinho se serve para qualificar, dentro de um denominador comum, os que iniciam o catecumenato, sem distinção da sua cultura moral ou intelectual. De fato, segundo o bispo de Hipona, os “*rudis*” são todos os «*qui fide christiana primitus imbuendi sunt*»<sup>76</sup>, ou seja, aqueles que devem ser instruídos pela primeira vez na fé cristã. Neste sentido, podem ser considerados “*rudes*” tanto os que pertencem ao grupo dos ignorantes, «*de genere*

---

<sup>72</sup> Cf. A. ERNOUT; A. MEILLET, «*Rudis*» in DELL, Paris, 1939, Vol. 11, 873.

<sup>73</sup> É o caso de autores como: Virgílio, Varão, Ovídio, Quintiliano, Cícero, etc.; cf. VARÃO, *Rerum rust.* 1, 44,2; VIRGÍLIO, *Georg.* 2, 211; OVÍDIO, *Metam.* 5, 646; QUINTILIANO, 9, 4,27; 2,19,3; 2,12,8.

<sup>74</sup> Cf. CÍCERO, *Acad.* 2, 2; *Pro Lucio Valerio Flacco* 16; *Pro Lucio Balbo* 47; *De officiis* 1,1.

<sup>75</sup> TERTULIANO, *Adv.Marc.* 1, 20, CCL 1 (1954), 437-726.

<sup>76</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1,1, CCL 46, 121.

*quidem idiotarum*», dos que moram na cidade, «*non tamen rusticanorum, sed urbanorum*»<sup>77</sup>, como também os provenientes das grandes escolas e das grandes correntes da retórica, os gramáticos, «*quidam de scholis usitatissimus grammaticorum oratorumque venientes*»<sup>78</sup>, sem que estes sejam considerados doutos no caminho da fé.

Por outras palavras, o termo “*rudis*” em Agostinho não faz referência alguma às qualidades intelectuais dos candidatos, mas compreende as pessoas a quem se dão os rudimentos da fé cristã. Com efeito, os “*rudis*” são os incultos nas coisas relativas à fé e à vida cristã.

Devido a diversidade dos destinatários e ouvintes aos quais o diácono se dirigia, santo Agostinho, para evitar equívocos, procurava saber que classe de pessoas tinha diante dele. Assim perguntava: são muitos ou é um só? São gente da cidade, nobres ou gente do povo? São «*idiotae*», sem cultura, «semi-cultos» ou intelectuais cujo espírito está avezado aos problemas mais profundos?<sup>79</sup>

Ora, é partindo destas interrogações que o nosso autor apresenta uma análise mais detalhada do título “*rudis*”, dividindo-o em três categorias diferentes. Assim, há em primeiro lugar a categoria dos “estudiosos”, isto é, dos homens cultos em artes liberais, que se apresentam «*ut si ad te quisquam catechizandus venerit liberalibus doctrinis excultus*»<sup>80</sup>. Estes geralmente conhecem a Sagrada Escritura e muitos autores cristãos. Eles só se inscrevem

---

<sup>77</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 16, 24, CCL 46, 148.

<sup>78</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 9, 13, CCL 46, 135.

<sup>79</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 15, 23, CCL 46, 147: «*Multumque interest, et cum ita dicimus, utrum pauci adsint an multi; docti an indocti an ex utroque genere mixti; urbani an rustici an hi et illi simul; an populus ex omni hominum genere temperatus sit*».

<sup>80</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 8, 12, CCL 46, 133.

como catecúmenos para serem admitidos aos sacramentos. Com estes, segundo o nosso autor, a instrução deve ser breve e intercalar de vez em quando com uma explicação familiar. Há que perguntar qual é intenção deles, «*quibus rebus motus sit, ut velit esse Christianus*»<sup>81</sup>, ou seja, o que lhes moveu a aproximarem-se do catequista para receberem a instrução cristã. Em segundo lugar há a categoria dos “gramáticos e oradores”, aqueles que «*sunt item quidam de scholis usitatissimis grammaticorum oratorum que venientes, quos neque inter idiotas numerare audeas, neque inter illos doctissimos, quorum mens magnarum rerum est exercitata quaestionibus*»<sup>82</sup>. Estes são aqueles que se aproximam para receber a instrução catequética depois de já terem frequentado os estudos nas escolas de gramática e da oratória. Naturalmente, eles necessitam de mais tempo de preparação e instrução e é preciso exortar-lhes a que tenham mais cuidado para evitar as faltas morais. Há que indicar-lhes o carácter sólido da Sagrada Escritura e a utilidade de uma interpretação alegórica, para poderem caminhar na fé, uma vez que não devem ficar só no sentido carnal.

Por fim há a categoria dos *iniciantes*, que Agostinho não descreve com tanto cuidado porque a obra é toda ela dirigida a eles. Estes são os “sem cultura” ou, como ele os designava noutras ocasiões, os «*urbani an rustici an hi et illi simul*»<sup>83</sup> ou os analfabetos e os «*illitteratis*»<sup>84</sup>, que devido ao fraco nível cultural e intelectual, são mais lentos em entender as explicações da fé. Deve dizer-se que é essencialmente para esta terceira categoria de “*rudis*” que vai todo o modelo da

---

<sup>81</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 8, 12, CCL 46, 133.

<sup>82</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 9, 13, CCL 46, 135.

<sup>83</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 15, 23, CCL 46, 147.

<sup>84</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 9, 13, CCL 46, 135.

prática narrativa, relatando uma catequese mais detalhada sobre a história da salvação e sobre a Sagrada Escritura.

Em suma, podemos dizer que o título “*rudis*” não é de fácil interpretação e Agostinho o aplica àquele «*qui christiana fide imbuendus est*»<sup>85</sup>. “Rudes” são todos aqueles que são objeto da ação pastoral de “catequizar”, os que são instruídos na doutrina cristã. Faz referência especificamente a pessoas que ainda não eram cristãs, mas que procuravam aproximar-se da Igreja pela primeira vez, e estavam interessadas em receber as primeiras instruções sobre a fé, para, quem sabe, no futuro, se tornarem catecúmenos. Enfim, com o desejo de se tornarem cristãos eles vinham para se informar sobre os rudimentos da fé antes de decidirem entrar no catecumenato ou numa catequese organizada em vista ao Batismo. Aliás, de todas as vezes que a palavra “*rudis*” aparece ao longo do texto<sup>86</sup>, exceto numa ocasião, DCR 15, 4, ela aparece sempre aplicada no sentido religioso, isto é, no sentido da prática e da instrução da fé àqueles cuja iniciação cristã está inteiramente por começar. Sendo assim, pode dizer-se que os “rudes” são então os aspirantes ao catecumenato ou ao cristianismo, ou então mais simplesmente ao «pré-catecumenato»<sup>87</sup>.

Por conseguinte, se queremos interpretar o termo “rudes”, poderíamos dizer que ele ocupa um lugar intermediário entre a pessoa pagã (diferentes umas das outras pela sua índole, pelas suas intenções, nível cultural e condição social),

---

<sup>85</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 5, 9, CCL 46, 130.

<sup>86</sup> A palavra “*rudis*” aparece nove vezes ao longo do texto; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1,1; 2,4; 5,9; 8,12; 10,14; 11,16; 15,23; 23,43; 26,51, CCL 46, 121-174. Porém, há mais cinco ocasiões em que aparece como composto verbal; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6,10; 7,11; 8,12; 15,23; 20,34, CCL 46, 130-158.

<sup>87</sup> R. CORDOVANI, «Il De catechizandis rudibus di sant’Agostino: questioni di contenuto e di stile» in *Augustinianum* 6, Roma, 1966, 501-505.

que deve ser evangelizada pela primeira vez, e o catecúmeno propriamente dito. Ou seja, trata-se de um pagão que deseja ser admitido entre os catecúmenos, recebendo a instrução cristã e mais tarde o Batismo. É aquele que se considera ignorante das verdades da fé que procura abraçar.

### 2.3 Um manual de metodologia catequética: estrutura

Embora sendo relativamente breve, os historiadores da catequese consideram o *De catechizandis rudibus* como um clássico em matéria de catequese que sirva de inspiração para a teoria e síntese catequética.

No seu zelo e caridade pastoral, santo Agostinho sentiu-se no dever de apresentar a Deográtias aquilo que deve modelar o *modus faciendi* de um catequista. Perante as dificuldades na exposição e transmissão da fé, o DCR aparece como sendo um manual de metodologia catequética. Nele, o bispo Hiponense utiliza uma linguagem simples e profunda, propondo ao diácono Deográtias que se dedique muito tempo à pregação e à narração dos fatos Bíblicos.

Assim, ao responder a Deográtias, Agostinho elabora e estrutura, no *De catechizandis rudibus*<sup>88</sup>, um tratado teórico e prático sobre o modo de catequizar.

---

<sup>88</sup> O texto de base que seguimos ao longo deste trabalho é a edição bilíngue; cf. J. OROZ RETA, *Obras Completas de San Agustin XXXIX, La Catequesis de los principiantes*, BAC, Madrid, 1988, 425-534.

O diácono Deográtias, no exercício da catequese, desejava saber concretamente em que período da história bíblica devia começar a *narratio* (narração da história da salvação) e se a ela deveria ou não acrescentar a *exhortatio* ou, então, apenas uma breve exposição dos preceitos que norteavam a vida cristã.

Daí, seguindo esta perspectiva, isto é, partindo de «uma *narratio* dos fatos da salvação a uma *exhortatio*»<sup>89</sup>, que moverá a vontade de caminhar na fé, encontramos, no DCR, dois momentos indispensáveis para o desenvolvimento catequético. Digamos que, após um prólogo (DCR 1,1-2,4) o tratado é dividido em duas partes. O primeiro momento é o *exordium*, que se coloca no início da catequese propriamente dita, quando o candidato se apresenta ao catecumenato: trata-se de assegurar a sua reta intenção ou então de provocá-la. O segundo momento, a *exhortatio* (que aparece depois da narração da história da salvação), coloca-se no final da catequese, com a qual o catequista começa por fazer com que o ouvinte que se prepara para ingressar no catecumenato viva em conformidade com a mensagem que lhe é anunciada<sup>90</sup>. Trata-se, pois, de um apelo à iniciação da vida cristã propriamente dita.

Ao estudarmos o DCR, percebemos que ele está estruturado por capítulos (a versão que seguimos conserva também os subcapítulos e os números dentro do subcapítulos). Dos 27 capítulos que o constituem, os quinze primeiros são de âmbito teórico e os restantes de cariz mais prático.

---

<sup>89</sup> F. VAN DER MEER, *San Agustín, Pastor de almas*, Biblioteca Herder, Barcelona, Vol. 65, 1965, 580.

<sup>90</sup> Cf. J. DANIELLOU, *La catechesi nei primi secoli*, Leumann, Torino, 1969, 137-138.

Uma vez que nos capítulos seguintes trataremos destas questões mais em pormenor, por ora vamos apenas fazer uma divisão geral do DCR, tendo em conta as observações feitas.

### 2.3.1 Primeira parte, DCR 2-15

Na primeira parte, santo Agostinho apresenta os fundamentos teóricos da catequese. Ela começa, como é natural, com uma introdução (cf. DCR 1-2), na qual o Hiponense tenta, primeiramente, enumerar a tríplice dificuldade que Deográtias lhe tinha comunicado<sup>91</sup>.

Partindo destas dificuldades, Agostinho serve-se então da sua própria experiência para animar Deográtias, dirigindo-lhe palavras de alento. Ele recomenda ao diácono a não se preocupar pelo fato do seu discurso parecer-lhe muitas vezes pobre ou aborrecido, pois pode suceder-se muito bem que os que estão a ser instruídos tenham opinião diferente. Isto porque o nosso discurso nem sempre nos agrada, quando desejamos fazer algo melhor de acordo com o que pensamos e sentimos. Isto porque, segundo o nosso autor:

*«Nos autem plerumque in auditoris utilitatem vehementer ardentibus ita loqui volumus, quemadmodum tunc intelligimus, cum per ipsam intentionem loqui non possumus; et quia non succedit angimur et velut frustra operam insumamus, taedio marcescimus, atque ex ipso taedio languor fit idem sermo et hebetior quam erat, unde perduxit ad taedium»<sup>92</sup>.*

---

<sup>91</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1, 1, CCL 46, 121: «*De tribus Deogratias difficultatibus*».

<sup>92</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2, 3, CCL 46, 123.

Nos capítulos 3 e 4 destaca-se a *narratio* – narração dos acontecimentos da história da salvação – destinada a fundamentar a fé, suscitar a esperança e alimentar o amor. A *narratio* manifesta o desígnio do amor de Deus, as *mirabilia Dei*, que se traduz na vinda de Jesus Cristo como sinal deste amor e misericórdia de Deus para com a humanidade<sup>93</sup>. Segundo Agostinho, o *de modo narrationis*<sup>94</sup> é seletivo e exemplar e deve começar com a “origem” da criação, «no princípio, quando Deus criou o céu e a terra...»<sup>95</sup>, quando Deus fez boas todas as coisas, e terminar nos tempos atuais da Igreja, relacionando todas as causas e as razões de cada um dos fatos narrados com o Amor, que é o *finis propositus* da revelação de Deus, quer no Antigo quer no Novo Testamento. A explicação dos acontecimentos salvíficos deve iniciar-se com o relato de que «*fecit Deus omnia bona valde, et perducenda, ut diximus, usque ad praesentia tempora ecclesiae, ita ut singularum rerum atque gestorum quae narramus causae rationesque reddantur, quibus ea referamus ad illum finem dilectionis, unde neque agentis aliquid neque loquentis oculus avertendus est*»<sup>96</sup>.

Tendo em conta a variedade e multiplicidade do auditório, o nosso autor salienta as matizações e investigações/exortações que devem ser feitos pelo catequista, segundo a qualidade dos que estão a ser instruídos. Ora, isto é importante porque não raras vezes se desconhece aquele que se apresenta diante de nós para ser instruído e, neste caso, é importante ensinar-lhe corretamente e

---

<sup>93</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 7-8, CCL 46, 127-128: «*Amoris Dei argumentum Christi adventus*».

<sup>94</sup> Cf. CORNELIUS MAYER, «De Cathecizandis rudibus» in AL, Verlag/Publishers/editions Schwabe, Basel, 1984-1994, Vol. I, Col. 1, 797.

<sup>95</sup> Gn 1,1.

<sup>96</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6, 10, CCL 46, 131.

averiguar o seu estado de ânimo e os motivos que o impeliu a querer abraçar a religião cristã. Daí, para que a catequese seja mais eficaz, o nosso autor acha que «*utile est sane, ut praemoneamur antea, si fieri potest, ab iis qui eum norunt, in quo statu animi sit, vel quibus causis commotus ad suscipiendam religionem venerit*»<sup>97</sup>. Ou seja, deve haver uma reta intenção do candidato antes de querer aderir à fé Católica, para que, «*ex eo quod responderit ducamus sermonis exordium*»<sup>98</sup>, o ouvinte seja exortado com base na sua situação concreta e de acordo com a sua resposta perante as interrogações do catequista. Enfim, o candidato tem que estar movido pelo temor de Deus a fim de poder ser educado em conformidade com as verdades da fé e acolher livremente os mandamentos do Evangelho.

Assim, há que ter o cuidado com o que se está a ensinar e procurar encontrar em cada momento os “remédios” adequados para ultrapassar as dificuldades inerentes à catequese. Ou seja, deve-se intentar com as palavras tudo quanto sirva para despertar no candidato o interesse pelas coisas da fé e que ele venha a ter uma adesão à fé cada vez mais convicta. Isto deve ser feito por uma carinhosa exortação, pois, como diz o nosso autor, «*timor nimius atque impediens declarationem iudicii eius blanda exhortatione pellendus est [...] et danda fiducia*»<sup>99</sup>.

Este processo de averiguação constitui o início da catequese propriamente dita, em que se faz a confirmação e a examinação da intenção do candidato.

---

<sup>97</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 5,9, CCL 46, 129.

<sup>98</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 5, 9, CCL 46, 130.

<sup>99</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 13, 18, CCL 46, 142.

Uma vez terminada a *narratio*<sup>100</sup>, segue-se o segundo momento da catequese, que consiste em infundir nos espíritos dos ouvintes uma vida autenticamente cristã. Para tal, há que salientar as razões da nossa fé, isto é, anunciar a esperança na ressurreição do corpo, no juízo final, e apontar os preceitos de uma vida cristã honesta. Esta exortação pretende defender os fiéis dos erros da fé e viver segundo os fundamentos cristãos.

Por fim, chegados a este ponto, o nosso autor traça, nesta primeira parte da sua obra, o caminho que Deográtias deve seguir perante as inúmeras dificuldades que possam surgir mediante a adesão dos candidatos à catequese. Todavia, antes de procurar os “remédios” face ao aborrecimento do catequista, há que encontrar e adquirir essencialmente a alegria, durante a exposição da catequese. Tal é a *hilaritate comparanda*<sup>101</sup>, o gozo interior, que é o segredo do bom catequista, por assim dizer. Ou seja, aquilo que faz com que o catequista contagie os seus ouvintes, fazendo-o estar mais capacitado para expor melhor os ensinamentos de Cristo. Desenvolver uma catequese alegre faz com que o catequista ultrapasse os sentimentos de aborrecimento e de insignificância que muitas vezes o assola<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 7,11, CCL 46, 131: «*Narratione finita spes resurrectionis intimanda est, et pro capacitate ac uiribus audientis, proque ipsius temporis modulo, aduersus uanas irrisiones infidelium de corporis resurrectione tractandum et futuri ultimi iudicii bonitate in bonos, seueritate in malos, ueritate in omnes; commemoratisque cum detestatione et horrore poenis impiorum, regnum iustorum atque fidelium et superna illa ciuitas eius que gaudium cum desiderio praedicandum est*».

<sup>101</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 10, 14, CCL 46, 136. A *hilaritas* é, segundo o nosso autor, a primeira virtude do catequista, porque sendo uma graça de Deus, ela constitui, sem dúvida, o primeiro passo para a eficácia da catequese. Aliás, é curioso notar que ao falar das diversas causas do aborrecimento do catequista, ou seja, da «*anima taedia et eorum medicina*», santo Agostinho faz sempre referência à *hilaritas*, como condição essencial do catequista.

<sup>102</sup> Neste sentido, santo Agostinho recomenda a busca do “remédio” que nos tranquiliza; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 10,14, CCL 46, 137: «*sunt quaerenda remedia, quibus relaxetur illa contractio, et fervore spiritus exultemus et iucundemur in tranquillitate boni operis*».

Depois de apresentar algumas razões que podem pôr barreiras ao ensino dos conteúdos da catequese, Agostinho aponta o caminho didático-pedagógico que deve nortear o catequista ao longo da sua exposição.

### **2.3.2 Segunda parte, DCR 16-27**

O autor apresenta na segunda parte dois exemplos práticos de uma catequese completa, uma longa e outra breve. Trata-se de uma catequese que é especificamente dirigida para os que estão interessados em tornar-se cristãos. Digamos que os princípios apresentados na primeira parte são agora postas em prática.

Porém, antes de expor a catequese mais longa, Agostinho aponta para a importância das circunstâncias individuais que determinam, em grande medida, o desempenho de uma catequese. É neste sentido que a forma de apresentar a mensagem deve variar, de acordo com a diversidade dos ouvintes.

É natural que ambas as catequeses (a mais longa e a mais breve) devem ser explanadas de acordo com as retas intenções anteriormente sustentadas. Isto porque pode haver quem queira tornar-se cristão não por acreditar no futuro descanso eterno, na sua salvação, mas por vanglória, ou seja, na procura de vantagens temporais<sup>103</sup>.

Assim sendo, Agostinho inicia a catequese mais longa referindo-se à inquietação primeira daqueles que realmente se aproximam para serem cristãos.

---

<sup>103</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17,26, CCL 46, 151: «*Sunt enim qui propterea volunt esse Christiani, ut aut promereantur homines a quibus temporalia commoda expectant, aut quia offendere nolunt quos timent*».

Aqueles que se apresentam com o desejo da felicidade eterna, que só Deus pode trazer, isto porque, «*Deum amantibus requies aeterna*»<sup>104</sup>, a paz eterna para os que d’Ele se aproximam.

De seguida, Agostinho faz referência à *narratio*, que perpassa toda a história sagrada, sustentada no relato da criação, na representação do pecado e da “queda” do paraíso descrita no *livro dos Génesis*. Tal *narratio* continua com a revelação dos desígnios de Deus na representação do dilúvio, com o relato de Abraão e dos profetas, passando pela deportação ao Egito e mais tarde com a Aliança de Deus com o seu povo, através de Moisés, que conduz o povo à terra prometida. A história do desterro da Babilónia traz a esperança do Messias libertador, que acontece em Cristo Jesus<sup>105</sup>.

Assim, podemos dizer que a catequese mais longa baseia-se no antigo esquema e na visão da história do mundo em seis idades<sup>106</sup>, muitas vezes

---

<sup>104</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17,28, CCL 46, 152.

<sup>105</sup> Do capítulo 18 – «*salutis historiae principia*» – até o capítulo 21, santo Agostinho faz referência à *narratio* da história da salvação, que culmina com a vinda de Cristo, outrora anunciado pelos profetas. O objetivo principal da exposição histórica – *narratio* – é explicar o significado mais profundo do acontecimento e evento Jesus Cristo; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 18,29 - 21,38, CCL 46, 153-163.

<sup>106</sup> A “divisão” da história do mundo em seis épocas corresponde aos seis dias da criação referidos no Livro de Génesis, (cf. Gn 1). Era um fato já conhecido por autores judeus da *Septuaginta*. Entre os gregos encontrámo-la em santo Ireneo: cf. *Adv. Haer.*, 5, 28, 3 e Hipólito de Roma: cf. *Comm. In Dan.* 4, 23, 6, entre outros. Entre os latinos, santo Cipriano, conterrâneo de Agostinho, foi o primeiro a fazer referência às idades do mundo: «*sex millia annorum iam paene complentur ex quo hominem diabolus impugnat*»; cf. Santo Cipriano, *Ad Fort.* 2. Também santo Ambrósio, em *Expos. Euang. sec. Lucam* 7,7 e são Jerónimo, em *Epist.* 140,8, fazem referências a este tema. Ora, santo Agostinho refere-se à divisão das seis idades da história do mundo como um fato que deve ser conhecido pelos que estão a ser instruídos na pregação catequética. cf. JOSÉ OROZ RETA, «Notas complementarias 16» in *Obras completas de San Agustín XXXIX*, BAC, Madrid, 1988, 687-688.

referenciadas por santo Agostinho nos seus escritos<sup>107</sup>. Ora, as primeiras cinco idades da história do mundo ocorreram durante o Antigo Testamento.

Agostinho delimita muito bem as cinco primeiras idades do mundo, que aparece esquematizado de seguinte modo: de Adão a Noé (relato da criação; narração do paraíso e a conseqüente “queda” do homem do paraíso); de Noé a Abraão (a narração do dilúvio); de Abraão a David (o relato de Abraão e dos profetas e a deportação para o Egípto); de David ao cativo da Babilónia (a promulgação da lei e a chegada à terra prometida); do cativo da Babilónia a Cristo (a esperança na vinda de Cristo)<sup>108</sup>.

Estas cinco etapas servem para preparar a vinda de Cristo, que é a sexta etapa. A sexta e última etapa acontece no Novo Testamento, com a vinda de Cristo, que é a recapitulação da Antiga Aliança. Esta etapa não está tão bem delimitada e vai até ao fim dos tempos, com o juízo final e a segunda vinda de Cristo. Aí entramos a sétima idade do mundo, que se estende através da Igreja, na qual os homens seriam julgados e podem gozar da felicidade eterna. A lei atinge assim a sua plenitude.

---

<sup>107</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De diversis Quaestionibus*, 83,58, CCL 44, 248-249; *Contra Faustum manichaem*, 12, 8, PL 42, 207-508.

<sup>108</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163: «*Peractis ergo quinque aetatibus saeculi, quarum prima est ab initio generis humani, id est, ab Adam, qui primus homo factus est, usque ad Noé, qui fecit arcam in diluio, inde secunda est usque ad Abraham, qui pater electus est omnium quidem gentium, quae fidem ipsius imitarentur; sed tamen ex propagine carnis suae futuri populi iudaeorum: qui ante christianam fidem gentium unus inter omnes omnium terrarum populos unum uerum deum coluit, ex quo populo saluator Christus secundum carnem ueniret.*

*Isti enim articuli duarum aetatum eminent in ueteribus libris: reliquarum autem trium euangelio etiam declarantur, cum carnalis origo domini Iesu Christi commemoratur. Nam tertia est ab Abraham usque ad Dauid regem: quarta a Dauid usque ad illam captiuitatem, qua populus dei in babiloniam transmigravit: quinta ab illa transmigracione usque ad aduentum domini nostri Iesu Christi».*

Daí que a Igreja entra também a fazer parte da história do mundo, que se estende na terra tal qual a videira e nela os homens se exercitam para a vinda final e definitiva de Deus, onde todos serão julgados<sup>109</sup>. Este tema da concepção da história do mundo será melhor tratado no quarto capítulo.

Sendo assim, santo Agostinho faz, nesta primeira catequese, as últimas recomendações e exortações sobre a vida eterna e a ressurreição da carne. Ele exorta os seus catequizandos a inflamarem-se do amor e do desejo da vida eterna, onde encontrarão o descanso e o repouso seguro, pois Deus é a segurança do homem e «*omnes deliciae Deus erit et satietas sanctae civitatis in illo et de illo sapienter beateque viventis*»<sup>110</sup>. Na felicidade eterna o homem pode contemplar em silêncio o rosto de Deus trinitário, porque Ele é o fundamento da salvação ao qual o homem deve confiar a sua vida e esperar receber finalmente o prémio de glória.

É de realçar que, entre o primeiro e o segundo exemplo da catequese o autor faz uma breve referência quanto à admissão dos candidatos no catecumenato<sup>111</sup>. Neste momento o candidato, depois da exposição das verdades contidas na Sagrada Escritura, recebe o sinal da cruz, segundo os costumes da

---

<sup>109</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 24,44-45, CCL 46, 168-169: «*Ecclesiae expansio*» e «*Ultimi iudicii dies*».

<sup>110</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 25, 47, CCL 46, 170.

<sup>111</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 26,50, CCL 46, 173: «*Catechumeni in fide tirocinia*». Digamos que, depois de um primeiro momento de diálogo e conversação com o que se destinava a converter-se, o candidato era admitido no grau de catecúmeno, mediante uma cerimónia solene, que o nosso autor faz referências. Só depois de estar bem instruído é que o catecúmeno passava então para o grau de *competentes*, seguindo o percurso normal até ser Batizado; cf. JOSÉ OROZ RETA, «Notas complementarias 19» in *Obras completas de San Agustín XXXIX*, BAC, Madrid, 1988, 689-690.

Igreja e é ajudado e exortado a compreender o sentido espiritual da Escritura Sagrada.

Ora, uma vez que a primeira catequese pode às vezes parecer demasiado longa, Agostinho propõe um segundo modelo de catequese, a mais breve:

*«Si longus tibi uidetur iste sermo, quo tamquam praesentem rudem hominem instruxi, licet ea tibi dicere breuius, longiorem tamen esse debere non puto: quamquam multum interest, quid res ipsa cum agitur moneat, et quid auditorum praesentia non solum ferre, sed etiam desiderare se ostendat. Cum autem celeritate opus est, uide quam facile explicari tota res possit»<sup>112</sup>.*

Esta catequese segue o mesmo esquema anterior, começando pelos inquéritos sobre os motivos que levam os candidatos a quererem tornar-se cristãos. Contudo, deve haver um resumo da doutrina cristã. Tal resumo assenta-se não só na unidade entre as profecias antigas e o evento de Jesus Cristo, como na unidade da história da salvação que se estende e se prolonga através da Igreja, graças ao sangue e ao testemunho dos mártires<sup>113</sup>.

As «últimas exortações»<sup>114</sup> e recomendações servem para encorajar os candidatos a serem fortes na luta contra o mal e a terem esperança em Deus. Isto só se consegue imitando a Cristo e vivendo dentro da comunidade cristã, dentro da mesma Igreja, com aqueles que amam a Deus desinteressadamente e que ponham n'Ele a sua esperança.

---

<sup>112</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 26,51, CCL 46, 174.

<sup>113</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27,53, CCL 46, 176: «Praedictum est non solum a prophetis, sed etiam ab ipso domino Iesu Christo, quod ecclesia eius per univsum orbem terrarum esset futura, per sanctorum martyria passionesque disseminata».

<sup>114</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27,55, CCL 46, 177: «Tu itaque credens ista, cave tentationes (quia diabolus quaerit, qui secum pereant): ut non solum per eos qui extra ecclesiam sunt, sive pagani, sive Iudaei, sive haeretici, non te hostis ille seducat».

Ao terminar, podemos efetivamente dizer que, durante a sua exposição catequética, o bispo de Hipona insiste muito na seriedade do ensinamento e na integridade do empenho de vida, procurando fazer com que aquele que está a ser instruído – os principiantes – creia em Deus como seu garante e fundamento e não numa proteção mágica, pelo fato de ele ser cristão.

## CAPÍTULO 3

### **A teoria catequética no *De Catechizandis Rudibus***

Agostinho, antes de ser um teórico da pregação ou da catequese, foi, como dissemos, um pastor empenhado na transmissão e na edificação e formação dos seus fiéis. Por isso, toda a sua teoria sobre a pregação e catequese assenta numa vasta e rica experiência do exercício do seu magistério pastoral.

A partir da sua experiência pastoral ele apresentou-nos uma teoria da ação catequética, que (cor)responde às dificuldades comuns e naturais que surgem neste dever tão importante para a Igreja. Ele apresenta-nos algumas dicas sobre a maneira de instruir os “rudes”, e como diminuir o tédio dos ouvintes e gerar um clima de alegria.

Neste capítulo, vamos apresentar alguns princípios e exigências específicas inerentes ao método da transmissão e da comunicação da fé através da catequese, propostas por santo Agostinho. Trata-se de abordar a maneira como o nosso autor desenvolveu a teoria ou a doutrina catequética no seu livro, dedicado a Deográtias.

Desta teoria é importante sublinharmos a importância que o Hiponense dá à *narratio* e, conseqüentemente, à *exhortatio*. Ele apresentou a sua exposição através do relato da história da salvação, a partir do *Géneses*, e pondo em destaque os momentos mais relevantes da história do povo de Deus, até chegar em Jesus Cristo, o grande acontecimento da humanidade, no qual converge todo o Antigo e o Novo Testamento. Sobre a exortação é importante dizer que o nosso autor tinha

um desejo de que quem escuta a Palavra deve acreditar, esperar e amar cada vez mais a Deus<sup>115</sup>.

Na sua teoria catequética, Agostinho aborda a maneira como se deve expor a fé e salienta a importância do testemunho que o catequista deve ter na arte de ensinar. Tal é a alegria de anunciar vivamente o amor de Deus! Isto faz com que o catequista, imbuído deste amor, ultrapasse, com gozo e alegria, todas as dificuldades que possam surgir quando se está a ensinar<sup>116</sup>, pois, como ele mesmo parafraseia, «a caridade tudo supera».

### 3.1 Dificuldades em comunicar a fé

Pelas palavras de santo Agostinho, o domínio seguro da matéria da fé a expor durante a catequese não era, ao que tudo indica, um problema maior para Deográtias, pois ele tinha, além da fama de bom catequista, conhecimentos da fé e um discurso persuasivo<sup>117</sup>. É caso então para perguntar: de onde lhe vinham as dificuldades em comunicar a fé?

Como vimos no capítulo anterior, esta obra nasceu da experiência e das dificuldades que o diácono Deográtias encontrou em transmitir e expor adequadamente as verdades da fé. Tais dificuldades tinham a ver com a comunicação e recepção dos conteúdos da fé aos que se iniciavam o caminho da iniciação cristã através do catecumenado. O catequista Deográtias tinha

---

<sup>115</sup> Cf. 1 Cor 13,13.

<sup>116</sup> Cf. I. PEREIRA LAMELAS, *Santo Agostinho. A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, Coimbra, 2012, 45-50.

<sup>117</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1,1, CCL 46, 121: «(...) *Eo quod existimeris habere catechizandi uberem facultatem, et doctrina fidei et suavitate sermonis*».

dificuldades em expor adequadamente os conteúdos da fé cristã e não sabia por onde começar ou terminar a sua exposição nem como exortar ou falar dos preceitos da fé cristã.

Isto quer dizer que, a par das eventuais dificuldades de cariz temático e doutrinal, encontramos outras dificuldades, de ordem mais pedagógica, por assim dizer. Isto porque, atendendo à temática da comunicação da fé, podemos dizer que havia, da parte do catequista Deográtias uma «sensação de infecundidade»<sup>118</sup>, uma certa decepção e um sentimento de que o que se ensinava não era capaz de motivar os ouvintes, porque era pobre de conteúdo e que com o tempo poderia tornar-se cada vez mais aborrecido<sup>119</sup>.

Relativamente ao aborrecimento do catequista e, naturalmente, da catequese, Agostinho enumera seis causas<sup>120</sup>:

- a) Muitas vezes as palavras do catequista pareciam ser desprezíveis, provocando nele um vazio interior;
- b) Pelo fato do ouvinte não captar o ensinamento do catequista, obrigava este a “descer” do mundo do mundo da meditação dos mistérios da fé à vida real dos seus ouvintes, para que eles pudessem entender os conteúdos da mensagem;

---

<sup>118</sup> J. M. URIARTE, *Ser presbítero en el seno de nuestra cultura*, Vida Nueva, Septiembre, 2009, 32.

<sup>119</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2,3, CCL 46, 122: «*Sed quod ad tuam proprie considerationem pertinet, nolim te moueri ex eo quod saepe tibi abiectum sermonem fastidiosum que habere uisus es. Fieri enim potest, ut ei quem instruebas, non ita sit uisum, sed quia tu aliquid melius audiri desiderabas, eo tibi quod dicebas uideretur indignum auribus aliorum. Nam et mihi prope semper sermo meus displicet*».

<sup>120</sup> Ao longo da exposição catequética encontrámos, pelo menos, seis causas do aborrecimento do catequista aos quais santo Agostinho responde com outros tantos “remédios” ou soluções para combatê-las; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 10,14-15; 11,16; 12,17; 14,20-21, CCL 46, 136-145.

- c) Ao fazer uma improvisação oral ou escrita o catequista pode, em muitas ocasiões, correr o risco de chocar os seus ouvintes, tornando menos íntegra a verdade da sua exposição;
- d) Aborrece repetir muitas vezes as mesmas coisas;
- e) A tristeza e o desgosto que o catequista sente por ter de suspender um trabalho que estava a fazer para se dedicar à catequese;
- f) A dificuldade em pronunciar um discurso sereno e agradável devido aos escândalos dos ímpios que faziam parte do grupo da catequese;

Tudo isto provocava incómodo no diácono Deográtias, isto porque quem ensina deseja, entre muitas coisas, que os outros escutem uma coisa melhor, mais preparada e elaborada. Aliás, como nos ilude santo Agostinho, a dificuldade principal deve-se à falta de originalidade durante a exposição das coisas já conhecidas, isto porque «*maior causa est, cur nobis in imbuendis rudibus noster sermo vilescat, nisi quia libet inusitate cernere et taedet usitate proloqui*»<sup>121</sup>. De fato, sem esta originalidade sentimos um certo desgosto por aquilo que ensinamos.

É neste sentido que, perante estas dificuldades, o nosso autor mostra-nos que devemos ter a perspicácia para entender que meios empreender para que o catequista possa comunicar e anunciar sempre com alegria, pois quanto mais alegria há mais a pregação se resulta.

---

<sup>121</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2,4, CCL 46, 123.

### 3.1.1 Como superar as dificuldades na transmissão e exposição da fé

Perante o aborrecimento do diácono Deográtias face à aridez na sua exposição, que originam muitas vezes um vazio bloqueador na sua ação catequética, Agostinho sugere-lhe uma série de “remédios” e recomendações psicológicas interessantes que o ajudam a ultrapassar as dificuldades que encontrava na explicação da fé.

Em primeiro lugar, Agostinho chama a atenção para as motivações e capacidade de resistências, de compreensão e de atenção daqueles que recebem a instrução catequética. Isto para que o conteúdo da fé viesse a ser mais profícuo para àqueles que são instruídos.

Ora, a primeira tarefa do catequista para superar as dificuldades na ora de comunicar a fé consiste, antes de mais, em convencer-se do trabalho que está a realizar<sup>122</sup>, isto é, a tomada de consciência da utilidade da sua pregação e motivar-se de que as suas palavras não são tão desaproveitadas e estéreis como muitas vezes elas aparentam ser. Porém, isto não dispensa que o catequista seja exigente e faça um esforço cada vez maior para conseguir a qualidade das exposições apresentadas na catequese, ainda que, à partida, seja difícil deduzir o efeito e o eco que a palavra vai surtir naquele que o escuta.

É neste sentido que Agostinho encoraja Deográtias, mostrando-lhe que o trabalho que ele é chamado a realizar é uma obra de misericórdia, e que, como tal, deve ser realizada com humildade, «permitindo que Deus comunique através de

---

<sup>122</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2,4, CCL 46, 123: «*Non ita esse frigidum eloquium meum, ut videtur mihi*».

nós, de acordo com as nossas capacidades»<sup>123</sup>, pois tudo concorre para o bem daqueles que o amam<sup>124</sup>.

Deográtias é ajudado por Agostinho a superar as dificuldades, repetindo o mesmo assunto – sobretudo os mais importantes – uma e outra vez e procurando aproximar-se dos seus ouvintes «com o amor fraterno, paterno ou materno»<sup>125</sup>, porque só assim, entrando numa relação de proximidade e solidariedade com o recetor, ele vai encontrar novidade na sua própria abordagem.

Muitas vezes os ouvintes demonstravam a falta de reação e de gentileza face às explicações. Isto também deixava o diácono Deográtias desanimado e sem saber se a sua exposição foi bem ou mal recebida. Neste caso, Agostinho propôs-lhe como “remédio” acolher os seus ouvintes numa atitude de comunhão fraterna, usando todos os meios disponíveis para discernir o rumo certo a tomar e, em cada caso, tratá-los com compaixão. Quando os seus ouvintes estão cansados o catequista deve usar o bom humor ou, então, dizer algo um pouco surpreendente (de acordo com o interesse e situação do ouvinte), isto é, tentar, com as suas palavras, todo o possível para despertar e suscitar naquele que o escuta o desejo de acolher a mensagem exposta e de expressar livremente o que entendeu<sup>126</sup>.

---

<sup>123</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 11,16, CCL 46, 140: «*Et maiore fiducia deprecabimur, ut loquatur nobis Deus quomodo volumus, si suscipiamus hilariter, ut loquatur per nos quomodo possumus*».

<sup>124</sup> Cf. Rom 8,28.

<sup>125</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 12,17, CCL 46, 141: «*Si usitata et parvulis congruentia saepe repetere fastidimus, congruamus eis per fraternum, paternum, maternumque amorem*».

<sup>126</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 13,18, CCL 46, 142: «*Sed re vera multum est perdurare in loquendo usque ad terminum praestitutum, cum moveri non videmus audientem: quod sive non audeat, religionis timore constrictus, você aut aliquo motu corporis significare approbationem suam, sive humana verecúndia reprimatur: sive dicta non intelligat, sive contmnat: [...] omnia sermone tentanda sunt, quae ad eum excitandum et tamquam de latebris eruendum possint valere*».

O catequista deve estar particularmente atento às necessidades físicas dos seus ouvintes e procurar, num gesto de cordialidade e familiaridade, despertar a sua atenção, argumentando algo realmente maravilhoso e deslumbrante<sup>127</sup>. Enfim, ele deve provocar um diálogo com o ouvinte, capaz de inspirar-lhe confiança. Trata-se, como nos diz santo Agostinho, de uma «carinhosa exortação»<sup>128</sup> que desperta o candidato a interessar-se pelo que o catequista está a ensinar.

Face ao desagrado e tristeza por ter que suspender os outros afazeres, que o catequista achasse ser mais necessário, para se dedicar à catequese, Agostinho lembra ao catequista Deográtias, em termos gerais, que a sua obrigação é de agir sempre, na relação com os seus ouvintes, com misericórdia e como dever de maior caridade<sup>129</sup>. Ao agir deste modo o catequista está a demonstrar, por sua vez, que prefere fazer a vontade de Deus em detrimento da sua, isto é, ver na ação catequética um ato da vontade de Deus.

Porventura, pode acontecer também que o catequista se encontre triste por causa de algum escândalo ou erro por parte daqueles que ele ensina, o que o torna incapaz de pronunciar um discurso adequado e agradável. Neste caso, Agostinho assegura ao diácono Deográtias que o amor por aqueles por quem Cristo morreu deve ser tão grande a ponto de, pelo fato da notícia ser trazida até ele, servir-lhe

---

<sup>127</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 13, 19, CCL 460, 143: «*Quod tamen non offendat eius verecundiam asperitate aliqua, sed potius familiaritate conciliet*».

<sup>128</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 13, 18, CCL 46, 142: «*Nam et timor nimius atque impediens declarationem iudicii eius blanda exhortatione pellendus est*».

<sup>129</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 14, 20, CCL 46, 144: «*Si autem confregit animum tuum alterius actionis, cui tamquam magis necessariae iam suspensus eras, omissio, et propterea tristes insuaviter catechizas: cogitare debes (excepto quod scimus misericorditer nobis agendum esse quidquid cum hominibus agimos, et ex officio sincerissimae caritatis; hoc ergo excepto), incertum esse quid utilius agamus, et quid opportunius aut intermittamus, aut omnino omittamus*».

de consolo para a sua tristeza<sup>130</sup>, uma vez que essa pessoa tem o desejo de se tornar cristão. Porém, quando a tristeza é causada por algum pecado ou falha da parte do catequista, este deve, alegrar-se com a catequese que faz, porque está a realizar um trabalho de grande misericórdia<sup>131</sup>, isto é, está a dar oportunidade a outros de se tornarem cristãos.

É verdade que perante todas estas dificuldades, aquele que prega e ensina na fé, há que adaptar-se às circunstâncias. Neste sentido, a sensibilidade de santo Agostinho alerta-nos para uma das qualidades básicas ao qual todo o catequista, isto é, todo aquele que ensina, deve estar dotado, que é ser capaz de descobrir os meios e os procedimentos para que a fé eclesial possa ser entendida, captada e assumida pelo recetor ao qual se dirige a mensagem. Daí o nosso autor refletir com virtuosismo impressionante a variedade de circunstâncias em que o ensino pode ser feito e as implicações pedagógicas de um auditório muito diversificado, ao qual o catequista deve adaptar-se.

É neste sentido que ao longo dos capítulos 10 a 15 do DCR aparecem numerosas oportunidades de realizar uma adaptação prática à situação dos catecúmenos. Contudo, é no final do capítulo 15 que Agostinho aborda esta questão com maior clareza e extensão, como uma necessidade ineludível do catequista. O seu pensamento discorre sobre as diversas possibilidades de

---

<sup>130</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 14, 21, CCL 46, 145: «*Tantum esse caritatem oportet in eos pro quibus Christus mortuus est (1 Pe 1,18), volens eos pretio sanguinis sui ab errorum saecularium morte redimere, ut hoc ipsum, quod nobis tristibus nuntiatur, praesto esse aliquem, qui desiderat fieri Christianus, ad consolationem illius resolutionemque tristitiae valere debeat*».

<sup>131</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 14, 22, CCL 46, 146: «*Si autem de aliquo erratu nostro vel peccato nos maestitudo comprehendit, [...] et gratulemur si quis eam de proximo offerret: [...] data occasione misericordissimi operis*».

comunicação com os recetores, pois assegura, por exemplo, que não é a mesma coisa dirigir-se por escrito do que através da palavra, nem fazer o plano individual e secreto do que em público, ou dirigir-se a um ou a muitos, nem adotar o estilo coloquial ou de uma secção mais solene. Isto porque um dos motivos da adaptação é precisamente as circunstâncias e as diferenças culturais dos recetores, que vão marcar e ritmar a maneira de comunicar e de atuar do catequista.

Assim, santo Agostinho procura recapitular e sintetizar, através da sua obra, um plano de pedagogia da fé, que vai de encontro com o essencial da fé cristã. Isto porque, somente mediante uma boa conversação e comunicação (o DCR, quase na sua totalidade, faz referência a estes aspetos) poderemos perceber as intenções e todos os detalhes pessoais que levaram os candidatos a ingressarem no catecumenado e a iniciar o caminho cristão. Isto é importante porque, no entanto, muitos podem ter outros motivos<sup>132</sup> para se tornarem cristãos.

Aliás, é neste sentido que santo Agostinho faz uma recomendação a Deográtias, através da qual ele pede-lhe que, na exposição catequética, busque sempre o assentimento dos catecúmenos, isto é, uma adesão consciente e reflexiva<sup>133</sup>, que simboliza o desenvolvimento e amadurecimento da fé, de acordo com a explicação recebida.

---

<sup>132</sup> Há motivos de ordem material, marcados pelo desejo de adquirir um *status* social e/ou profissional, que podem ter levado as pessoas a quererem se tornar cristãos; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 5, 9, CCL 46, 129: «*Si enim aliquod commodum exspectando ab hominibus, quibus se aliter placiturum non putat, aut aliquod ab hominibus incomodum devitando, quorum offensionem aut inimicitias reformidat, vult fieri Christianus*».

<sup>133</sup> Esta adesão consciente e madura expressa-se através do “*Amén*”, que todo o povo responde: «*Non quia ista minime corrigenda sunt (ut populus ad id quod plane intellegit, dicat ámen), sed tamen pie toleranda sunt ab eis qui didicerint, ut sono in foro sic uoto in ecclesia benedici*»; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 9,13, CCL 46, 135-136. Este “*Amén*” é a culminação e expressão consciente da maturidade na vida cristã e de aprovação e consentimento do conteúdo da

De acordo com os interesses e características dos catequizandos, a adaptação é, portanto, uma exigência fundamental a ter presente quando se comunica a fé.

### 3.1.2 A caridade, princípio e fim da catequese

De entre muitas soluções e remédios práticos apresentados face ao aborrecimento, não só por parte do que escuta, mas também as dúvidas, as incertezas, os temores e as insatisfações de quem tem o ofício de ensinar, que ocorrem normalmente durante a catequese, deve-se salientar o aspeto da *caridade*, que o Hiponense não se cansa de referir ao longo do seu tratado. Aliás, ele é consciente de que embora não se deva oferecer o mesmo remédio e a mesma solução para todos, devido às circunstâncias diversas, deve-se, porém, oferecer e ter o mesmo gesto de caridade para com todos<sup>134</sup>.

Deve dizer-se, antes de mais, que é pela virtude da caridade que Agostinho é movido<sup>135</sup> a escrever e dedicar o seu trabalho a Deográtias e à toda a Igreja de Cartago em geral. Isto porque, como ele próprio nos diz, na base da pregação catequética, «*omnia Dei amore patent*»<sup>136</sup>, está a caridade e o amor de Deus. O amor é o padrão da catequese. Na apresentação e exposição histórica da fé o amor

---

fé; cf. L. RESINES, «El catecumenado en “De catechizandis rudibus”» in *Estudio Teológico Agustiniiano*, Valladolid, 1987, vol. 22, 385.

<sup>134</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 15, 23, CCL 46, 148: «*Et quia cum eadem omnibus debeat caritas, non eadem est omnibus adhibenda medicina*».

<sup>135</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1, 2, CCL 46, 121: «*Ego uero non ea tantum quam familiariter tibi, sed etiam quam matri ecclesiae uniuersaliter debeo, caritate ac seruitute compellor, si quid per operam meam, quam domini nostri largitate possum exhibere, idem eos dominus quos mihi fratres fecit, adiuuari iubet, nullo modo recusare, sed potius prompta et deuota uoluntate suscipere*».

<sup>136</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 6, CCL 46, 125.

deve ser a grande motivação tanto para o que ensina como para aquele que recebe a instrução.

Digamos que santo Agostinho perspectiva todo o seu programa educativo baseando na doutrina da «caridade que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera»<sup>137</sup>. A caridade deve refletir-se em tudo o que se diz, afim de «*quidquid narras ita narra, ut ille cui loqueris audiendo credat, credendo speret, sperando amet*»<sup>138</sup>. Ou seja, é através da caridade que o recetor da mensagem é chamado a crer e a esperar naquilo que é-lhe ensinado, nas verdades da fé, para poder chegar à salvação. Agostinho destaca a necessidade da humildade e a pureza de intenção por parte dos que ensinam os iniciados na fé.

Neste sentido, a dimensão do amor no ato catequético proeminência muitos ganhos e vantagens quer para o que ensina quer para o que está a ser ensinado. Aliás, é a partir da caridade que se consegue cativar os que estão a ser instruídos e explicar-lhes adequadamente todos os outros aspetos da fé cristã.

Podemos então perguntar de onde provém esta caridade que deve mover o catequista e a catequese em geral?

Sem dúvida, a caridade com que deve ser feita a catequese reflete-se de uma forma plena na Pessoa de Jesus Cristo, que é o grande mediador entre Deus e os homens. É à luz de vários tipos de amor humano, sobretudo de amizade, que o Amor de Deus para com a humanidade é elucidado<sup>139</sup>. Aliás, toda a Escritura

---

<sup>137</sup> 1 Tm 1, 5.

<sup>138</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 129.

<sup>139</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4,7, CCL 46, 126-127: «*Et ipsum deum, quoniam prior dilexit nos, et filio suo unico non peperit, sed pro nobis omnibus tradidit eum, si*

revela-nos este amor de Deus, manifestada plenamente em Cristo. Este amor é recomendado a Deográtias, como objetivo a ter em conta quando se dirige aos iniciantes na fé, durante a catequese.

Neste sentido, Agostinho dirige-se a Deográtias mostrando-lhe o exemplo do amor de Cristo kenótico<sup>140</sup>, que, servindo-se das palavras de São Paulo, «se fez fraco com os fracos para ganhar os fracos»<sup>141</sup>.

Efetivamente, um dos primeiros passos da instrução religiosa e catequética é, segundo o nosso autor, centrarmo-nos no grande cuidado que Deus tem para conosco, isto é, perceber «*quanta Deo sit cura pro nobis*»<sup>142</sup>. Devemos nos focar no amor de Cristo, ou melhor, no Amor de Deus correspondente à vinda de Cristo. Este amor deve mover-nos a que também nos amemos uns aos outros como Deus nos amou e se ofereceu por nós, dando-nos a vida<sup>143</sup>. Isto quer dizer que da mesma forma que Cristo deu a vida por nós também nós devemos dar a vida pelos irmãos, sobretudo por aqueles que nos são confiados.

Encontramos em todo o capítulo quarto do DCR a referência ao amor de Deus, «*amoris Dei argumentum Christi adventus*»<sup>144</sup>, que se manifesta na Pessoa de Jesus Cristo. Digamos que na catequese, pelas palavras do bispo de Hipona, devemos ter em consideração a «*finis praecepti et plenitudo legis caritas est*»<sup>145</sup>,

---

*amare pigebat, saltem nunc redamare non pigeat. Nulla est enim maior ad amorem inuitatio quam praeuenire amando».*

<sup>140</sup> Cf. Fl 2, 6-8.

<sup>141</sup> 2 Cor 9, 22.

<sup>142</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6,10, CCL 46, 130.

<sup>143</sup> Cf. 1 Jo 4, 10-19.

<sup>144</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 128.

<sup>145</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4,7, CCL 46, 126.

isto porque toda a revelação e todo o desígnio salvífico de Deus ao longo da história se condensa no amor e na misericórdia de Deus para com a humanidade.

Daí que, a pedagogia de Agostinho seja toda ela moldada pela mensagem de amor, baseada no amor de Cristo, «que veio ao mundo para que o homem saiba quanto Deus o ama e aprenda a abrasar-se inflamado no amor de Deus que o amou primeiro, e no amor ao próximo, de acordo com a vontade e exemplo de quem se fez próximo ao amar previamente não o que estava perto, mas o que estava longe dele»<sup>146</sup>. E assim, o mesmo amor, «a uns dá a luz e com outros sofre, a uns trata de edificar e a outros teme ofender, humilha-se para uns e exalta-se para outros, com uns se mostra afetuosa e com outros se mostra severa»<sup>147</sup>.

Neste sentido, Santo Agostinho ensina-nos que a partir da misericórdia de Deus face à miséria humana, nasce a caridade que deve nortear todo o ato catequético. A caridade como núcleo da revelação cristã e, por conseguinte, como núcleo da transmissão da fé assente na própria revelação. O catequista deve apreender que a todos se deve a mesma caridade, porque esta «*nulli inimica, omnibus mater*»<sup>148</sup>, ou seja, que não há nenhum remédio melhor do que caridade, que ensina, corrige e cura a todos. Na verdade, é movido por este amor que o catequista se une aos seus ouvintes «*per fraternum, paternum, maternumque amorem, et copulatis cordi eorum etiam nobis nova videbuntur*»<sup>149</sup>.

---

<sup>146</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 128: «*Si ergo máxime propterea Christus advenit, ut cognosceret homo quantum eum diligat Deus, et ideo cognosceret, ut in eius dilectionem a quo prior dilectus est inardesceret, proximumque illo iubente et demonstrante diligeret, qui non proximum, sed longe peregrinantem; diligendo factus est proximus*».

<sup>147</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 15, 23, CCL 46, 148: «*Ipsa item caritas (1 Cor 9,22) alios parturit, cum aliis infirmatur; alios curat aedificare, alios contremiscit offendere; ad alios se inclinat, ad alios se erigit; aliis blanda, aliis severa*».

<sup>148</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 15, 23, CCL 46, 148.

<sup>149</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 12, 17, CCL 46, 141.

Isto quer dizer que a caridade deve ser perceptível não só na exposição da fé, que parte do amor e da misericórdia de Deus, mas sobretudo deve ser o fundamento na relação catequista-catequizando, entre o transmissor e o recetor da mensagem da fé. Porque quanto mais amamos aqueles a quem ensinamos mais estamos desejosos que lhes agradem as coisas que ensinamos para a sua salvação<sup>150</sup>.

Na verdade, devido a variedade de ouvintes, a caridade do catequista para com aqueles que recebem a instrução irá motivá-lo, naturalmente, a estar mais atentos às suas necessidades. No DCR santo Agostinho expressa a humana delicadeza que põe o catequista no estado de atenção e em profunda simpatia e amizade com aquele que ele está a instruir.

Esta caridade resume, sem dúvida, toda a missão do catequista, uma vez que deve exprimir nele o testemunho, a simpatia e o amor que Deus tem por cada homem. Para tal, o Hiponense serve-se de exemplos que testemunham a sua grande humanidade e o seu cuidado como catequista e pastor. Ele admoesta o diácono Deográtias a tentar todos os meios possíveis para fazer com que os que eventualmente estejam detidos por «*religionis timore constrictus*» ou com «*humana verecundia reprimatur*»<sup>151</sup> saiam da letargia da timidez e tenham mais confiança e segurança nas coisas que escutam. Isto revela, sem dúvida, um grande gesto de amor para com os ouvintes e os recetores da mensagem da que estamos a transmitir.

---

<sup>150</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 10, 14, CCL 46, 137: «*Et quanto magis diligimus eos quibus loquimur, tanto magis eis cupimus, ut placeant quae ad eorum porriguntur salutem*».

<sup>151</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 13, 18, CCL 46, 142.

Partindo das situações em que os recetores particularmente se encontravam, há que manifestar este amor com verdade e sem fingimento, de modo a despertar neles o desejo de querer realmente tornar-se cristão. O catequista tem de proceder com autenticidade e tratar de purificar, por meio da narração do amor de Deus e de exortações, as dúvidas e fraquezas que normalmente assolam os catecúmenos.

Sendo assim, podemos então dizer que o amor de Deus, a caridade, deve ser tido como a cadeia à volta da qual deve girar toda a narração do catequista e também a sua relação pessoal com o catecúmeno.

### **3.1.3 A *hilaritas* como condição essencial**

Ao começar por apresentar resumidamente as dificuldades que normalmente acompanham os que têm o ofício de ensinar e, sobretudo, face ao catequista desanimado, Agostinho, para tranquilizar Deográtias, prossegue dizendo que, segundo o conselho de Deus, devemos procurar o remédio para aliviar a tensão interior e, então, alegrarmo-nos com o fervor do espírito e gozarmos com calma de uma boa obra, pois «Deus ama aquele que dá com alegria»<sup>152</sup>.

---

<sup>152</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 10, 14, CCL 46, 137: santo Agostinho inspira-se em São Paulo, cf. 2 Cor 9,7, e diz que, de acordo com a vontade de Deus, o catequista deve buscar a tranquilidade no seu ensinamento: «*Secundum Deum sunt quaerenda remedia, quibus relaxetur illa contractio, et fervore spiritus exsulemus et incudemur in tranquillitate boni operis. Hilarem enim datorem diligit Deus*».

Daí encontrarmos, no capítulo décimo do DCR, um exemplo claro de como se consegue a alegria, que cativa e atrai os catequizandos, durante a ação catequética.

Ora, a alegria – *hilaritas* – aparece aqui como o antídoto contra todas as dificuldades. Porque, na verdade, muitas das dificuldades do ensinamento podem ser superadas com a *hilaritas*. Para santo Agostinho, a tristeza e o desânimo durante a exposição e explicação da fé, deve-se à falta de alegria. A diferença entre o que pensamos e o que dizemos, o cansaço que nos aflige, a rotina e a monotonia do nosso discurso, que levam-nos ao fastio, podem ser superadas com entusiasmo e alegria.

Por isso ele não se cansa de alertar Deográtias a cuidar sempre da alegria, dizendo:

*«Sed quibus modis faciendum sit, ut gaudens quisque catechizet (tanto enim suavitor erit, quanto magis id potuerit), ea cura maxima est. Et praeceptum quidem rei huius in promptu est. Si enim in pecunia corporali, quanto magis in spiritali hilarem datorem diligit Deus (2 Cor 9,7)? Sed haec hilaritas ad horam ut adsit, eius est misericordiae qui ista praecepit»<sup>153</sup>.*

Agostinho é consciente de que o desenvolvimento de uma atitude alegre é a condição *sine qua non* para uma boa exposição da catequese. É no clima do bom humor e na alegria com que se fala das coisas de Deus que está o segredo do bom catequista. Aliás, uma vez refutado o tédio, o espírito está mais preparado para a catequese, e as palavras alegres transmitem então a abundância do amor de Deus

---

<sup>153</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2, 4, CCL 46, 124.

e, são escutadas com mais prazer e mais entusiasmo pelos recetores<sup>154</sup>. Na verdade, a *hilaritas* é a virtude que cativa os catequizandos, pois eles, certamente, escutam com maior agrado quando os catequistas se alegram e vibram durante a exposição da catequese.

Podemos dizer, efetivamente, que a alegria é um gesto e um testemunho que os catequistas devem transmitir aos seus discípulos. E, pode-se chegar à conclusão de que quando se faz a narração e a comunicação da fé com alegria o discípulo também o acolhe com mais agrado, isto porque «*Et re quidem vera multo gratius audimur, cum et nos eodem opere delectamur: afficitur enim filium locutionis nostrae ipso nostro gaudio, et exit facilius atque acceptius*»<sup>155</sup>.

Digamos que santo Agostinho serve-se da sua própria experiência e vai além da retórica, mostrando que na exposição da fé há que seguir um caminho mais profundo e entusiasmante, ou seja, há que entrar numa dinâmica viva e hilariante quando temos o árduo encargo de instruir na fé aqueles que querem tornar-se cristãos. Devemos fazê-lo sempre na alegria e com alegria, pois só assim a alegria ganha um matiz teológico, porque provém de Deus e é fruto do Espírito Santo.

Portanto, quer seja uma exposição mais breve quer seja uma mais extensa, o catequista deve ter o cuidado de encontrar os meios a empreender para que consiga ensinar sempre com alegria.

---

<sup>154</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 14, 22, CCL 46, 146: «*His atque huiusmodi cogitationibus et considerationibus depulsa caligine taediorum, ad catechizandum aptatur intentio, ut suaviter imbibatur, quod impigre atque hilariter de caritatis ubertate prorumpit*».

<sup>155</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2, 4, CCL 46, 123-124.

### 3.2 O lugar da Sagrada Escritura na catequese

Neste ponto vamos realçar a centralidade da Sagrada Escritura na catequese, isto porque durante a sua pregação e exposição da fé Agostinho recorre sempre à Sagrada Escritura. Isto demonstra a importância das Escrituras no ato catequético, o que faz da Palavra o ponto de partida e fundamento de toda e qualquer narração catequética.

Ao responder a Deográtias, Agostinho traça uma linha-base de trabalho e do método a utilizar durante a exposição da fé. Esta exposição deve ter, naturalmente, em consideração a narração da história religiosa e sagrada, mormente a dos factos mais importantes.

Neste sentido, o tratado DCR oferece-nos um esquema geral que orienta, por assim dizer, os primeiros passos da instrução catequética, percorrendo, desta feita, um «*iter in scripturis sanctis*»<sup>156</sup> que vai desde o início da criação, quando Deus criou o céu e a terra, até aos tempos atuais da história da Igreja, que se configura nos finais dos tempos.

Efetivamente, para que uma exposição da fé seja completa, lembra o nosso autor, é preciso que ela comece com a frase: «*In principio fecit Deus coelum et terram, usque ad praesentia tempora ecclesiae*»<sup>157</sup>. Isto leva-nos a crer que a catequese deve começar com as primeiras palavras da Escritura Sagrada, atravessando todas as passagens da história sagrada, e terminar com o final dos

---

<sup>156</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6, 10, CCL 46, 130.

<sup>157</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124.

tempos, com a manifestação de Deus, assim como estão narradas nas páginas das Escrituras.

Assim sendo, a Sagrada Escritura é a base que orienta a pregação do catequista porque nela encontramos a providência de Deus narrada ao longo da história da salvação. É assim que santo Agostinho justifica o seu método de ensinar apelando à Sagrada Escritura.

Digamos que, a centralidade da Escritura na catequese deve-se ao facto de, por um lado, Agostinho, tal como os outros padres da Igreja, é ciente de que tudo o que contém a Escritura, desde o *Livro dos Géneses* até o final, o *Livro de Apocalipse de São João*, é a figura e o cumprimento<sup>158</sup> da vinda de Cristo. Ou seja, tudo aponta para Cristo e para a sua Igreja e tem neles o seu cumprimento. É deste modo que toda a narração bíblica começa com a criação e termina com o estado atual da Igreja, tendo, entretanto, a sua plenitude em Cristo.

Por outro lado é de realçar que, para santo Agostinho, a Sagrada Escritura contém e determina a eficácia psicológica e a força de persuasão do argumento profético. Isto porque o cumprimento das profecias, parafraseando São Pedro<sup>159</sup>, é o verdadeiro motivo da fé dos que escutam a Palavra, o seu *motivum credibilitatis* que os faz crer no cumprimento da profecia divina, que gera uma história de amor.

A Escritura ocupa, deste modo, um lugar central no pensamento de santo Agostinho. Ela é como que a bússola que orienta a catequese. Isto porque na catequese cristã todos os que são instruídos (além do próprio que catequista) são

---

<sup>158</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 6, CCL 46, 124: «*Neque enim ob aliud ante aduentum domini scripta sunt omnia quae in sanctis scripturis legimus, nisi ut illius commendaretur aduentus et futura praesignaretur ecclesia*».

<sup>159</sup> Cf. 2 Pe 1,19.

chamados a escutar a Palavra de Deus e a alimentarem-se constantemente dela. É necessário comunicar e transmitir a Palavra de Deus a todos, sobretudo aos “rudes”, que precisam de encetar o caminho da fé e do seguimento de Cristo.

É assim que encontramos na Escritura Sagrada uma convergência e unidade que deve nortear toda a exposição catequética. Porque a ação de Deus, exposta na catequese, não constitui uma série de intervenções singulares, mas, pelo contrário, é a expressão da profunda unidade e continuidade do desígnio de Deus.

Neste sentido, o desafio do catequista ao longo da narração da história da salvação passa por demonstrar tal unidade e continuidade entre os dois Testamentos. Isto porque, o Antigo Testamento é apresentado como a profecia do Novo e o seu cumprimento, que converge em Cristo, porque «*omnisque scriptura divina quae ante scriptura est...Christum narrat...Quapropter in Veteri Testamento est occultatio Novi, in Novo Testamento est manifestatio Veteris*»<sup>160</sup>. Isto porque toda a Escritura pré-anuncia e revela a Pessoa de Jesus Cristo. Todo o Antigo Testamento preparou o Novo e este está contido no gérmen do primeiro.

No DCR de santo Agostinho encontramos esta unidade de Testamentos (no último capítulo perceberemos melhor esta unidade, quando falarmos da narração da história da salvação). Podemos, enfim, dizer que a orientação bíblica da catequese deve fazer com que ela seja sempre entendida numa dimensão bíblica e narrativa, isto é, tendo um carácter doutrinal e histórica, que perpassa toda a dinâmica da catequese.

---

<sup>160</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 128.

### 3.3 A *Narratio*

Ora, comumente a *narratio*<sup>161</sup> era uma das partes essenciais da oratória ensinada nas escolas de retórica. Era empregue para tentar expor e convencer o auditório acerca de uma determinada convicção que se pretendia comunicar, muitas vezes em categoria de mito, sobretudo no mundo religioso pagão. A *narratio*, como parte central de qualquer discurso, tinha, neste caso, como finalidade persuadir os ouvintes durante a explicação ou apresentação de qualquer premissa e apresentava-se como uma renúncia ao livre juízo de que os historiadores pagãos eram feitos.

Todavia, no mundo religioso-cristão, muitos autores empregavam este termo já com uma conotação diferente<sup>162</sup>. Isto porque, no âmbito cristão, a *narratio* aparece como referência segura ao mundo da verdade e não de opinião individual<sup>163</sup>, e devia ser, antes de mais, histórica, isto é, no sentido do género

---

<sup>161</sup> A *narratio* pertencia à *Oratio Clássica*. Segundo a divisão e a denominação da *Rhetorica ad Herennium*, e de antigos tratadistas, o discurso oratório era dividido em seis partes: «*Inventio in sex partes orationis consumitur: in exordium; narrationem; divisionem, confirmationem, confutationem*», e terminava em *conclusio*; cf. *Rhet. ad Her. I*, 3,4, ed. G. CALBOLI, Bologna 1969, 96). A *narratio* é então um termo técnico que expressa a parte assim chamada do discurso oratório. Era a parte central do discurso e consistia na exposição/indicação dos factos sucedidos; Sobre a *narratio*, cf. H. LAUSESBERG, *Handbuch der Literarischen Rhetorik. Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft I*, München, 1960, 147ss; A. DE VEER, «Ouvres de Saint Augustin 11», in *Lê Magistère Chrétien*, BA., Paris, 1949, 547ss; A. BLAISE, DLFAC, Strasbourg 1954, 548; A. MURA, *S. Agostinho. De catechizandis rudibus*, 2ª ed., Brescia, 1961, 3,1; J. P. CHRISTOPHER, *S. Augustine. The First Catechetical Instruction*, Westminster (Maryland), London, 1962, 95, 9.

<sup>162</sup> Cf. J. OROZ RETA, «Notas Complementarias 10» in *Obras Completas de San Agustin XXXIX*, BAC, Madrid, 1988, 683-684; P. SINISCALCO, «Osservazioni sulla *narratio* del “De catechizandis rudibus” di S. Agostino», in *Augustinianum XIV*, Roma, 1974, 611-612.

<sup>163</sup> Cf. V. GROSSI, *La catechesi battesimale agli initio del V secolo*, Institutum Patristicum “Augustinianum”, Roma, 1993, 445ss.

literário da história, como exposição sistemática dos acontecimentos e factos da salvação e da criação do mundo que há-de vir<sup>164</sup>.

Parindo deste pressuposto, podemos então perguntar: o que é a *narratio* para santo Agostinho e qual a sua importância para a catequese no DCR?

### 3.3.1 A *Narratio* na exposição catequética

Como vimos no capítulo anterior, após uma breve introdução, santo Agostinho começa logo, a partir do capítulo terceiro, por fazer referência à *narratio*<sup>165</sup>. Como norma para a exposição da fé ele começa com o relato da criação e vai percorrendo toda a história da salvação, com referência constante a Cristo. Isto demonstra, aliás, que o núcleo da exposição agostiniana é um tratado inteiramente sobre a Sagrada Escritura e sobre a tradição eclesial.

Neste sentido, podemos facilmente intuir que o uso frequente da Sagrada Escritura no decorrer da sua exposição catequética revela a importância da *narratio* no ensino e na transmissão da catequese. Isto porque os fatos bíblicos da história da salvação, isto é, a *narratio*, que orienta o catequista sobre a maneira de relatar a história da salvação, vão de encontro com a apresentação da matéria da fé, que explica, de uma forma mais profunda e clara, os eventos narrados.

Aliás, deve dizer-se antes de mais que já no final do primeiro século da era cristã, como é evidente, se desenvolvia um certo género da literatura tipológica da

---

<sup>164</sup> Cf. I. G. TOUTON, «La méthode catéchétique de S. Cyrille de Jérusalem comparée à celles de S. Augustin et de Théodore de Mopsuste», in *Proche Orient Chrétien* I, Jerusalém, 1951, 265-285; A. DE VEER, *De catechizandis rudibus*, BA., Paris, 1949, 547-549.

<sup>165</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124: «*Fundamenta in gravioribus rerum divinarum factis*».

Escritura, que conduz a um esquema-base da *narratio*, que era o coração, por assim dizer, da catequese Batismal. Neste sentido, desde Clemente Romano, passando por Ireneu e até chegarmos em santo Agostinho, encontramos um esboço comum da catequese que, por fazer parte e ter a contingência histórica de acordo ao que se encontra na Igreja, nos mostra uma *narratio* igualmente estruturada<sup>166</sup>.

É neste sentido que podemos dizer que em santo Agostinho, a *narratio* ganha um cunho bem diferente do da cultura clássica, que ele assumiu previsivelmente<sup>167</sup>. Isto porque, para Agostinho, há uma «*narratione [...] historica cum praeterita etiam hominum instituta narrantur*»<sup>168</sup>. Há uma concepção diferente da *narratio*, uma novidade dentro da continuidade, pois a *narratio* para Agostinho não se limitava somente à recitação da história bíblica propriamente dita, e nem era feita de uma forma sistemática sobre a fé e a lei moral, relatando de uma forma linear a Sagrada Escritura, pois importa acima de tudo a narração dos factos mais importantes da história da salvação de Deus em favor do género humano<sup>169</sup>.

---

<sup>166</sup> Cf. P. DREWS, «Introdizione a Agostino», in *De catechizandis rudibus*, 3ª ed., Herausgegeben von G. KRÜGER, Tübingen, 1934, 5.

<sup>167</sup> Muitos estudiosos estão de acordo em afirmar que santo Agostinho herdou este termo da cultura clássica, sobretudo do manual do velho Quintiliano. Este ajuda-nos a perceber melhor a *narratio* agostiniana, pois o autor de *Instituto Oratotia* escreve: «*hinc iam, quas primas in docendo partis rhetorum putem, tradere incipiam dilata parumper illa, quae sola vulgo vocatur, arte rhetorica: ac Mihi*»; QUINTILIANO, *Inst. Orat.* II, 4,1ss, ed. L. RADERMACHER, I, 77ss; Como podemos perceber, a expressão de Quintiliano faz referência à *narratio* histórica. Isto mostrar-nos que a *narratio* histórica vem constituir uma passagem obrigatória para o discente progredir na guia da retórica. cf. P. SINISCALCO, «Osservazioni sulla *narratio* del “De catechizandis rudibus” di S. Agostino», in *Augustinianum* XIV, 1974, 611; P. KESELING, «Augustin und Quintilian», in *AM I*, Paris, 1954, 201-204.

<sup>168</sup> AUGUSTINUS, *De Doctrina Christiana*, 2, 28, CCL 32, 60-61.

<sup>169</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124: «*Non tamen propterea debemus totum Pentateuchum, totosque iudicum et regnorum et Ezrae libros, totumque Euangelium et Actus Apostolorum, uel, si ad uerbum edidicimus, memoriter reddere, uel nostris*

Neste sentido, deve-se considerar o que o próprio Agostinho disse expressamente: «*Narratio plena est, cum quisque [...] tempora ecclesiae*»<sup>170</sup>. Ora, segundo esta expressão, a exposição da fé compreende não só o recontar através da Escritura do Antigo Testamento e do Novo, mas também a história da Igreja até ao fim dos tempos em que o bispo de Hipona escreve.

Por outras palavras, a *narratio* cristã abarca o passado e o presente da Igreja e, por causa da sua dimensão escatológica, se prolonga no futuro, até aos confins dos tempos<sup>171</sup>. O mesmo é dizer que santo Agostinho prolonga a *narratio* através da Igreja e até ao final dos tempos. Esta ideia aparece muitas vezes mencionada no DCR, quando, por exemplo, ele diz:

«*Neque enim ob aliud ante aduentum domini scripta sunt omnia quae in sanctis scripturis legimus, nisi ut illius commendaretur aduentus et futura praesignaretur ecclesia, id est, populus dei per omnes gentes, quod est corpus eius; adiunctis atque annumeratis omnibus sanctis, qui etiam ante aduentum eius in hoc saeculo uixerunt, ita eum credentes uenturum esse, sicut nos uenisse. [...] Quapropter omnia quae ante scripta sunt, ut nos doceremur scripta sunt, et figurae nostrae fuerunt; et in figura continebantur in eis: scripta sunt autem propter nos, in quos finis saeculorum obuenit*»<sup>172</sup>.

---

*uerbis omnia quae his continentur uoluminibus narrando euoluere et explicare; quod nec tempus capit, nec ulla necessitas postulat: sed cuncta summatim generatimque complecti, ita ut eligantur quaedam mirabiliora...».*

<sup>170</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124.

<sup>171</sup> Cf. A. ETCHERGARAY CRUZ, «El “De catechizandis rudibus” y la metodología de la evangelización agustiniana», in *Augustinus XV*, Madrid, 1970, 361. Porém, muitos autores têm opiniões diversas e defendem que a *narratio* termina com o tempo presente, ainda que a catequese não termina, uma vez que toda a *narratio* tende a apontar para a *expectatio*, ou seja, para a esperança futura. cf. J. DANIELLOU, «L’histoire du salut dans la catéchèse» in *La Maison-Dieu XIX*, Paris, 1952, 34-35.

<sup>172</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 6, CCL 46, 125-126. Há outras passagens ao longo do texto que fazem referências a esta dimensão da *narratio* que se estende até aos confins do tempo, ou seja, com a expansão da Igreja. Devemos expor, segundo o nosso autor, esta ideia durante a nossa exposição catequética; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6, 10; 10, 14-15; 24, 44-45, CCL 46, 130-168.

Isto demonstra que santo Agostinho considerava adequado o método da narração histórica, isto é, que a exposição dos acontecimentos importantes da história da salvação, juntamente com os testemunhos e tradição da Igreja, são importantes para ensinar e instruir os ouvintes em que constitui, de facto, a identidade cristã.

### 3.3.2 *De Modo Narrationis*

A preocupação de santo Agostinho ao longo da obra não era unicamente falar da *narratio* em si, ou seja, tratar de fazer o discurso histórico-salvífico durante a exposição catequética, mas sobretudo o *modo* como se deve fazer tal *narratio*. Isto aparece muito claro quando ele, depois de ter sintetizado a sua ideia numa pequena introdução, expressa, antes de iniciar a exposição propriamente dita, o desejo e o cuidado de tratar sobre o modo de fazer a *narratio*. Assim termina, de facto, a introdução dizendo: «*Prius de modo narrationis quod te vele cognovi, tum de praecipiendo atque cohortando, [...] disseremus*»<sup>173</sup>.

Ora, ao chamar-nos a atenção para o *de modo narrationis* quer isto dizer que a *narratio* (sobretudo o modo de a fazer) apresenta, por assim dizer, umas certas características e elementos importantes aos quais não devemos nunca descurar. Porque senão podemos correr o risco de o nosso discurso não ser, nalguns casos, aceite convenientemente<sup>174</sup> e passar ao lado das nossas pretensões.

---

<sup>173</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2, 4, CCL 46, 124.

<sup>174</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6, 10, CCL 46, 131: «*quanto nos decet esse cautiore, ne illa quae vera narramus, sine suarum causarum redditione digesta, aut inani suavitate aut etiam perniciose cupiditate credantur*».

Há que procurar, segundo o nosso autor, a credibilidade da *narratio* e empenhar-se em demonstrar veementemente que os factos narrados são verdadeiros.

Neste sentido, o *de modo narrationis* faz com que a nossa exposição se centre no essencial, sem fugir daquilo que é fundamental, ou seja, «*non tamen sic asseramus has causa [...] perturbans*»<sup>175</sup>, focando no amor de Deus para conosco. Este é, ao fim ao cabo, a finalidade da exposição catequética.

Daí que, seguindo os autores clássicos de que já fizemos referência, o nosso autor nos mostre algumas “características fundamentais”<sup>176</sup> da *narratio* que são adequadas para promover um equilíbrio e uma medida justa, tendo em consideração as circunstâncias externas e sobretudo as disposições dos ouvintes, como limite de não prolongar muito a *narratio*. Porque o importante é que ela seja sempre *plena e perfeita*<sup>177</sup>. Por isso Agostinho aconselha e insiste na necessidade de, muitas vezes, fazer um compêndio e um resumo geral da matéria que se quer expor<sup>178</sup>, para que o ouvinte apreenda e escute com mais agrado o que estamos a pregar.

Assim, para que não se venha a perder muito tempo com a exposição e também para não enfadar os estão a ser educados na religião cristã, devemos ter o

---

<sup>175</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6, 10, CCL 46, 131.

<sup>176</sup> Segundo os tratados retóricos há três características da *narratio*, a saber: a brevidade, a clareza e a credibilidade; cf. QUINTILIANO, *Inst. Orat.* IV, 2, 31: «*Tres res convenit habere narrationem, ut brevis, ut dilucida, ut veri similis sit*». Ora, suponha-se que santo Agostinho tenha conhecido estas “regras” normais da retórica, uma vez que elas aparecem muitas vezes referenciadas no DCR. Por exemplo: a brevidade aparece em: 3, 5; 5, 9; 7, 11; 8, 12; 13, 18-19; a clareza e a credibilidade: 6, 10; a clareza e brevidade: 13, 18; a credibilidade: 9, 13. cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, CCL 46, 124-145.

<sup>177</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 2, 4, CCL 46, 124: «*Non arduum est negotium, ea quae credenda insinuantur praecipere, unde et quo usque narranda sint; nec quomodo sit varianda narratio, ut aliquando brevior, aliquando longior, semper tamen plena atque perfecta sit*».

<sup>178</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124: «*Cuncta summatium generatimque complecti, [...] quae suavius audiuntur atque in ipsis articulis constituta sunt*».

cuidado e a sensibilidade para demonstrar e abordar a doutrina cristã de uma forma breve e séria, isto é, como diz o nosso autor, «*christianae doctrinae finem verissimum demonstrando atque laudando breviter et graviter*»<sup>179</sup>. Isto porque, quando resumimos a matéria da nossa exposição há, naturalmente, um maior proveito daqueles que nos escutam e, se optarmos pela brevidade da narração, poderemos, com maior facilidade, expor todo o tema «*cum autem celeritate opus est, vide quam facile explicari tota res possit*»<sup>180</sup>.

Nesta mesma lógica, santo Agostinho entende que a narração não deve começar sem que haja primeiro um «*collocato anima*»<sup>181</sup>, ou seja, a predisposição da alma que prepara o recetor e o torna capaz de entender a narração, sem nenhuma imposição exterior da parte do catequista.

Enfim, podemos dizer que o *de modo narrationis* é tão importante a ponto de o nosso autor nos apresentar no seu livro dois exemplos práticos de como deve ser a narração e a exposição catequética. Assim, ele diz-nos que o relato da narração tanto pode ser «*longus*»<sup>182</sup> como pode ser «*simplex*» ou «*brevius*»<sup>183</sup>. O importante é que ela seja plena. E temos uma narração plena quando: «... *catechizatur ab eo quod scriptum est: In principio fecit Deus caelum et terram (Gn 1,1), usque ad praesentia tempora ecclesia*»<sup>184</sup>. Contudo, podem surgir

---

<sup>179</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 5, 9, CCL 46, 130.

<sup>180</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 26, 51, CCL 46, 174.

<sup>181</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 5, 9, CCL 46, 129.

<sup>182</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 16, 24, CCL 46, 149.

<sup>183</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 26, 51, CCL 46, 174.

<sup>184</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124.

ocasiões em que temos que optar por uma narração mais simples<sup>185</sup>, fazendo um resumo da doutrina cristã.

### 3.3.3 A *Exhortatio*

Como vimos, no que à prática da catequese se refere, o diácono de Cartago não só desejava saber concretamente como haveria de começar e terminar a narração durante a sua exposição, como também queria saber se haveria de acrescentar a *exhortatio* à *narratio* ou se bastaria apenas uma breve exposição dos preceitos que norteiam a vida cristã: «(...) *Utrum exhortationem aliquam terminata narratione adhibere debeamus, an praecepta sola*»<sup>186</sup>.

Ou seja, encontramos no DCR uma parte nitidamente distinta da *narratio*, que também interessa ao diácono saber alguma coisa sobre ela no decorrer da sua pregação catequética.

A resposta de Agostinho é inequívoca, ao dizer claramente ao diácono que «uma vez terminada a narração, devemos insistir na esperança da ressurreição...e ocupar-nos de fornecer aos recém-chegados os recursos e a coragem necessária para enfrentar as tentações e os escândalos que muitas vezes aparecem, oriundos de fora ou então provenientes de dentro da Igreja»<sup>187</sup>.

Isto demonstra claramente que há uma preocupação e um cuidado enorme por preparar os que viriam a abraçar a fé a serem mais fortes e decididos na

---

<sup>185</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 26, 51, CCL 46, 174: «*Sermonis brevioris locus*».

<sup>186</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 1,1, CCL 46, 121.

<sup>187</sup> J. OROZ RETA, *Obras completas de San Agustín XXXIX, La Catequesis de los principiantes*, 7, 11, BAC, Madrid, 1988, 465.

vivência da mesma. Isto porque, depois de um exame preliminar para a admissão da pessoa que se apresenta para receber a instrução sobre a fé, o catequista começa a ensinar os factos revelados na Sagrada Escritura – a *narratio* – e também começa, num segundo momento, a admoestar e exortar brevemente os candidatos a respeito da vida cristã. Isto é muito importante porque de nada valeria instruir os “rudes” na matéria da fé sem, porém, levar tal matéria da fé para a vida prática.

Daí surgir então a *exhortatio*<sup>188</sup> de que fala santo Agostinho no seu tratado.

Digamos que a seguir à *narratio* deve acontecer a *exhortatio*, isto é, o recurso às advertências e aos preceitos que devem orientar a vida cristã. Aliás, como o próprio Hiponense reconhece, uma vez anunciados os factos e os milagres que aconteceram com os nossos antepassados e que estão relatados nas páginas da Sagrada Escritura que escutamos, nós devemos, naturalmente, crer e sentirmo-nos fortalecidos na nossa fé, na esperança e na perseverança que depositamos em Deus<sup>189</sup>, nosso Senhor.

Assim, todos aqueles que são instruídos na fé, através da *narratio*, devem ser igualmente *exortados* a acreditar e a esperar com confiança, na certeza de que em Deus tudo se realiza<sup>190</sup>. Ou seja, após a constatação dos factos e dos desígnios

---

<sup>188</sup> Agostinho fala, pois, da *exhortatio* e dos *praecepta*, que, na sua proposta e metodologia de ensino, deve seguir a *narratio*. Bem diferente do que na *Oratio* clássica, o exordio serve para predispor e preparar a alma do ouvinte a qual se está a instruir: «*exordium est principium orationis, per quod animus auditoris constituitur ad audiendum*»; *Rhet. ad Her.* I, 3,4, ed. G. CALBOLI, Bologna, 1969, 96.

<sup>189</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 24, 45, CCL 46, 168-169: «*Omnia ergo haec, sicut tanto ante praedicta legimus, sic et facta cognoscimus: [...] quia omnia ista ita completa sunt, sicut ea in libris legimus [...] aedificamur ad fidem, ut etiam illa, quae restant, sine dubitatione ventura credamus*».

<sup>190</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27, 53, CCL 46, 176: «*[...] Et ista completa sunt*».

de Deus ao longo da história, feita através da *narratio*, passamos para a *exhortatio* ou *cohortatio*, a crer naquilo que ainda não acontece e que está para vir. O catequista deve exortar-lhes à confiança em Deus e na vida futura.

A *exhortatio* serve, sem dúvida, para aliciar aqueles que queriam tornar-se cristãos, incitando-lhes a seguir os preceitos de uma vida reta, conforme a vontade e os mandamentos de Deus.

Assim, o *de modo praecipienda et exhortandi*<sup>191</sup> pretende defender os que querem tornar-se cristãos contra os erros da fé e viver com mais ânimo e dedicação a vida nova que Cristo lhes vai oferecer, com a recepção ao Batismo. Para tal, há que incentivar os candidatos a fugir das tentações em que caem os ímpios e exortá-los a inflamarem-se do amor de Deus e do desejo da felicidade eterna<sup>192</sup>.

Enfim, podemos dizer que a proposta do processo catequético de santo Agostinho é balizada por estas duas componentes: a *narratio* e a *exhortatio*. Estas são importantes para preparar os catecúmenos. Isto porque, tudo o que se venha a dizer durante a exposição catequética está contido nestas duas formas de ensinar e de instruir os que se preparam para receber o Batismo. Os catequistas têm, por isso, como missão apresentar a doutrina revelada de modo narrativo, isto é, percorrendo toda a história bíblica, desde Adão, até o conhecimento e esperança em Cristo ressuscitado.

---

<sup>191</sup> Cf. C. MAYER, «De Cathecizandis rudibus» in AL, Verlag/Publishers/editions Schwabe, Basel, 1984-1994, Vol. 1, Col. 1, 797.

<sup>192</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27, 55, CCL 46, 177: «Tu itaque credens ista, cave tentationes: [...] ut simul colatis et diligatis Deum gratis: quia totum praemium nostrum ipse erit, ut illa vita bonitate eius et pulchritudine perfruamur».

## CAPÍTULO 4

### Os Conteúdos da catequese

Santo Agostinho, a partir da sua experiência e contacto com os outros catequistas, começa não só a apresentar os métodos ideais para a catequese aos “rudes”, como também procura, sobretudo na parte final da sua obra, interpretar os principais conteúdos da fé cristã, que contêm os modelos de interpretação alegórica da Bíblia.

Aliás, como é natural, Agostinho não se preocupou unicamente em proporcionar a Deográtias os conselhos sobre a intenção dos ouvintes e as possibilidades pastorais que elas oferecem, mas outro motivo da sua preocupação, básica para todo o catequista, é a questão dos conteúdos a transmitir. Assim sendo, ele subministra uma série de teorias e princípios importantes.

Com este capítulo, pretendemos abordar os conteúdos da catequese que santo Agostinho mais salienta no seu manual, DCR, que temos vindo a analisar. No entretanto, é preciso advertir que o DCR não visa ser ou confeccionar um catecismo, como uma exposição breve, sistemática e completa da fé cristã.

Depois de termos analisado a sua teoria catequética, vamos agora perceber melhor os conteúdos e os elementos destas mesmas teorias. Isto porque, com a sua *narratio* em três etapas da história da salvação: os factos de Deus no Antigo Testamento; a vida de Jesus e os seus mistérios no Novo Testamento; e a intervenção de Deus na história da Igreja até aos nossos dias, até à parusia do Senhor Jesus, santo Agostinho oferece-nos conteúdos suficientes que devem ser

apresentados durante o ensinamento catequético. Isto sem esquecer também a *Exhortatio* e a *explanatio* desta história com as suas implicações morais.

Enfim, tanto a *narratio* como a *exhortatio* delimitam, por assim dizer, todo o desenrolar da catequese agostiniana presente no DCR, pois oferecem-nos a *ordo fidei*, por um lado, e a *ordo moralis*, por outro.

#### 4.1 Os Conteúdos da fé

Certo é que no DCR o nosso autor não nos oferece somente orientações pedagógicas sobre a instrução catequética. Este manual catequético apresenta-nos também indicações e conteúdos teológicos que devemos ressaltar e ter em consideração.

Aliás, seria inconcebível não falar dos conteúdos da fé, pois como o próprio autor refere, a intenção e objetivo da catequese no seu todo é despertar a fé, a esperança e a caridade<sup>193</sup>, isto é, as três virtudes teologais que impelem todos os que são chamados a abraçar a fé cristã.

Os conteúdos da fé servem, neste sentido, para o amadurecimento e a prosperidade daqueles que desejam abraçar a fé, pois a catequese mais do que uma mera transmissão da doutrina cristã é sobretudo uma adesão a Cristo, através de múltiplos itinerários, que leva posteriormente à inserção na comunidade eclesial e a comprometer-se com os outros irmãos na fé. Através dos conteúdos da fé o nosso autor queria enraizar a fé dos “rudes” e de todos os que desejavam se

---

<sup>193</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 129: «...*Ut ille cui loqueris audiendo credat, credendo speret, sperando amet*».

tornar cristãos, mostrando-lhes que se tratava de uma história salvífica e não de uma mera filosofia religiosa.

Neste sentido, Agostinho sugere ao amigo diácono que ele deveria esforçar-se por transmitir todo o conteúdo da fé, de uma forma alegre, sem causar fastio aos seus ouvintes.

Ora, no DCR, Agostinho expõe os conteúdos da fé acerca de Deus Pai, do Verbo encarnado que morreu e ressuscitou dos mortos e do Espírito Santo, que nos revela o poder de Deus. Ele fala da igualdade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a unidade da Trindade e o modo como as três pessoas são um só Deus<sup>194</sup>. Mas fala também da Igreja, santa como Maria e pecadora nos seus filhos. Ele fala do pecado, da salvação e da ressurreição dos mortos. Por fim fala também das exortações e deveres morais que devem orientar um cristão<sup>195</sup>.

É neste sentido que o historiador e eclesiástico Alcuíno, ao falar dos conteúdos da fé em DCR, afirmava, dizendo:

«Primeiro é preciso instruí-lo sobre a imortalidade da alma e a vida futura, a recompensa do bem e do mal e a eternidade de ambas as sortes. Em seguida, quais são os pecados ou maldades que levam a sofrer com os diabos as penas eternas e quais as virtudes ou boas ações que levam a gozar com Cristo a glória eterna. Depois, é preciso ensinar diligentemente a doutrina da Santíssima Trindade e expor a vinda a este mundo de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação do género humano. Depois, [...] a mente ainda imatura, deve ser confirmada no mistério da sua paixão, na verdade da ressurreição, na glória da ascensão ao céu, na Sua futura vinda para julgar toda a gente, na

---

<sup>194</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 25, 47, CCL 46, 170-171: «*Credimus enim quod non videmus, [...] ut aequalitatem patris et filii et spiritus sancti, et ipsius trinitatis unitatem, quomodo sint haec tria unus Deus*»; Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27, 55, CCL 46, 178: «*Nisi qui donum acceperit spiritum sanctum, patri et filio utique aequalem: quia ipas trinitas Deus est*».

<sup>195</sup> Cf. F. VAN DER MEER, *San Agustín, Pastor de almas*, Biblioteca Herder, Barcelona, Vol. 65, 1965.

ressurreição dos nossos corpos e na eternidade das penas para os maus e dos prémios para os bons»<sup>196</sup>.

Podemos dizer que neste texto está resumido todo o conteúdo da catequese apresentado por santo Agostinho ao longo da sua instrução na fé aos “rudes”. Pois estão ali os conteúdos da *narratio* e da *exhortatio*, que a partir de agora vamos nos debruçar sobre eles.

#### 4.1.1 A Narração da História da salvação

Como vimos atrás, a exposição catequética apresentada por santo Agostinho é eminentemente bíblica. O que faz com que o Hiponense entenda que a narração da história da salvação deve ser sempre *breve, credível e com clareza*, fazendo com que a exposição catequética seja sempre *plena e perfeita*, (cf. o ponto 3.3.2 – nota 176 e 177) isto é, sem se perder muito em detalhes, a narração deve apresentar o conteúdo pleno, essencial e fundante de toda a história da salvação. Isto porque, segundo a indicação do DCR, o conteúdo básico da catequese para os candidatos ao catecumenado é uma narração que, por vezes longa ou então breve, relata toda a história salutis.

Ora, antes de mais, deve dizer-se que, no campo específico da história, santo Agostinho deixou-nos uma valiosa contribuição. Basta recordar, por exemplo, a sua obra, *a Cidade de Deus*<sup>197</sup>, onde ele, sobretudo nos últimos doze

---

<sup>196</sup> ALCUÍNO, *Epistola 110*, in PL 190, 1134, Apud A.BOLIN-F.GASPARINI-G.ROCHA, *A catequese na vida Igreja. Notas de história*, Paulinas, Lisboa, 1996, 59.

<sup>197</sup> O ponto central da obra tem a ver precisamente com o tema da Providência de Deus, que ilumina e conduz toda a história da humanidade, dividida em duas cidades: a cidade divina e a

livros, procura fazer uma explicação da história baseada não nas causas humanas, como fazem os historiadores convencionais, mas, pelo contrário, mostra-nos um sentido global do processo histórico. Para ele a história do mundo vai desde a criação de todas as coisas até aos confins dos tempos<sup>198</sup>, baseada nomeadamente na categoria teológica das “duas cidades”, governada pelos dois amores. Ou seja, em Agostinho, a totalidade da história humana compreende-se na lógica da história da salvação, pois, não é heterogénea a história da salvação, história religiosa e a história em geral.

Neste sentido, podemos dizer que santo Agostinho antecipa-se as posteriores teorias e teologias da história que tentaram dar aos tempos e acontecimentos de cada era numa coerência teo-lógica. Esta leitura da história profana à luz da história sagrada visa transmitir aos “rudes” uma nova visão da história e do mundo, convertendo assim a sua visão pagã da história.

Aliás, é com este olhar sobre a história que Agostinho, ao compor o DCR, traçou as luzes sobre a sua própria conceção acerca do sentido da história da salvação. Isto porque, para ele, os primeiros passos da catequese aos “rudes” deve apresentar, como parte principal, a narração da história da salvação, fundada na solidez da Sagrada Escritura, e não prender-se, como se faz muitas vezes, no mundo dos milagres e fantasias<sup>199</sup>.

---

cidade terrena; cf. edição belingue de J. MORAN, «La ciudad de Dios», in *Obras completas de San Agustín*, t. XVI-XVII, Madrid, 1958.

<sup>198</sup> A partir do capítulo XVIII do DCR até o capítulo XXI encontramos, de uma forma detalhada, a narração da história da salvação que culmina em Cristo, esperança messiânica; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 18, 29-21, 38, CCL 46, 153-163.

<sup>199</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6, 10, CCL 46, 130: «*Sane ab huiusmodi miraculorum sive somniorum ad scripturarum solidiorem viam et oracula certiora transferenda est eius intentio*».

Sem dúvida, a primeira observação que Agostinho faz sobre o conteúdo da exposição da catequese tem a ver com a história da salvação<sup>200</sup>, ou seja, ir fazendo uma catequese de ação de Deus ao longo da história, para ir aprendendo dela o modo de agir de Deus para com os homens e, por conseguinte, a resposta que estes são chamados a dar a este amor. Isto porque, como diz o Concílio Vaticano II, «a finalidade e tarefa da catequese consiste em criar “memória” para os acontecimentos operativos da história da salvação, a fim de que, a partir deles, possam se conformar o presente e o futuro da vida da pessoa e da Igreja»<sup>201</sup>.

É deste modo que, do capítulo 18 até ao capítulo 25 do DCR, o nosso autor faz um desenvolvimento deste modelo de explicação, seguindo passo a passo os principais momentos da revelação de Deus na história. Também, com maior brevidade, propõe a Deográtias um outro modelo de explicação (Cap. 26-27) em que se assinala mais sinteticamente os factos mais substanciais anteriormente apresentados, procurando manter sempre o princípio panorâmico da história da salvação.

Isto quer dizer que a parte narrativa deve seguir as leis gerais de ir ao essencial da exposição e abarcar todo o decurso da história humana.

Assim, a narração da história da salvação, isto é, a «*salutis historiae*»<sup>202</sup>, começa com o relato da criação, em que o Deus omnipotente fez boas todas as coisas e fez também o homem à sua imagem e semelhança, e vai-se desenvolvendo à volta dos principais episódios do Antigo Testamento (a narração

---

<sup>200</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124: «*Fundamenta in gravioribus rerum divinarum factis*».

<sup>201</sup> Concílio Vaticano II, Decreto *Unitatis redintegratio*, nº 11.

<sup>202</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 18, 29, CCL 46, 153-154.

do Paraíso; do Dilúvio; dos Profetas e da Lei, do cativoiro...), relatando todas as promessas da salvação, até chegar ao Novo Testamento, em Jesus Cristo, que depois se prolonga nos tempos atuais da Igreja.

Trata-se, pois, de uma explicação fundamentalmente bíblica, mas não desprovida de traços teológicos, que supõe uma leitura crente, realizada em sintonia e de acordo com a sensibilidade da Igreja. A leitura bíblica é sempre reforçada por algum comentário sugerido pelo próprio Agostinho.

Enfim, podemos concluir que a narração da história da salvação deve ser completa e estender-se até ao tempo atual da Igreja, pois não é uma história do passado, mas que continua no nosso tempo<sup>203</sup>.

Outrossim é de salientar que na continuação do relato da narração da história sagrada Agostinho faz referência, por diversas vezes, à teoria das «duas cidades»<sup>204</sup>. As duas cidades em que se dividem os homens e os anjos, pois uma é a cidade dos malvados e outra é a cidade dos justos<sup>205</sup>. Todos os homens que amam e procuram a sua glória aqui na terra, fomentando o amor-próprio até o desprezo de Deus formam juntos a cidade dos homens, isto é, a cidade terrena, ao passo que aqueles que buscam a glória de Deus pertencem à cidade de Deus, a cidade celeste.

---

<sup>203</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 24, 45, CCL 46, 169: «*Omnia ista ita completa sunt*».

<sup>204</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 31, CCL 46, 155-156. Embora houvesse uma primeira alusão do autor sobre as duas cidades, referidas no seu tratado *De vera religione* 25, é contudo, em DCR que aparece pela primeira vez a expressão «*duae civitates*», que depois encontrará o seu desenvolvimento e sentido mais autêntico em *De civitate Dei*, com a expressão: «*fecerunt itaque civitates duas amores duo*»; cf. AUGUSTINUS, *De civitate Dei*, 14, 28, CCL 47, 451.

<sup>205</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 31, CCL 46, 156: «*Duae itaque civitates, una iniquorum, altera sanctorum*».

Durante a narração da história da salvação encontramos correspondências a estas duas cidades que estão muito bem representadas, por um lado, em Jerusalém, a terra prometida, ou seja, a cidades dos santos e, por outro lado, o cativo e a Babilónia, a cidade dos ímpios. São duas cidades que estão confundidas no tempo, dois mundos que caminham sempre juntos até ao fim dos tempos, mas que serão separados no juízo final<sup>206</sup>.

Digamos que, no percurso e conceção da história, o nosso autor incluía no programa da sua instrução catequética a doutrina das duas cidades na sua dupla vertente: terrena e celestial; uma que é peregrina e outra que é descanso eterno e repouso seguro em Deus.

Assim sendo, podemos dizer que com a apresentação das “duas cidades” no desenrolar da narração da história salvífica, Agostinho pretendia, efetivamente, introduzir aqueles que se iniciavam o caminho de preparação ao catecumenato, os “rudes”, num organismo de uma grande cidade, dividida em duas partes. Aliás, a sua instrução vai no sentido de orientar os seus ouvintes a escolherem viver e pertencer à cidade de Deus, o que viria a acontecer com a receção ao Batismo, em que entravam na Igreja e passavam a ser os novos filhos de Deus.

---

<sup>206</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 21, 37, CCL 46, 156: «...*duabus civitatibus, ab exordio generis humani usque in finem saeculi permittit temporum varietate currentibus et ultimo iudicio separandis*».

#### 4.1.2 As idades do mundo e a visão teológica da história

Ora, para percebermos melhor a história da salvação descrita por Agostinho vamos falar da divisão que ele faz da história do mundo em seis idades<sup>207</sup>. Na continuidade da narração de toda a história da salvação, isto é, numa formulação sistemática da “teologia histórica”, que vai desde as origens, do pecado original, até chegar em Cristo, o nosso autor faz também referências às idades do mundo, ajudando-nos, sem dúvida, a perceber melhor a continuidade da história da salvação. Ele conta e relata a história da salvação em várias das suas fases.

Como é natural, não vamos desenvolver a fundo este tema, pois este não é o objetivo do nosso estudo. Contudo, não podemos esquecer que este tema tem grande importância em santo Agostinho.

Deve dizer-se, porém, que ao terminar de abordar os assuntos relativos ao último período da narração, com a vinda de Cristo, o nosso autor projeta a sua catequese para sintetizar, uma vez mais, a sua narração, falando das «seis idades do mundo»<sup>208</sup>.

---

<sup>207</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163: «*Salutis historiae aetates sex*». O termo “mundo” é aqui entendido numa das aceções antigas, do latim *saeculum* – que é considerado como o sinónimo de história enquanto ação humana no tempo, em contraposição com a noção cristã de *aeternitas*; cf. AUGUSTE LUNEAU, *L'histoire du salut chez les pères d'Eglise, la doctrine des ages du monde*, Beauchesne, Paris, 1964, 329.

<sup>208</sup> Santo Agostinho já havia escrito na sua obra «*De Genesi contra Manichaeos*» sobre a teoria das seis idades do mundo, referindo-se o seguinte: «*video enim per totum textum divinarum Scripturarum sex quasdam aetates operosas, certis quasi limitibus suis esse distinctas, ut in septima speretur requies; et easdem sex aetates habere similitudinem istorum sex dierum, in quibus ea facta sunt quae fecisse Scriptura commemorat*»; AUGUSTINUS, *De Genesi contra Manichaeos*, 1, 23.35, CSEL 91, 335.

Assim, ele começa por dizer que decorrerá cinco idades do mundo: a primeira «*est ab initio generis humani, id est, ab Adam, qui primus homo factus est, usque ad Noé, qui fecit arcam in diluvio*»<sup>209</sup>; a segunda «*est usque ad Abraham, qui pater electus est omnium quidem gentium, quae fidem ipsius imitarentur; [...]*»<sup>210</sup>; a terceira «*est ab Abraham usque ad David regem*»<sup>211</sup>; a quarta é «*a David usque ad illam captiuitatem, qua populus dei in Babyloniam transmigravit*»<sup>212</sup> e a quinta «*ab illa transmigratione usque ad aduentum domini nostri Iesu Christi*»<sup>213</sup>. Com a vinda de Cristo começa a sexta idade, segundo o símbolo bíblico dos dias da criação<sup>214</sup>.

Fica assim a história do mundo dividida em seis idades. De Adão a Cristo estão cinco idades, que se preparam para a sexta idade, que é a hora messiânica da vinda do salvador Jesus Cristo, que renova o homem, dando-lhe uma nova vida<sup>215</sup>.

Todavia, é curioso notarmos que o nosso autor chega a fazer referência, embora um pouco antes de iniciar a narração propriamente dita, a uma sétima era ou idade da história do mundo. Efetivamente, ele dá muita importância ao esquema das sete idades do mundo nas catequeses “rudimentares” ao pronunciar que desde o começo do mundo «Deus trabalhou durante seis dias e no sétimo descansou»<sup>216</sup>. Isto deve-se à necessidade de fazer uma estreita ligação e paralelo

---

<sup>209</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163.

<sup>210</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163.

<sup>211</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163.

<sup>212</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163.

<sup>213</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163.

<sup>214</sup> Cf. J. DANIELÉLOU, «La typologie de la semaine au IV siècle», in RSR 35, 1948, 382;411.

<sup>215</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 164: «*Ut hac sexta aetate mens humana renovatur ad imaginem Dei, sicut sexta die homo factus est ad imaginem Dei*».

<sup>216</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17, 28, CCL 46, 152: «*Deus [...] sex diebus operatus est, et septimo die requievi*».

entre as idades do mundo e o relato dos sete dias da criação<sup>217</sup>, referidos no *Livro dos Génesis*.

A par do esquema da divisão do mundo em seis idades (tal como aparece no DCR 22,39) podemos falar de uma divisão histórica do mundo em sete idades, pois, para Agostinho as primeiras cinco idades correspondem ao Antigo Testamento, a sexta acontece em Cristo e a última na parusia. A história ficaria assim dividida em seis idades, em que se desenvolviam os eventos da história da salvação humana, desde Adão, até a vinda definitiva de Cristo, a partir do qual se iniciaria a sétima idade, através da Igreja.

Neste sentido, o resumo septenário do processo histórico é tido por Agostinho como uma doutrina de grande relevância. De tal modo que, para uma pessoa que se aproxime do Batismo e deseje conhecer melhor a fé cristã, há que dispor de mais tempo para ouvir as primeiras instruções catequéticas, pois não devem ser relatados somente os eventos que dividem as idades, mas também se deve falar sobre o próprio facto de que a história está assim dividida. Conforme nos mostra a Sagrada Escritura, devemos entender que «*post sex aetates mundi huius, septima aetate*»<sup>218</sup>. O sétimo dia, porém, já não decorre neste tempo histórico, mas na escatologia e, por isso, pode continuar-se a falar em seis idades da história.

---

<sup>217</sup> Cf. AUGUSTINUS, *Sermones*, 125,4, PL 38, 691-692. Tando aqui como em muitos outros sermões dirigidos ao povo, Agostinho apresenta, quando necessário e quando o texto bíblico permitir, a ideia de que cada dia da criação está relacionada com uma idade da história. No tratado sobre o *Evangelho de são João*, Agostinho chega a afirmar que a divisão do tempo em seis idades históricas, seguidas de uma sétima, já foi exposta várias vezes aos seus ouvintes e que eles a conhecem perfeitamente; cf. AUGUSTINUS, *In Ioannis Evangelium*, 9, 6, CCL 36, 384: «*Inde usque [do momento inicial da criação até, a que se refere o texto, citado no sermão, de Gn 1,1] ad hoc tempus quod nunc agimos, sexta aetas est, ut saepe audistis et nostis*».

<sup>218</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17, 28, CCL 46, 152.

Deste modo, podemos perceber que Agostinho, durante a sua exposição catequética, tinha em grande consideração esta doutrina, na medida em que ele achava que os “rudes” deviam conhecê-la, se possível, já no primeiro contacto mais profundo com a fé cristã.

Esta «divisão septenária da história»<sup>219</sup> ou «esquema septenário agostiniano»<sup>220</sup> serve para organizar a *narratio* que Agostinho propõe no DCR. Ou seja, os eventos apresentados ao longo da narração como «*articuli temporis*»<sup>221</sup> das sete idades do mundo (Adão, Abraão, Cativo...primeira vinda de Cristo, Parusia, Ressurreição dos mortos e juízo final) são os acontecimentos que inauguram, por assim dizer, toda a exposição dos feitos da história da salvação.

Daí podermos concluir que o esquema das sete idades do mundo permeia praticamente toda a narração da história sagrada, no modelo da catequese mais longa que o nosso autor apresenta na sua catequese aos “rudes”. Isto apesar da ideia das sete idades não aparecer no modelo da catequese mais breve, porque este foi pensado quando o catequista tem pouco tempo para pregar e quando o discurso é preparado para os recetores que dispõem ainda de pouco ou quase nenhum conhecimento da fé, isto é, para os «*rudem hominem*»<sup>222</sup>.

---

<sup>219</sup> A. LUNEAU, *L'histoire du salut chez les pères d'Eglise. La doctrine des ages du monde*, Beauchesne, Paris, 1964, 252-254.

<sup>220</sup> A. LUNEAU, *L'histoire du salut chez les pères d'Eglise. La doctrine des ages du monde*, Beauchesne, Paris, 1964, 329.

<sup>221</sup> J. DANIELOU, *La catéchèse aux premiers siècles*, Paris, 1968, 225.

<sup>222</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 26,51, CCL 46, 174.

### 4.1.3 As *Mirabilia Dei* – Providência de Deus

Como temos vindo a analisar, na ação catequética do Hiponense, devemos abarcar o desenvolvimento da história da salvação no seu todo e centrar-se no essencial, uma vez que não se pode nem se deve dizer tudo. Daí que se torne indispensável discernir os factos mais importantes, capazes de causar gozo e admiração naqueles que nos escutam.

Desta forma, a narração não deve ser demasiadamente pormenorizada e precisa, neste caso, restringir-se aos factos e acontecimentos mais sobressalientes e «admiráveis», (*mirabiliora*)<sup>223</sup> dentre todos os outros factos narrados da história da salvação. Isto porque o objetivo fundamental e o *background* de todo o relato narrativo ao longo da catequese é, sem dúvida alguma, revelar a Providência e o amor misericordioso de Deus, que sustenta a história humana, despertando nos ouvintes uma fé cada vez mais sólida e convicta.

Daí que, ao apresentar os conteúdos da fé, a primeira tarefa do catequista seja a de expor os factos mais admiráveis e mais importantes à volta das quais se gravitam as chaves da história da salvação.

Ora, santo Agostinho chama estes acontecimentos da história da salvação de *mirabilia Dei*, isto é, os acontecimentos que manifestam os desígnios do amor de Deus na vida e na história dos homens.

---

<sup>223</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 124.

A narração, segundo o nosso autor, tinha como finalidade não só esclarecer os “rudes” na fé e na Sagrada Escritura, ou seja, satisfazer as suas curiosidades acerca dos conteúdos da fé, mas, mais do que isto, tinha como objetivo fundamental, fazer com que os ouvintes percebessem e se entusiasmassem da grandeza do amor de Deus, isto porque, o «*finem dilectionis*»<sup>224</sup> deve estar presente nas intenções daqueles que ensinam e transmitem a fé. A narração deve expor e propor a história do amor de Deus para com o seu povo, a sua aliança com o homem. Porque só assim os recetores da mensagem salvífica serão capazes de se comprometer mais seriamente com a vida cristã.

Neste sentido, deve-se ter em conta que a narração não tem muito a ver com o relatar de uma sucessão de acontecimentos, mas sim em mostrar a maneira como Deus conduziu o seu povo, através da história, à salvação. A narração é, para o Hiponense, o recontar da solitudine de Deus para o homem (a «*historia salutis*», dizíamos nós hoje), seguindo a revelação feita na Sagrada Escritura e na Igreja. Isto porque, esta manifestação da história guiada por Deus ilustra uma ordem dos acontecimentos, tendo sempre como elemento inspirador e coordenador a Providência Divina.

Assim sendo, a narração durante a instrução catequética deve relacionar todas as causas e as razões de cada um dos factos narrados, relatando todos os acontecimentos e tendo em vista o fim soberano do amor e da providência de Deus, ao qual nunca se deve desviar o olhar.

---

<sup>224</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 6, 10, CCL 46, 131: «*Ita ut singularum rerum atque gestorum quae narramus causae rationesque reddantur, quibus ea referamus ad illum finem dilectionis*».

Aliás, na perspectiva da história da salvação, as maravilhas de Deus são englobadas por um único olhar, unificante e totalizadora sobre a história, e o desígnio absolutamente uno de Deus, que vai desde a criação até a redenção.

Poderemos então perceber que esta providência de Deus a favor do seu povo vem desde o momento da criação, quando «*Deus omnipotens, et bonus et iustus et misericors, [...] fecit omnia bona et hominem ad imaginem suam*»<sup>225</sup> e vai seguindo todos os desígnios de Deus, até à atualidade da Igreja, pois a providência de Deus reflete-se com a fé de Abraão<sup>226</sup> e manifestou-se de modo miraculoso com a libertação do povo da escravidão do Egito. Mas, antes disso, com a narração do dilúvio, Deus preanunciou a salvação dos homens mediante o mistério da arca<sup>227</sup>, pois ela simboliza a salvação. Também as *mirabilia* de Deus refletem-se na promulgação da lei através dos profetas, na realização do sacerdócio davídico e na libertação da escravidão da Babilónia..., que serviram de mote para que o povo, impressionado com as maravilhas de Deus, pudessem honrar e prestar o culto ao verdadeiro Deus<sup>228</sup>.

Desta feita, concluímos que no relato narrativo há, sem dúvida, alguns acontecimentos que ocupam um lugar preponderante e que convém destacar. São eles: a criação; a aliança; a Páscoa; a Promessa; o desterro e a libertação. São as

---

<sup>225</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 18, 29, CCL 46, 153-154.

<sup>226</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 33, CCL 46, 157: «*Ex quibus Abraham pius et fidelis Dei servus electus est, cui demonstraretur sacramentum filii Dei*».

<sup>227</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 32, CCL 46, 157: «*Et sanctorum libertationem ligni mysterio praenuntiavit*».

<sup>228</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 21, 37, CCL 46, 161: «*Illa ergo captiuitas Ierusalem ciuitatis, et ille populus in Babyloniam ductus ad seruitutem ire iubetur a domino per Ieremiam illius temporis prophetam. Et exstiterunt reges Babyloniae, sub quibus illi seruiebant, qui ex eorum occasione commoti quibusdam miraculis cognoscerent et colerent et coli iuberent unum uerum Deum, qui condidit uniuersam creaturam*».

*mirabilia Dei*, pois todos são os desígnios da salvação de Deus ao longo da história e da economia da salvação.

Enfim, as *mirabilia Dei* são as obras eminentes que procuram revelar os factos particularmente maravilhosos da história sagrada e salientar o amor de Deus, revelado em Cristo, que é a maior prova deste amor.

De facto, a história da salvação deve provocar no ouvinte a impressão de que Deus amou de tal modo o mundo, a ponto de entregar o seu único Filho, Jesus Cristo, por amor<sup>229</sup> e lavá-lo a perceber que este amor não é por necessidade, mas por misericórdia.

É neste sentido, nesta conceção da Providência de Deus, que tanto Agostinho como os demais Padres da Igreja refletem constantemente sobre o sentido da história sagrada, seguindo o esquema na narração que culmina em Cristo Jesus:

«Refletem sobre o sentido de um determinado acontecimento e um determinado oráculo, de uma determinada sentença sapiencial, e procuram apresentar todos os acontecimentos à nova luz que a fé lhes conferiu. Por isso [ao explicarem a história da salvação através do desígnio de Deus] os olhos dos crentes vêem toda a história de Israel subir lentamente até Cristo; vêem Deus preparar o Seu povo no deserto, na terra prometida e no exílio, com a finalidade de o dispor a receber aquela lei que não se encontra apenas escrita em tábuas de pedra, mas nos corações de carne... os Padres têm a consciência de que estão numa história que caminha em direção ao seu tempo. Os séculos que precederam Cristo não são, por isso, senão as primeiras etapas daquele drama que vai desde o paraíso até à “queda” e da redenção até ao triunfo definitivo de Cristo no céu»<sup>230</sup>.

---

<sup>229</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 7, CCL 46, 126-127: «*Et ipsum Deum quoniam prior dilexit nos, et filio suo unico non peperit, sed pro nobis omnibus tradidit eum (I Jo 4,10-19; Rom 8,32)*».

<sup>230</sup> A. ETCHEGARAY CRUZ, *Storia della Catechesi*, ed. Paoline, Roma, 1983, 134-135.

Desta feita, entendemos que a narração das *mirabilia Dei* centra-se na figura de Cristo, pois é à luz de Cristo, a partir dos seus gestos, que entendemos os desígnios de Deus ao longo da história da salvação.

Contudo, esta providência continua no tempo posterior à vinda de Cristo. E, partindo desta perspectiva futura, o bispo de Hipona coloca diante dos seus ouvintes dois aspetos particularmente importantes da vida da Igreja. Por um lado, ele entende que a catequese da história atual deve levar à missão, isto é, à expansão da Igreja por toda a parte, «*quae per orbem terrarum, sicut de illa prophetatum et ab ipso domino praenuntiatum erat, fructuosos palmites diffundebat, tanto pullulabat amplius, quanto uberiore martyrum sanguine rigabatur*»<sup>231</sup>, por outro lado, é preciso perceber que o Batismo (fruto de uma catequese e da caminhada feita pelo que vinha a ser instruído) e a receção aos outros sacramentos são a continuação da grande misericórdia e providência de Deus feita no Antigo e no Novo Testamento<sup>232</sup>. É a continuação da vivência das maravilhas de Deus.

Daí a Igreja constituir um lugar e acontecimento essencial, onde se realizam e se prolongam os acontecimentos salvíficos desde o início da criação, pois os factos e as personagens da antiga economia da salvação não são apenas a “figura” de Cristo, mas também a da Igreja futura<sup>233</sup>.

---

<sup>231</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 24, 44, CCL 46, 168.

<sup>232</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 20, 34, CCL 46, 159: «*Utrumque signum est sancti baptismi, per quod fideles in novam vitam transeunte [...] Cum passionis et crucis signo in fronte hodie tamquam in poste signandus es, omnesque Christiani signantur*».

<sup>233</sup> J. DANIELOU, «L’histoire du salut dans la Catéchèse» in *La Maison-Dieu* XIX, Paris, 1952, 31ss.

Nesta leitura, o DCR de santo Agostinho mostra-nos que todos os factos a narrar prefiguram a Igreja futura. Assim: o «*diluvii sacramento, praenuntiabatur tamem...futura ecclesia, quam rex eius et Deus Christus mysterio suae crucis ab huius saeculi submersione suspendit*»<sup>234</sup>; O povo de Deus, representado em Abraão «*ecclesia figurata est*»<sup>235</sup>; os Patriarcas e os profetas, assim como os feitos que por meio deles se realizaram, constituem «*omnibus mysteria spiritalia significabantur, quae ad Christum et ecclesiam pertinerent*»<sup>236</sup>; a promulgação da tábua da Lei, escrita por Deus ao povo judaico «*signa rerum spiritalium ad dominum Christum et ad ecclesiam pertinentium*»<sup>237</sup>; a chegada à terra prometida, à Jerusalém «*gesta sunt in figuram venturi Christi et ecclesiae*»<sup>238</sup>; o cativo e o exílio da Babilónia «*figure significabat ecclesiam Christi...servituras fuisse sub regibus huius saeculi*»<sup>239</sup>; a conversão dos judeus e dos gentios (simbolizada na personagem do Apóstolo São Paulo) «*inserens eis Christum velut lapidem angularem, sicut per profetam praenuntiatus erat, in quo ambo quasi parietes de diverso venientes, de Iudaeis videlicet atque gentibus, germana caritate copularentur*»<sup>240</sup> ou então a perseguição «*adversus Christi ecclesiam*»<sup>241</sup>.

Enfim, todos estes acontecimentos narrados constituem e confirmam a ideia de que a Igreja é o cumprimento da profecia do Antigo e do Novo

---

<sup>234</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 32, CCL 46, 157.

<sup>235</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 33, CCL 46, 157.

<sup>236</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 33, CCL 46, 158.

<sup>237</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 20, 35, CCL 46, 159.

<sup>238</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 20, 36, CCL 46, 160-161.

<sup>239</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 21, 37, CCL 46, 161.

<sup>240</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 23, 43, CCL 46, 167.

<sup>241</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 23, 43, CCL 46, 167.

Testamento, aludindo a importância, a grandeza e a centralidade de Cristo, tal como é ensinado na catequese aos “rudes”.

#### **4.1.4 *Christum Narrare*: Cristo no centro da catequese**

Por detrás de todos os factos importantes que constituem as *mirabilia Dei* é claro que o acontecimento e o evento de Jesus Cristo assume uma importância única e particular. Não só porque ultrapassa todos os outros dados da história da salvação, de que já falámos, como também porque constitui o fim e a razão de ser de toda a pregação catequética.

Isto porque um dos conteúdos básicos e substanciais da narração catequética é, certamente, a Pessoa de Jesus Cristo, que está no âmago de toda e qualquer exposição da fé. Ele envolve toda a catequese e toda a narração<sup>242</sup>, visto que está revelado no Antigo e no Novo Testamento, pois Ele é a revelação das Escrituras Sagradas.

Neste sentido, convém sublinhar que o centro da mensagem cristã dos primeiros séculos, mormente no tempo de santo Agostinho, é a figura de Cristo, «apresentado não de acordo com uma biografia, mas tendo presente a função catequética de todo o anúncio»<sup>243</sup>, que vai desde a Encarnação – Cristo, que nasceu da Virgem Maria – até à Ressurreição. Isto porque no evento Jesus Cristo se integram e se concentram todos os outros acontecimentos, desde o início até ao

---

<sup>242</sup> Cf. W. YORKE FAUSSET, *S. Aurelii Augustini, Liber de catechizandis rudibus*, 2ª ed., London, 1912, 86.

<sup>243</sup> A.BOLIN-F.GASPARINI-G.ROCHA, *A catequese na vida Igreja. Notas de história*, Paulinas, Lisboa, 1996, 25.

fim da criação. Daí o fato de Cristo ser o centro da mensagem cristã de todos os tempos.

Agostinho entende, por isso, que o grande perigo da narração da história da salvação venha a ser o de não abranger o acontecimento essencial e ater-se a um mero conhecimento intelectual, histórica e exegética da narração<sup>244</sup>. Por isso ele aponta-nos para o acontecimento mais profundo, que é sempre, em última análise, a revelação do amor de Deus em Cristo Jesus. Pois, não basta anunciar os acontecimentos principais da história da salvação, senão descobrir o conteúdo teológico<sup>245</sup>, que constitui o objeto da nossa fé, que é Jesus Cristo, o cumprimento de toda a profecia.

Assim, podemos dizer que a narração catequética de santo Agostinho está magistralmente sintetizada de seguinte modo: «*Christum Narrat et dilectionem monet*»<sup>246</sup>.

Efetivamente, a *narratio* das maravilhas e da providência de Deus atinge a sua plenitude em Cristo, que é o acontecimento central que explica todos os demais, como culminação do amor de Deus aos homens, pois Cristo é a promessa da obra divina. Por meio de muitas profecias Cristo foi anunciado de uma forma explícita, como o salvador e libertador de todos os homens<sup>247</sup>.

---

<sup>244</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 5, CCL 46, 125: «*Non tamen propterea debemus [...] memoriter reddere, vel nostris verbis omnia quae his continentur voluminibus narrando evolvere et explicare*».

<sup>245</sup> Cf. J. DANIELÉLOU, *La catéchèse aux premiers siècles*, Paris, 1968, 227.

<sup>246</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 128.

<sup>247</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 21, 38, CCL 46, 163: «*apertius per multas prophetias prophetatus est Christus [...] qui venturum dominum Iesum Christum liberatorem omnium prophetarent*».

O bispo de Hipona entendeu isto muito bem, e por isso recomendou ao diácono Deográtias, que Cristo é o ponto de partida e o cume da narração cristã. Tal conceção expressa muito bem a teoria de «Cristo-centrismo»<sup>248</sup> de que fala a catequese moderna, como uma reação contrária a uma excessiva proliferação dos dados que fazem confundir o acessório com o fundamental e básico da narração catequética. Ou seja, o erro de não se distinguir os factos da história da salvação, colocando-os todos num mesmo patamar de importância. Esta proliferação pode acontecer, sobretudo, quando pretendemos abarcar toda a história da salvação, sem separar e sublinhar os factos mais importantes, que é a revelação de Deus ao homem, em Jesus Cristo.

Neste sentido, Agostinho pretende mostrar ao catequista Deográtias que há algo importante a ter em conta na catequese, e que afecta não tanto o conteúdo, mas a própria essência da exposição catequética em particular, e consequentemente, não há que tornar extensiva a catequese dirigida aos “rudes” assim como às pessoas “cultas”, pondo em relevo os factos, segundo os valores de cada um.<sup>249</sup> Pois, trata-se da tomada de consciência por parte do catequista de que ele não é o mero transmissor de uma crença e de uma vida que lhe transcende, mas sim que ele tem a missão de direccionar toda a sua instrução para a verdadeira fonte, para Deus. Deste modo, não é descabida a recomendação que Agostinho faz ao catequista Deográtias, chamando-lhe a atenção para que ele procurasse atuar de

---

<sup>248</sup> L. RESINES, «El Catecumenado en “De catechizandis rudibus”», in ETA 22, Valladolid 1987, 383.

<sup>249</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 8, 12, CCL 46, 134: «*Exponentium sollertissimae diligentiae, maximeque commendans in Scripturis canonicis admirandae altitudinis saluberrimam humilitatem, in illis autem pro sua cuiusque facultate aptum superbioribus et per hoc infirmioribus animis stilum sonantioris et quasi tornatoris eloquii*».

maneira que a sua narração fosse mais agradável, mediante a explicação e revelação de Deus: «*eligamusque aliqua ex his quae mystice dicta sunt in sanctis libris, et maxime in ipsa narratione, quae aperiendo et revelando noster sermo dulcescat*»<sup>250</sup>.

Partindo da centralidade de *Christum narrare*, o Hiponense, citando o Apóstolo São Paulo, resume toda a narração e explicação acerca de Cristo, dizendo:

«Deus, na sua misericórdia, quis libertar os homens [...]. Por isso Ele enviou o Seu Filho Unigénito, isto é, o Seu Verbo, igual a si mesmo, por meio do qual criou todas as coisas. Este Verbo, permanecendo na sua divindade e, sem se afastar do Pai nem mudar nada do seu ser, tornou-se homem e apareceu aos homens em carne mortal, apresentou-se entre os homens para que, assim como por um homem, que foi o primeiro a ser criado, isto é, Adão, entrou a morte em todo o género humano, porque ele consentiu à sua mulher seduzida pelo diabo e desobedeceu o mandato de Deus, assim também por um homem, que é Deus ao mesmo tempo, o Filho de Deus, Jesus Cristo, todos os que n'Ele crêem serão salvos e entrarão na vida eterna, uma vez apagados todos os pecados»<sup>251</sup>.

Nesta narração, encontramos uma reflexão teológica sobre o pecado de Adão em relação à humanidade. A instrução do DCR fala sobretudo de Cristo, da sua redenção, e da natureza humana, que pecou em Adão e foi erguida em Cristo<sup>252</sup>, que lhe deu a vida. Isto mostra-nos que o motivo dominante do DCR é Cristo redentor do homem, que veio indicado nos livros sagrados. Assim como o pecado de Adão atinge a todos os homens, assim Cristo, com a sua morte e

---

<sup>250</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 13, 18, CCL 46, 142.

<sup>251</sup>J. OROZ RETA, *Obras completas de San Agustin XXXIX, La catequesis de los principiantes*, 26, 52, BAC, Madrid, 1988, 529; cf. Rom 5, 12; 6,17.

<sup>252</sup> Cf. V. GROSSI, «La catechesi battesimale agli del V secolo», in *Ins. Patr. Aug.*, Roma, 1993, 30.

redenção, uniu a si todos os homens. Adão na morte e Cristo na vida. Há aqui uma dupla solidariedade, que nasce de um princípio de vida diversa.

Assim sendo, podemos concluir dizendo, por outras palavras, que o núcleo central da narração é Jesus Cristo, enquanto evento central da história salvífica, anunciado no Antigo Testamento, que se cumpre no Novo e manifesta-se no tempo contínuo da Igreja. Ele veio à terra para dar a conhecer ao homem quanto Deus o ama e para fazê-lo perceber que ele é chamado a responder e a render-se a este mesmo amor<sup>253</sup>.

#### **4.1.5 A concepção de Deus e do homem**

Durante a sua exposição catequética o bispo Hiponense procurou sempre apresentar os conteúdos da fé através de uma explicação teológica assente nos seus objetos principais, isto é, em Deus, no homem e no mundo.

Uma vez que a questão sobre a maneira como ele concebia a história e o mundo já foi tratado atrás (cf. o ponto 4.1.2), vamos, agora, abordar um pouco aquilo que é a concepção de Deus e do homem no DCR.

De fato, como temos vindo a analisar, toda a orientação catequética do DCR aponta, precisamente, para Deus, autor de todas as coisas boas e de grandes maravilhas em favor do homem. Deus tem um cuidado especial pelo homem, a ponto de fazer dele o ser supremo e dominador de toda a criação<sup>254</sup>.

---

<sup>253</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 128: «*Christus advenit, ut in eius dilectionem a quo prior eum diligat Deus*».

<sup>254</sup> Cf. Gen 2, 18.

Toda a narração e explicação da história sagrada revela-nos um Deus Todo-Poderoso e Onnipotente, que «*est super omnes Deus benedictus in saecula*»<sup>255</sup> e que sempre assiste o homem ao longo da história, através dos seus santos patriarcas e dos profetas. É o Deus de Abraão que criou o homem por amor e fez todas as coisas por meio do seu Verbo encarnado, Cristo Jesus. Devemos amar este Deus que é Pai e que nos amou até ao extremo, enviando-nos o Seu Filho único, que morreu nas mãos dos pecadores em favor dos pecadores<sup>256</sup>.

O Deus narrado na catequese aos iniciantes é um Deus de perdão, que é paciente para com as faltas do homem e que lhe oferece sempre a possibilidade de arrependimento, pois Ele é o Deus que conduziu o seu povo através do deserto e fê-lo entrar na terra prometida<sup>257</sup>. É um Deus fiel, que «*non mutatur*»<sup>258</sup> e que é o fundamento e garantia da salvação dos homens. É um Deus salvador, que na sua misericórdia infinita liberta todos os homens.

Naturalmente, a narração da história da salvação ao longo da catequese aos “rudes” traça também algumas ideias sobre a questão do homem.

Quem é o homem e qual é a conceção do homem que o nosso autor salienta na sua obra? (Não vamos aqui fazer um estudo filosófico sobre a conceção do homem em Agostinho, mas vamos nos cingir à sua obra em especial).

---

<sup>255</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 3, 6, CCL 46, 125.

<sup>256</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17, 28, CCL 46, 153: «*Ut unicum filium suum mitteret (cf. Jo 3, 16; 1 Jo 4, 10), qui humilitate nostrae mortalitatis indutus et a peccatoribus et pro peccatoribus moreretur*».

<sup>257</sup> Todo o relato da criação mostra-nos este Deus que cuida e assiste sempre o seu povo; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 31-32; 20, 36, CCL 46, 155-160.

<sup>258</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 25, 49, CCL 46, 173.

Partindo da sua própria experiência, e tal como ele referiu nas suas confissões, Agostinho entende que o homem é um ser que vive inquieto enquanto o seu coração não encontrar o repouso seguro em Deus<sup>259</sup>. Isto porque o homem é um ser ansioso, desejoso de Deus e com «*magnis laboribus requiem quaerunt et securitatem*»<sup>260</sup>, mas que nem sempre acaba por encontrar esta segurança e conforto, isto por causa dos seus desejos perversos, que faz com que ele as procure nas coisas efémeras e passageiras. Daí o nosso autor denunciar as vãs buscas do homem nas riquezas, nos prazeres, honras, frivolidades<sup>261</sup>, etc....

Sem ter uma concepção pessimista acerca do homem, o nosso autor entende, neste sentido, que a «*veram requiem et veram felicitatem desiderat, debet tollere spem suam de rebus mortalibus et praetereuntibus, et eam collocare in verbo domini*»<sup>262</sup>, isto é, que o verdadeiro descanso e a verdadeira felicidade do homem está em pôr a sua esperança não nas coisas deste mundo, mas nas Palavras de Deus, que o sustenta até ao fim.

Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem é também criado por Deus e para Deus. Deus comunicou ao homem o livre arbítrio para que este O pudesse louvar de livre vontade e descobrisse que só Deus é digno de ser louvado em todas as suas obras. No entanto, o homem «*peccato lapsus perdidit requiem, quam habebat in eius divinitate, et recipit eam in eius humanitate*»<sup>263</sup>, é chamado a recuperar a sua divindade na humanidade de Deus, através do Verbo encarnado.

---

<sup>259</sup> Cf. AUGUSTINUS, *Confessiones* I, 1,1, n° 30.

<sup>260</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 16, 24, CCL 46, 149.

<sup>261</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 16, 25, CCL 46, 149-150: «*Immarcescibilium bonorum inquisitio*».

<sup>262</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 16, 24, CCL 46, 149.

<sup>263</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17, 28, CCL 46, 153.

Há uma divinização do homem na humanidade de Deus, representada em Jesus Cristo.

Por um lado há a gratuidade da justificação por parte de Deus que ama o homem, fazendo-se próximo e seu amigo e, por outro lado, deve haver, da parte do homem, a correspondência grata ao amor de Deus, por ter sido justificado. Daí o homem não deve ser ingrato a este amor, desobedecendo a Deus e voltar a pecar.

Neste sentido, o homem é chamado a imitar o modelo supremo, o cume da história da salvação que é Jesus Cristo. Ele deve manter-se fiel a Cristo, a fim de poder receber d'Ele a recompensa dos bons e viver na cidade celeste<sup>264</sup>.

Isto porque, a história do homem corresponde, sem dúvida, à história da salvação. Aliás, como muitas vezes o santo Hiponense faz referência, há uma leitura e ideia do conjunto do processo histórico em paralelo à evolução do homem, representada em seis «idades do desenvolvimento humano»<sup>265</sup>: (primeira infância, infância, adolescente, juventude, maturidade, velhice) até chegar ao homem novo, ao homem espiritual, na sexta idade<sup>266</sup>.

Isto é um sinal claro de que Agostinho tem a consciência de que o homem vive em plena história sagrada.

---

<sup>264</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 19, 31; 27, 55, CCL 46, 155; 178: «*Quidquid autem homo [...] permanens toleravit, maior ei merces dabitur*».

<sup>265</sup> Para uma comparação das idades com as fases do desenvolvimento humano, cf. «Idades do homem», P. ARCHAMBAULT, «The ages of man and the ages of the world, a study of two traditions», in *Rev. Étud. August.* XII, Paris, 1966, 210.

<sup>266</sup> Agostinho diz-nos, no DCR, que a sexta idade do homem corresponde à chamada «graça espiritual», que se manifesta a todos os povos de maneira que todos possam adorar a Deus. Nesta sexta idade a vida humana será renovada à imagem de Deus; cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 164: «*Ex cuius adventu sexta aetas agitur: ut iam spiritalis gratia [...] ut hac sexta aetate mens humana renovetur ad imaginem Dei*».

## 4.2 A Exortação Ética

Terminada a narração da história da salvação, Agostinho, como vimos atrás, sugere ao diácono Deográtias que procurasse inculcar nos seus ouvintes a esperança da ressurreição, como forma de refutar as opiniões contrárias à fé e vencer as exigências da mesma. De facto, há uma preocupação, por parte do catequista Deográtias, em apresentar os conteúdos éticos e morais da fé cristã<sup>267</sup>, que faz com que os candidatos estejam, naturalmente, mais precavidos das tentações e escândalos que muitas vezes surgem ao longo da caminhada catecumenal.

É impossível condensar, em poucas linhas, as ideias éticas capitais que predominam no DCR de santo Agostinho. Mas, como é sabido, a exortação ética é uma aplicação prática da *narratio*.

Neste sentido, após a narração da história da salvação, vem o segundo momento da catequese moral, uma parte exortativa, que faz com que a catequese seja mais completa, isto porque na exposição catequética temos que acrescentar, a par dos conteúdos narrativos, as exortações éticas e morais. Ora, a catequese não deve terminar sem as exortações éticas, pois trata-se, naturalmente, de uma iniciação à vida realmente cristã, para que a Palavra acolhida e escutada durante a *narratio* não seja letra morta, mas que encarne na vida daquele que a escuta.

---

<sup>267</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 7, 11, CCL 46, 131: «*Fidei et morum expositio*».

Daí que no manual catequético DCR o santo Hiponense insista muito na seriedade da exigência e integridade da vida cristã<sup>268</sup>, isto porque o processo catequético tem que tocar no fim último da vida do catecúmeno, transformando-a e renovando-a mediante o fundamento ético cristão, que faz com que cada um responda ao apelo de Deus e se empenhe *hic et nunc* numa vivência cada vez mais conforme ao Evangelho e cada vez mais santa<sup>269</sup>.

Há uma exortação que convoca o recetor a organizar a sua vida e a converter-se de acordo com os comportamentos de Jesus.

Assim sendo, segundo o pedido do diácono Deográtias, o anúncio do juízo final, a esperança na ressurreição e da felicidade eterna... presentes no DCR, fazem parte da *praecepta* e da *exhortatio* que devem ser acrescentados durante a exposição catequética, para que o ouvinte saiba o que é deveras ser cristão.

#### **4.2.1 O juízo final e a esperança na ressurreição da carne**

Ao iniciar a sua exposição moral, Agostinho exorta os que queriam abraçar seriamente a religião cristã, e entrar na Igreja, a respeito da esperança na ressurreição do corpo e no juízo final, que vem tanto para os bons como para os

---

<sup>268</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 7, 11, CCL 46, 132: «*Simul etiam praecepta breviter et decenter commemorentur christianae atque honestae conversationis...*».

<sup>269</sup> Cf. J. DANIELOU, «*L'histoire du salut dans la catéchèse*» in *La Maison-Dieu* XIX, Paris, 1952, 35.

maus<sup>270</sup>. Isto porque o fim seguido pela narração da história da salvação consiste, precisamente, em revelar o amor de Deus e suscitar a esperança na ressurreição<sup>271</sup>.

Toda a exposição catequética no tratado sobre a catequese aos iniciantes, *De catechizandis rudibus*, tem por objetivo infundir no catecúmeno a esperança na ressurreição e a possibilidade de poder superar todas as tentações e escândalos. Porque, como previu o Hiponense, estas provêm até de dentro da própria Igreja. Daí que se torna necessário aproximar-se dos que amam a Deus, sem, no entanto, colocar neles a esperança, pois, só em Deus devemos depositar a nossa esperança<sup>272</sup>, na medida em que só Ele pode dar ao homem a graça da justificação.

Por um lado, Agostinho faz referência às perseguições que alastraram contra os primeiros cristãos, mas que, não obstante, continuam a crescer em número, apoiados no amor e na imitação de Cristo até o martírio<sup>273</sup>. Do mesmo modo que, muitas profecias já se tinham cumprido, os cristãos devem crer nas que ainda estão por cumprir, especialmente no Juízo final, quando os justos ressuscitarão para a vida eterna e bem-aventurada, e os injustos para o castigo eterno<sup>274</sup>.

Há uma esperança escatológica do já e ainda não da promessa da salvação e da vinda de Cristo, em definitivo, para julgar os vivos e os mortos. Por isso não

---

<sup>270</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 7, 11, CCL 46, 131: «...*De corporis resurrectione tractandum et futuri ultimi indicii bonitate in bonos*».

<sup>271</sup> Cf. J. DANÉLOU, *La catéchèse aux premiers siècles*, Paris, 1968, 233.

<sup>272</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 7, 11, CCL 46, 132: «*Ad extremum ne spes eius in homine ponatur*».

<sup>273</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27, 53, CCL 46, 176: «*Praedictum est non solum a prophetis, sed etiam ab ipso domino Iesu Christo, quod ecclesia eius universum orbem terrarum esset futura, per sanctorum martyria passionesque disseminata*».

<sup>274</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 24, 44, CCL 46, 168: «*Aedificamur ad fidem, ut etiam illa, quae restan, sustinentes et perseverantes in domino, sine dubitatione ventura credamus [...] et omnes pios ab impiis segregabit*».

haverá nenhum gozo maior do que a vida eterna, que os justos hão-de receber na ressurreição dos mortos.

Por outro lado, é verdadeiramente cristão aquele que abraça a fé por causa da vida eterna, porque ama e acredita em Deus, e não por medo do inferno. Neste sentido, os cristãos devem crer firmemente na ressurreição da carne, isto porque, Deus, na sua onipotência, há-de restaurar o homem e transformá-lo da incorruptibilidade celestial, segundo os méritos das suas obras<sup>275</sup>.

A esperança na ressurreição da carne e na vida eterna seguirá o juízo final de todos os homens, onde todos serão julgados para a vida eterna ou para a condenação dos mortos. Todos os fiéis que hão-de reinar com Cristo ressuscitarão em seus corpos de modo que mereçam ser transformados até alcançar a incorrupção dos anjos e tornar-se semelhante aos anjos de Deus<sup>276</sup>, vivendo para sempre em paz, na alegria e numa felicidade sem fim.

#### **4.2.2 A vera beatitudo**

Alcançar a ressurreição e a vida eterna constitui, sem dúvida alguma, o desejo e a vocação última de todos os homens. Aliás, a catequese, nas suas mais variantes formas e metodologias, deve procurar, em primeiríssimo conduzir o

---

<sup>275</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 25, 46, CCL 46, 169-170. «*Carnis resurrectio*».

<sup>276</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27, 54, CCL 46, 177: «*Omnes autem fideles regnaturi cum Christo, ita resurgente in eodem corpore, ut etiam commutari mereantur ad incorruptionem angelicum: ut fiant aequales angelis Dei*».

homem ao encontro com Deus, ou seja, à vida nova e à «*spiritualis gratia*»<sup>277</sup>, que se encontra na felicidade em Deus.

Crer e esperar na ressurreição da carne e na vida eterna faz com que o homem deseje a «*vera felicitatem*»<sup>278</sup> e coloque a sua esperança em Deus. É neste sentido a exposição catequética presente no DCR procura inflamar no ouvinte o amor e o desejo de uma vida feliz e eterna, num encontro face-a-face com Deus e na contemplação da Trindade<sup>279</sup>, que é a manifestação do amor e da comunhão divina.

Assim sendo, a *vera beatitudo* contrapõe as falsas felicidades que os homens procuram muitas vezes nos bens temporais e materiais, nas paixões fúteis e no deleite das honras e riquezas. Santo Agostinho chama a atenção para o facto de que os cristãos só gozam o verdadeiro descanso, a verdadeira felicidade, se amarem os preceitos de Deus, que prometeu a felicidade plena ao homem<sup>280</sup>. Isto porque a felicidade está em Deus, e quem encontra Deus encontra também a felicidade.

O verdadeiro cristão deve procurar a «*futuram sempiternam requiem Christiani esse coeperint*»<sup>281</sup>, porque o seu descanso seguro está em Deus. O cristão encontrará a «*beatitudinem sempiternum et perpetuam*»<sup>282</sup> que foi

---

<sup>277</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 22, 39, CCL 46, 163.

<sup>278</sup> AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 16, 24, CCL 46, 149.

<sup>279</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 25, 46, CCL 46, 170: «*Efficiemur enim, sicut ab illo promissum speramus et exspectamus, aequales angelis dei, et cum eis pariter illa trinitate perfruemur iam per speciem*».

<sup>280</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 16, 25, CCL 46, 150: «*Tu autem quia veram requiem quae post hanc Christianis promittitur, quaeris, etiam hic eam inter amarissimas vitae huius molestias suavem incundamque gustabis, si eius qui eam promisit, praecepta dilexeris*».

<sup>281</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17, 26, CCL 46, 151.

<sup>282</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 17, 27, CCL 46, 152.

prometida por Deus a todos os homens de boa vontade que levaram uma vida marcada pela caridade e na procura dos bens eternos.

### 4.2.3 O amor a Deus e ao próximo

Durante a exposição catequética, tal como dissemos atrás, a *narratio* da história da salvação nos conduzirá, de um modo instantâneo, à *exhortatio* moral. Ora, a exortação moral, por sua vez, projeta-nos para aquilo que é a síntese, por assim dizer, de todo o agir cristão, ou seja, abre-nos o caminho para a moral do Decálogo, resumido em dois mandamentos: o amor a Deus e o amor ao próximo.

Neste sentido, entendemos que toda a exortação moral culmina com o mandato de amor. Ou melhor, toda a narração e exortação catequética, toda a catequese, não só devem partir do amor de Deus – da *mirabilia Dei* – como também devem orientar-se para o Amor. Um amor que é dom e missão, que move todos os crentes, pois trata-se de amar a Deus e aos outros.

A partir do Decálogo – «*decalogum. Quae rursus ad duo rediguntur, ut diligamus Deum ex toto corde, ex tota anima, ex tota mente (Mt 22, 37); et diligamus proximum sicut nos ipsos*»<sup>283</sup>. – Agostinho faz um resumo dos dois grandes mandamentos de amor, como fundamento da moralidade cristã.

Assim, ele nunca se cansa de iluminar os mistérios cristãos através da experiência do amor, porque segundo ele, Cristo veio antes de mais para fazer o homem conhecer o quanto Deus o ama – «*Christus advenit, ut cognosceret homo*

---

<sup>283</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 23, 41, CCL 46, 165-166.

*quantum eum diligat Deus*»<sup>284</sup>. Mas este amor deve despertar o crente a corresponder também com amor<sup>285</sup>. O amor a Deus, que nos amou primeiro, e o amor aos irmãos, da mesma forma que Deus nos ama. Neste sentido, o Hiponense prossegue dizendo: «*et ideo cognosceret, ut in eius dilectionem a quo prior dilectus est inardesceret, proximumque illo iubente et demonstrante diligeret*»<sup>286</sup>.

Em suma, podemos dizer que, Agostinho abrilhanta o amor de Deus através da experiência do amor humano. Pois, ele nunca se cansa de expressar a mensagem que molda toda a sua pedagogia catequética, que é o amor recíproco a Deus e ao próximo.

Partindo do preceito evangélico de que devemos amar-nos mutuamente, Agostinho recomenda que amemos os nossos irmãos como amamos a nós mesmos, os seja, devemos amar os outros não em si mesmos, mas em função de Deus<sup>287</sup>, que neles se faz presença. Isto é muito importante durante a ação catequética. Agostinho universaliza a recomendação bíblica e estabelece, como norma o amor mútuo, que deverá ser o princípio do agir cristão.

Neste sentido, a caridade é entendida como amor pelo qual se ama a todos, durante a exposição catequética. Um amor que nos faz unir e aproximar-se dos ouvintes, com um amor fraterno, a fim de que a pessoa amada possa descobrir as maravilhas de Deus<sup>288</sup> e possa louvá-lo através das suas obras. Esta caridade tem o

---

<sup>284</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 128.

<sup>285</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 7, CCL 46, 126-127: «*Et ipsum deum, quoniam prior dilexit nos [...] saltem nunc redemare non piaget*».

<sup>286</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 4, 8, CCL 46, 128.

<sup>287</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 27, 55, CCL 46, 178: «*Quia non solum dilectio dei nobis praecepta est, sed etiam dilectio proximi in quibus duobus praeceptis tota lex et prophetae*».

<sup>288</sup> Cf. AUGUSTINUS, *De catechizandis rudibus*, 12, 17, CCL 46, 141: «*sed si in rebus contemplandis aliquantum proficimus, iam uolumus eos quos diligimus laetari et stupere, cum*

fim último em Deus e consiste em oferecer-se inteiramente àquele que precisa de nós, da nossa ajuda.

Assim como Cristo amou em primeiro lugar e fez-se próximo daqueles que estavam longe<sup>289</sup>, assim também aquele que educa deve fazer-se próximo dos que estão mais longe, isto é, dos que estão em maiores dificuldades.

---

*intuentur opera manuum hominum: sed uolumus eos in ipsam artem consilium eu institutoris adtollere, atque inde exurgere in admirationem laudem que omnireantis dei, ubi amoris fructuosissimus finis est».*

<sup>289</sup> Cf. R. CANNING, «The Unity of Love for God and Neighbour in S. Augustine», in AHI, Leuven-Heverlee, 1993, 249-330.

## CONCLUSÃO

Ao terminarmos este trabalho, podemos confirmar aquilo que Henri Irénée Marrou disse, um dia, ao escrever sobre a educação na Antiguidade: referindo-se ao *De catechizandis rudibus* do Hiponense, vê neste tratado sobre a catequese um contributo pedagógico com inquestionável relevância e valor ao longo dos séculos<sup>290</sup>.

Ora, passados mais ou menos XV séculos, o *De catechizandis rudibus* de Agostinho continua sendo um manual de sucesso e de uma atualidade e ressonância impressionante, não tanto pelo seu conteúdo e estrutura, mas acima de tudo pela sua pedagogia de ensino e repercussão que pode ainda ter para nós hoje. Isto porque, nesta obra aparece claramente a sua conceção pedagógica, na medida em que, além de explicar a Deográtias como deveria ensinar os catequizandos, identifica também as questões que se deveriam ter em consideração para que os ensinamentos cristãos fossem melhor assimilados pelos mesmos.

Enquanto a Igreja de hoje vai procurando respostas para muitas questões relativas à qualidade evangelizadora sobre a maneira ideal de transmitir a fé e de dar um novo impulso à catequese e evangelização, o DCR pode servir de luz e diretriz para responder a muitas questões e desafios.

Isto porque, as dificuldades manifestas pelo catequista Deográtias são, em grande parte, as mesmas de hoje, uma vez que têm a ver com o delicado e complexo processo de comunicação e de transmissão da fé. Ainda hoje, quantos

---

<sup>290</sup> Cf. H. I., MARROU, *História da educação na Antiguidade*, São Paulo, Brasília, 1975, 81.

de nós não se sentem na pele de Deográtias quando chega a hora de falar das verdades elementares da fé aos “rudes” de hoje, isto é, aos não iniciados na doutrina da Igreja? Por isso mesmo, nunca como hoje se insiste na importância dos métodos, de novas linguagens e modos de comunicação da fé.

Neste contexto, o DCR revela-se de uma surpreendente atualidade. De fato, a catequese contida no DCR modela-se sobre o modo de agir de Deus, que se manifestou através da história da salvação. Contudo, a pedagogia agostiniana não é somente bíblica, pois revela uma psicologia penetrante e perspicaz, que demonstra um conhecimento profundo da realidade humana mas também uma espiritualidade do catequista.

O DCR oferece-nos uma série de conselhos pedagógicos sobre a maneira de fazer catequese e o seu desenvolvimento a diversos auditores. Expressa uma grande delicadeza humana que põe o catequista em simpatia e relação de amizade com o recetor. Isto é muito importante, pois exprime o testemunho de fundo – a *hilaritas* – e o amor de Deus para com os homens. Ele sugere remédios práticos e sempre atuais que servem para evitar e combater o aborrecimento, tanto para quem escuta, como para quem educa. Neste aspeto, o DCR é um tratado único no seu género, um manual prático tanto para o catequista como para o catecúmeno.

Além disso, ensina também o método da pergunta-resposta (muito frequente no DCR), que servem para confirmar os verdadeiros motivos que estão na origem de uma adesão cristã. Este método é muito importante, pois, provoca e convoca o recetor, fazendo com que haja uma maior familiaridade e confiança.

Daí que, para observações de carácter pedagógico, o DCR mereça atenção para os catequistas e pregadores de hoje.

Efetivamente, santo Agostinho revela-se-nos nesta obra como dono de uma sensibilidade psicológica e pedagógica singulares. Se consideramos a atenção que dá às circunstâncias, inclusive materiais, do auditório; às suas motivações, distrações e às convicções; à sua capacidade de resistência e de escuta, e aos demais limites da sua compreensão. Esta sensibilidade e preocupação pelos seus ouvintes advém-lhe, sem dúvida, das leituras e da sua formação clássica e retórica, mas sobretudo da sua intensa experiência pastoral. Com o bispo de Milão, S. Ambrósio, Agostinho aprendera que não basta o conteúdo, mas é também importante a forma como se comunica o “depósito” da fé. Com a sua experiência de pregador e catequeta confirmou como era exigente a tarefa de garantir que a mensagem chegasse aos seus ouvintes, ao ponto de os fazer mudar de vida.

Pode-se, por isso, dizer que o mérito principal e o contributo mais importante que Agostinho nos deixou foi esta sensibilidade pedagógica e reflexão metodológica sobre a instrução cristã. E que este tratado apresenta-se como o resultado de uma elaboração doutrinal das teorias e práticas precedentes, e como ponto de partida, por outro lado, de posteriores experiências e propostas catequéticas.

A originalidade e atualidade de Agostinho revela-se, de resto, nessa sua sensibilidade psicológica e atenção ao ouvinte que o escuta. As suas sugestões didáticas são, por isso, de uma modernidade desconcertante. A sua reflexão sobre a relação entre intuição e expressão; a teoria e linguagem; o sentimento, como

condição e ao mesmo tempo como limitação da harmonia de linguagem; o ambiente, como elemento que favorece ou impede e dificulta o processo de aprendizagem. Pela sua atenção às condições psicológicas do catequizando a respeito à atenção dos ouvintes; pelas advertências aos “mestres” que não devem iludir-se com o título ou prestígio; no que concerne ao tédio, tanto do que ensina como do que escuta.

Por estas e muitas outras razões, Agostinho merece ser estudado. Á vista de todos estes aspetos que Agostinho toca no seu tratado, parece-nos estar diante de um compêndio da mais moderna problemática educativa<sup>291</sup>.

Enfim, ao terminar esta nossa dissertação estamos conscientes de que, sem fazermos uma leitura forçada do texto e convertê-lo num tratado sistemático da catequese e menos ainda dos problemas que a catequética moderna coloca em relação ao homem de hoje e as suas circunstâncias, há, sem dúvida, na proposta de Agostinho um contributo muito valioso para a tarefa evangelizadora dos nossos dias.

Estamos também conscientes de que o teor e valor de Agostinho e da sua obra merecia muito mais da nossa parte. Mas, fica-nos pelo menos a certeza de termos aproveitado das advertências pedagógicas e pastorais de Agostinho para a nossa futura orientação e experiência de aprendizagem neste caminho pedagógico do ensino e da transmissão da fé.

---

<sup>291</sup> A. MURA, *De catechizandis rudibus*, Brescia, 1961, 24.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

AGOSTINHO de HIPONA., *La catechesi ai principianti. “De catechizandis rudibus”*, in *Lectures cristiane delle origini XVI*, Paoline, Roma, 1984.

AGOSTINHO, *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*, Paulinas, São Paulo, 1991.

AGOSTINHO, *De catechizandis rudibus*, in *Helmantica*, Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca, 1971.

AGOSTINHO, *De catechizandis rudibus*, in *Sancti Augustini, Hipponensis Episcopi Opera Omnia*, Post Lovaniensium Theologorum Recensionem, Patrologiae Latinae Tomus XL, J.P. MIGNE, Paris, 1887.

AUGUSTINUS HIPONENSIS, *De catechizandis rudibus liber I*, Patrologia Latina 40, 309-348.

BAUER, I. B., *De catechizandis rudibus*, CCL, Vol. XLVI, 1969, 121-178.

COMBÈS, G., y FARGUES, J., *De catechizandis rudibus*, BA., Ed. belingue, vol. 11, Paris, 1949.

DA GLÓRIA NOVAK, M., *A Instrução dos Catecúmenos, Teoria e prática da catequese: Santo Agostinho*, Ed. Vozes Limitada, Petrópolis, 1978.

DE VEER, A., *De catechizandis rudibus*, Bibliothèque Augustinienne, Paris 1949, 547-549.

FUERTES LANERO, M.; GARMÓN, E.; OROZ RETA, J., *Obras completas de San Agustín XXXIX*, BAC, Madrid, 1988.

MURA, A., *S. Agostinho. De catechizandis rudibus*, 2ª ed., Brescia, 1961.

OROZ RETA, J., *San Agustín: «De catechizandis rudibus»*, con introducción y notas por A. Etchegaray Cruz, Salamanca, 1971, 448-534.

YORKE FAUSSET, W., *S. Aurelii Augustini Liber de catechizandis rudibus*, 2ª ed., London, 1912, 86.

#### **Outras obras de Agostinho e outras fontes patrísticas**

AGOSTINHO, *Confissões*, Imprensa nacional casa da moeda, Lisboa, 2000.

AUGUSTINUS HIPONENSIS, *De Doctrina Christiana*, CCL 32, Brepols, 1962.

AUGUSTINUS HIPONENSIS, *De Genesi contra Manichaeos*, CSEL 91, Viena, 1988.

AUGUSTINUS HIPONENSIS, *Epistolae* 102, CCL 31 (B), Brepols, 2009, 8-33.

AUGUSTINUS HIPONENSIS, *Sermones*, CCL 41, Brepols, 1961, 235-243; 397-412.

AUGUSTINUS HIPONENSIS., *Epistolae* 52, CCL 31, Brepols, 2004, 219-220.

AUGUSTINUS HIPONENSIS., *Retractationum*, CCL 57, Brepols, 1984.

AUGUSTINUS HIPONENSIS., *De civitate Dei*, CCL 47, Brepols, 1955.

MORAN, J., «La ciudad de Dios», in *Obras completas de San Agustín*, t. XVI-XVII, Madrid, 1958.

POSSÍDIO, *Vita Sancti Augustini. Patrologia Latina* XXXII; edizione critica e trad. italiana a cura di M. Pellegrino, Alba, 1955 (fondamentale).

TERTULIANO, *Traité du Baptême*, Texto latino com tradução e anotação de REFOULÉ, R. F., SC, Le Cerf, Paris, 1952.

### **Documentos do Magistério**

COMISSÃO EPISCOPAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Questa è la nostra fede. Nota pastorale sul primo annuncio*, Paoline, Milão, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II, Declaração *Gravissimum Educationis*, in AAS 58, 1965, 9-12.

CONCÍLIO VATICANO III, Decreto *Unitatis redintegratio*, in AAS 57, 1965.

III CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Semana Internacional de catequeses de Medellín.*, Medellín 1986, nºs 4-8.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, Roma, 1979.

JOÃO XXIII, *Discurso de abertura do Concílio Vaticano II*, Roma, 11 de Outubro de 1962.

PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, 7<sup>a</sup> edição, Braga, 1990.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directorio Geral da Catequese*, Ed. Secretariado nacional da catequese, Lisboa, 1971.

### **Instrumentos de trabalho**

ALONSO, C., *Analecta Augustiniana*, in specie III, Roma, 1910, IV; 1912, V, 1918 VIII; 1920, XVI, 1962, XXVII.

BERSELLI, C., *Inni a Cristo: nel primo milenio della Chiesa*. Letture Cristiane delle origini, Antologie 2, Ed. Paoline, Roma, 1981.

BLAISE, A.; CHIARAT H., *Dictionnaire Latin-Français des auters chrétiens*, Brepols, 1954.

CETEDOC, CENTRE TRADITIO LITTERARUM OCCIDENTALIUM, *Thesaurus Augustinianus*. Thesaurus patrum latinorum. Series A, formae Corpus Christianorum, Turnhout, Brepols, 1989-2003.

CONGRÈS INTERNATIONAL AUGUSTINIEN, *Augustinus Magister*, Études Augustiniennes, Paris, 1954.

DEKKERS E.- GAAR E., *Clavis Patrum Latinorum*, Bruges, 1962.

DI BERARDINO, A., *Diccionario Patristico y de la Antigüedad cristiana*, ed. Sígueme, Salamanca, 1991.

EICHER, P., (dir.) *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, Paulus, S. Paulo, 1993.

*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Ed. Verbo, Lisboa, vol. 1, 1975.

FAUBELL ZAPATA, V., *Antologia pedagogica calasancia*, Universidad Pontificia de Salamanca, Biblioteca Salmanticensis, 1988.

FITZGERALD, A., *Augustine Through the Ages: An Encyclopedia* Grand Rapid, Cambridge, 1999.

LAMPE G. W. H., (ed.), *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford, 1968.

LIDDELL-SCOTT, *A greek English Lexicon*, Vol. 1, Oxford 1968.

MAYER, C., (ed.) *Corpus Augustinianum Gissense*, Basel, 1996.

MAYER, C., *Augustinus-Lexicon*, Basel, 1986.

MORIONES, F., *Agostinho, Santo. Enchiridion theologicum Sancti Augustini*, ed. Catolica, Madrid, 1961.

PASCHINI, P., *Enciclopedia Cattolica*, Città del Vaticano, Firenze, 1948-1953.

PEDROSA, V. M.; NAVARRO, M.; LÁZARO, R.; SASTRE, J., *Nuevo diccionario de catequética*, vol. 1, San Pablo, Madrid, 1999.

QUASTEN, J., DI BERARDINO, A., *I Padri latini / Istituto Patristico Augustinianum di Roma*. Teologia Patristica, Torino, 1973.

VAN BAVEL, T. J., *Collectanea Augustiniana: Mélanges*. Bibliotheca ephemeridum theologicarum lovaniensium, Leuven, 1990.

VAN BAVEL, T. J., *Répertoire bibliographique de Saint Augustin*, Instrumenta Patristica III, Strenbrugge, 1963.

## **Estudos**

ALBERICH, E., *La Catéchèse dans L'Église*, Les éditions du Cerf, Paris, 1986.

AMARI, G., *Il concetto di storia in sant'Agostino*, Roma, 1951.

BALIDO, G., (a cura di), *Sant'Agostino: La felicità*, Piccola Biblioteca Agostiniana XXXVII, Roma, 2003.

BECKER, A., *L'appel des béatitudes. A l'écoute de S. Augustin*, Paris, 1977.

BEERNAERT, P. M., *Le verbe grec «katêchein» dans le N.T.*, Lumem Vitae 44, Bruxelles, 1989.

BOLIN, A.; GASPARINI, F.; ROCHA, G., *A catequese na vida Igreja. Notas de história*, Paulinas, Lisboa, 1996.

BOTTE, B., *Hippolyte de Rome. La Tradition Apostolique*, Paris, 1946.

DANIÉLOU J., *La catechesi nei primi secoli*, Leumann, Torino, 1969.

DANIÉLOU, J. -R. DU CHARLAT, *La catéchèse aux premiers siècles*, Fayard-Mame, Paris, 1968.

DANIÉLOU, J., *¿Que es la Catequesis?*, Celam- Claf, Marova, Madrid, 1968.

- DHO G.; CSONKA L.; NEGRI G.C., *Metodologia de la catequesis*, Sígueme, Pontificio Ateneo Salesiano, Salamanca, 1966.
- DRUILHE, M., *La catéchèse eucharistique de S. Augustin*, Paris, 1955.
- ETCHEGARAY CRUZ, A., *Storia della Catechesi*, ed. Paoline, Roma 1983.
- EXELER, A., *Essencia y mission de la catequesis*, Barcelona, 1968.
- FLORISTÁN, C., *Teología Práctica. Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca, 2009.
- GILSON, E., *A filosofia na Idade Média*, São Paulo, Brasil, 2001.
- GROSSI, V., *La catechesi battesimale agli initio del V secolo*, Institutum Patristicum «Augustinianum», Roma.
- HAMMAN, A. G., *A vida cotidiana de los primeros cristianos*, Palabra, Madrid, 2002.
- HAMMAN, A. G., *Os Padres da Igreja*, Paulinas, São Paulo, 1980.
- HAMMAN, A. G., *Santo Agostinho e o seu tempo*, Paulinas, São Paulo, 1989.
- KARL LÖWITH, *O sentido da História*, 70 ed., Lisboa, 1990.
- LOMBARDI, A., *S. Agostino educatore*, Roma, 1977.
- LUNEAU, AUGUSTE, *L'histoire du salut chez les pères d'Eglise*, Beauchesne, París, 1964.
- MARROU, H. IRÉNÉE, *História da educação na Antiguidade*, São Paulo, Brasília, 1975.

MAYER, CORNELIUS, «De Cathecizandis rudibus» in *Augustinus Lexicon*, Verlag/Publishers/editions Schwabe, Basel, 1984-1994, Vol. I, Col. 1, 797.

NEGRI, G.C., *La disposizione del contenuto dottrinale nel “De catechizandis rudibus” di Sant’Agostino*, Roma, 1961.

PEREIRA LAMELAS, I., *Santo Agostinho, A alegria da palavra, Gaudeo ubi audio*, ed. Tenacitas, Coimbra, 2012.

POUDERON, B., *D’Athènes á Alexandrie*, Quebec, Lovaina, Paris, 1997.

RESTREPO, F., *San Agustín: Sus metodos catequisticos, sus principales catequesis*, Madrid, 1924.

ROLAND-GOSSELIN, B., *La morale de S. Augustin*, Paris, 1925.

TRAPÈ, A., *Santo Agostino, l’uomo, il pastore, il mistico*, Fossano, 1989.

VAN DEN EYNDE, D., *Les normes de l’enseignement chrétien dans la littérature patristique des trois premiers siècles*, Paris, 1933.

VAN DER MEER F., *San Agustín, Pastor de almas*, Biblioteca Herder, Barcelona, Vol. 65, 1965.

WOOD G., *Didaché, Kerigma and Evangelization: New Testament Essays*, Manchester, 1959.

## **Periódicos**

ALCORTA, J. I., «El mensaje agustiniano del amor», in *Augustinus Magister* III, Paris, 1955, 357-364.

ARCHAMBAULT, PAUL, «The ages of man and the ages of the world – a study of two traditions», in *Revue des Études Augustiniennes* XII, Paris, 1966, 210-219.

AUDET TH. A., «Note sur les catecheses baptismales de saint Augustin», in *Augustinus Magister* II, Paris, 1955, 623-629.

BONNEFOY, J., «Le docteur chrétien selon St. Augustin», in *Revista Española de Teología* XIII, Madrid, 1953, 25-54.

BONNET, G., «Éthique et foi chrétienne dans la pensée de saint Augustin», in *Recherches Augustiniennes* XII, Paris, 1977, 46-104.

BOUHOT, J. P., «Une ancienne homélie catéchétique», in *Augustinianum* XX, Roma, 1980, 69-78.

BOUHOT, J. P., «Alcuin et le “De catechizandis rudibus” de saint Augustin», in *Recherches Augustiniennes* XV, Paris, 1980, 176-240.

BRESSAN, L. «Quali esperienze di annuncio proporre?», in *Notiziario dell'Ufficio Catechistico Nazionale*, n° 1, Abril 2001, 61-70.

BUSCH, A., «De initiatione christiana secundum doctrinam sancti Augustini», in *Ephemerides theologicae lovanienses* LII, Romae, 1938, 159-178; 385-483.

CAMPO DEL POZO, F., «La catequesis pastoral en el “De catechizandis rudibus”», in *Estudio agustiniano* VII, Valladolid, 1972, 105-127.

CANNING, R., «The Unity of Love for God and Neighbour in S. Augustine», in *Augustinian Historical Institute*, Leuven-Heverlee, 1993, 249-330.

CAPELLE, B., «Prédication et catéchèse», in *Questions liturgiques et paroissiales XXXIII*, Bruxelles, 1952, 55-64.

CILLERUELO, L., «El cristocentrismo de S. Agustín», in *Estudio agustiniano XVI*, Valladolid, 1981, 449-467; XVII, 1982, 53-94; XVIII, 1983, 313-342.

CONGAR, Y., «Aimer Dieu et les hommes par l'amour dont Dieu aime?» in, *Revue des Études augustinienne* XXVIII, Paris, 1982, 86-99.

CORDOVANI, R., «Il De catechizandis rudibus di sant'Agostino questioni di contenuto e di stile» in *Augustinianum VI*, Roma, 1966, 489-527.

DANIÉLOU, J., «l'histoire du salut dans la catéchèse», in *La Maison-Dieu XIX*, Paris, 1952, 19-35.

DANIÉLOU, J., «La typologie de la semaine au IV siècle», in *Recherches de Science Religieuse XXXV*, Paris, 1948, 382-411.

DE ALCORTA, I. J., «El mensaje agustiniano del amor», in *Augustinus Magister III*, Paris, 1955, 357-364.

DER LOF, VAN, «The date of the “De catechizandis rudibus”», in *Vigiliae Christianae XVI*, Amesterdão, 1962, 198-204.

ERNOUT, A.; MEILLET, A., «Rudis» in *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, Paris, 1979.

ETCHEGARAY CRUZ, A., «El “De catechizandis rudibus” y la metodología de la evangelización agustiniana», in *Augustinus XV*, Madrid, 1970, 349-368.

ETCHEGARAY CRUZ, A., «Kérigma y telogía de la evangelización en el “De catechizandis rudibus”», in *Augustinus XVI*, Madrid, 1971, 47-68.

EXELER, A., «Catequesis y pedagogía: la Unidad entre experiencia de la fe y existencia cristiana», in *Concilium LIII*, Ed. Crisandad, Madrid, 1970, 409-420.

FOSSION, A., «La conversion missionnaire de la catéchèse. Proposition de la foi et première annonce», in *Lumen Vitae*, Bruxelles, 2009, 124-139.

GRASSO, D., «Saint Augustin évangelisateur», in *Parole et Mission VI*, Paris, 1963, 357-378.

JUBANY, N., «San Agustín y la formación oratoria cristiana», in *Analecta Sacra Terraconensia XV*, Roma, 1942, 9-22.

KESELING, P., «Augustin und Quintilian», in *Augustinus Magister I*, Paris, 1954, 201-204.

LAMIRANDE, E., «La signification de Christianus dans la théologie de S. Augustin et la tradition chrétienne», in *Revue des Études Augustiniennes IX*, Paris 1963, 221-234.

OGGIONI, G., «Il “De catechizandis rudibus” di Sant’Agostino, catechesi per i lontani» in *La Scuola Cattolica XCI*, Milano, 1963, 117-126.

OGGIONI, G., «Il problema dell'educazione religiosa. La ricerca del metodo didattico», in *S. Agostino educatore*. Atti della Settimana Pavese 2, Pavia, 1971, 75-98.

RESINES, L., «El catecumenado en el «De catechizandis rudibus», in *Estudio agustiniano XXII*, Valladolid, 1987, vol. 22, 373-393.

RODRÍGUEZ, I., «El catecumenado en la disciplina de Africa según san Agustín», in *Contribución española a una misionología Agustiniana*, Burgos, 1955, 160-174.

SINISCALCO, P., «Christum narrare et dilectionem monere. Osservazioni sulla “narratio” nel “De catechizandis rudibus” di Santo Agostino», in *Augustinianum XIV*, Roma, 1974, 605-623.

SOLIGNAC, A., «La conception augustinienne de l'amour», in *Bibliothèque Augustinienne XIV*, Paris, 1962. 617-22.

TOUTON, I. G., «La méthode catéchétique de S. Cyrille de Jérusalem comparée à celles de S. Augustin et de Théodore de Mopsuste», in *Proche Orient Chrétien I*, Jérusalem, 1951, 265-285.

VAN BAVEL, T. J., «Il primato dell'amore in Agostino», in *Ripensare Agostino: interiorità e intenzionalità*. Atti del IV Seminario internazionale del Centro di Studi Agostiniani di Perugia, *Studia Ephemeridis Augustinianum XLI*, Roma, 1993, 87-98.

WILMART, A., «Manuscrits du “De catechizandis rudibus”», in *Revue Bénédictine XLII*, Paris, 1930, 263-265.

# ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS.....	4
INTRODUÇÃO.....	8

## CAPÍTULO I

### **A Catequese e a transmissão da fé**

1.1 A renovação da catequese pelo regresso às fontes.....	13
1.2 A Catequese na Igreja Antiga.....	16
1.2.1 Fundamentação Bíblica.....	17
1.2.2. Relação entre o «primeiro anúncio» e a Catequese.....	19
1.3 A catequese pré-agostiniana.....	22
1.4 O catecumenato: origem e desenvolvimento.....	27
1.4.1 O catecumenato e a catequese no tempo de Santo Agostinho.....	30
1.4.2 Santo Agostinho, pastor e catequista.....	33
a) Santo Agostinho, o pregador.....	36
b) Santo Agostinho, o pedagogo.....	38

## CAPÍTULO 2

### ***O De catechizandis rudibus***

2.1 Texto e contexto.....	41
2.2 Título e destinatários do <i>De catechizandis rudibus</i> .....	45
2.3 Um manual de metodologia catequética: estrutura.....	50
2.3.1 Primeira parte, DCR 2-15.....	52
2.3.2 Segunda parte, DCR 16-27.....	56

## CAPÍTULO 3

### A teoria catequética no *De Catechizandis Rudibus*

3.1 Dificuldades em comunicar a fé.....	63
3.1.1 Como superar as dificuldades na transmissão e exposição da fé.....	66
3.1.2 A caridade, princípio e fim da catequese .....	71
3.1.3 A <i>hilaritas</i> como condição essencial.....	76
3.2 O lugar da Sagrada Escritura na catequese .....	79
3.3 A <i>Narratio</i> .....	82
3.3.1 A <i>Narratio</i> na exposição catequética .....	83
3.3.2 <i>De Modo Narrationis</i> .....	86
3.3.3 A <i>Exhortatio</i> .....	89

## CAPÍTULO 4

### Os Conteúdos da catequese

4.1 Os Conteúdos da fé.....	93
4.1.1 A Narração da História da salvação .....	95
4.1.2 As idades do mundo e a visão teológica da história .....	100
4.1.3 As <i>Mirabilia Dei</i> – Providência de Deus .....	104
4.1.4 <i>Christum Narrare</i> : Cristo no centro da catequese .....	110
4.1.5 A conceção de Deus e do homem .....	114
4.2 A Exortação Ética.....	118
4.2.1 O juízo final e a esperança na ressurreição da carne.....	119
4.2.2 A <i>vera beatitudo</i> .....	121
4.2.3 O amor a Deus e ao próximo .....	123
CONCLUSÃO.....	126
BIBLIOGRAFIA .....	130